

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA INSTITUCIONAL**

MALLY TEIXEIRA FREIRE

**“OCUPAR, RESISTIR, CONSTRUIR E MORAR”:
MANGUEZAL BERÇÁRIO DE MEMÓRIAS**

**VITÓRIA
2010**

MALLY TEIXEIRA FREIRE

**“OCUPAR, RESISTIR, CONSTRUIR E MORAR”:
MANGUEZAL BERÇÁRIO DE MEMÓRIAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito final para obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Institucional.

Orientadora: Prof^a Dr^a Lilian Rose Margotto

Co-orientadora: Prof.^a Dr.^a Elizabeth Maria Andrade Aragão.

**VITÓRIA
2010**

EPÍGRAFE

Que este pequeno esforço e ajuda contribua para uma dissertação repleta de originalidade e desbravamento, que buscou integrar a visão de um mundo visto somente pelo lado de fora entre um mundo visto através de um caleidoscópio cheio de fragmentos a serem compreendidos e girados, até que um dia os olhos da grande máquina-mão, geradora-giratória e mantenedora desta sociedade possa abrir os olhos e colorir seus pedaços muitos estilhaçados pela labuta diária dessas peças afórmicas que compõem e refletem pelo triangular espelho a sua verdadeira forma, com dignidade, sempre.(Dérika Freire, 2010)

MALLY TEIXEIRA FREIRE

**“OCUPAR, RESISTIR, CONSTRUIR E MORAR”:
MANGUEZAL BERÇÁRIO DE MEMÓRIAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito final para obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Institucional.

Aprovada em 27 de agosto de 2010

COMISSÃO EXAMINADORA

PROF^a. DR^a. LILIAN ROSE MARGOTTO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
ORIENTADORA

PROF^a. DR^a. ELIZABETH MARIA ANDRADE ARAGÃO.
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CO-ORIENTADORA

PROF^a DR^a GILADE MARCHEZI TAVARES
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

PROF^a. DR^a. KÁTIA FARIA DE AGUIAR
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
MEMBRO EXTERNO

AGRADECIMENTOS

Cursar o mestrado na UFES, especificamente no Programa de Pós Graduação em Psicologia Institucional, foi para mim uma inesquecível experiência, pois me vi embrenhada em veredas e línguas anômalas à minha. Conhecer e pertencer ao “Bando” me fez, com certeza, um ser humano melhor, por tudo isso, agradeço:

Às professoras do Mestrado da UFES / PPGPSI, que com seu conhecimento contribuíram para o meu processo de transformação interior e facilitaram minha jornada nesse período.

À orientadora Professora Doutora Lilian Rose Margottto que apresentou autores que me levaram além do espelho, no qual a partir daí, a noção de tempo, espaço e, principalmente, realidade, transformaram-se em totais imprevisibilidades. Sua paciência em me ajudar a centrar o foco, após o giro do caleidoscópio, e seu acompanhamento e estímulo constante e por acreditar nessa pesquisa.

À incansável Co-orientadora Professora Doutora Beth Maria Aragão pelo seu carinho e estímulo que me fizeram dar o “salto”, que alavancou o início da minha escrita, ficando na minha lembrança aquelas tardes maravilhosas dos encontros do Grupo de Orientação, na ditosa Varanda de sua casa. Profissionais estas que se tornaram pessoas inesquecíveis e queridas para mim.

Aos colegas do Mestrado pelo companheirismo e pelos bons encontros, e troca de experiências.

Às amigas (ciganas Ju e Jana), em cujos encontros a energia da dança se fazia presente, nos fazendo girar na espiral da vida e do tempo, um tempo só nosso.

À Fernanda, nossa amável e eficiente secretária que nos dava todo o apoio nas horas críticas.

Aos sujeitos da pesquisa, que se dispuseram afavelmente a contar suas histórias, banhadas de emoção, com a perspectiva de estarem contribuindo no colher de

memórias que estão espalhadas na Paisagem-Manguezal do bairro Dom João Batista.

Agradeço aos meus filhos, que me apoiaram com amor, criando condições para que eu pudesse me dedicar às horas de leituras, à pesquisa de campo e à elaboração desta dissertação.

Agradeço ainda aos amigos pela compreensão diante de minha ausência nos finais de semana ao longo desse percurso.

RESUMO

“OCUPAR, RESISTIR, CONSTRUIR E MORAR”: MANGUEZAL BERÇÁRIO DE MEMÓRIAS

Este trabalho é uma produção da pesquisa de mestrado e se caracteriza pelo destaque dado à História Oral, uma ferramenta valiosa à análise da intersecção entre a vida individual e um dado contexto social. Ao entendermos como um método que favorece a criação de fontes históricas a partir de depoimentos; contribui-se para a recuperação de memórias e obtêm-se documentos não escritos. Neste contexto, o entrevistado é considerado um agente histórico e sua visão acerca da experiência e dos acontecimentos sociais que passaram, faz parte da reconstrução de um passado recente. Documentos obtidos com a via da História Oral permitem ao sujeito relembrar e ao mesmo tempo legitimar esta história no presente, que aborda o processo de formação do bairro Dom João Batista/Vila Velha/ES. Os relatos orais e a interpretação dos depoimentos reconstróem a história de ocupação e formação do bairro, uma história contada a partir de nosso objeto de estudo, o Manguezal. Compreendemos as memórias que por ele foram evocadas pelos ocupantes da área, desde os anos de 1980 até hoje, recompondo tempos e espaços de diferentes experiências vivenciadas, direta ou indiretamente, na luta pela moradia. Experiências individuais que se inscrevem no coletivo, como ensinam Halbwachs e constroem assim, o pano de fundo a uma leitura do processo de formação de um determinado território urbano. A pesquisa se apóia em autores como Walter Benjamin e Michel Pollak, destacando a necessidade da existência de lugares de memória, sobretudo, pela escassez cada vez maior na sociedade moderna de práticas que privilegiem a comunicação e troca de experiências. A faculdade de narrar quanto à de ouvir estariam em declínio (ou já desapareceram), e é justamente em função desta, que nossa pesquisa se volta na busca de experiências vividas de dentro para fora de um bairro, ligadas a um significado e a uma pertinência.

Palavras-chave: Processos de urbanização

ABSTRACT

"OCCUPY, RESIST, BUILD AND LIVE": MEMORIES OF MANGROVE NURSERY"

This work is the product of Master's thesis and is characterized by an emphasis on Oral History, a valuable tool in the analysis of the relationship between the individual life and a given social context. This method favours the creation of historical sources from testimonies, by contributing to the retrieval of memories and obtains unwritten documents. In this context, the respondent is considered an historical agent and his views on the experiences and social events forms part of the reconstruction of the recent past. Documents obtained by means of oral history allow the subject to remember and at the same time to legitimize the current story, which addresses the process of forming the João Batista / Vila Velha / ES district. The oral histories and the interpretation of these statements retell the history of employment and the formation of the district, a story told from the perspective of our object of study, the mangrove. We understand from his memories that it was raised by the occupants of the area from the 1980s to the present day, rebuilding times and spaces of different experiences, directly or indirectly in the struggle for housing. As Halbwachs teaches, the individual experiences which form part of the collective build the background up of the formation process of a given municipal area. The research is supported by authors such as Walter Benjamin and Michel Pollak, who highlight the need for the existence of places of memory, because of the increasing scarcity in modern society practices that emphasize communication and the exchange of experience. The ability to narrate and hear may be in decline (or have already disappeared), and it is precisely because of this, that our search turns into a pursuit of experiences from within the district which have meaning and a relevance.

Keywords: Process of Urbanization

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	11
1.1 COMO SURGE O PROJETO? O ANTES.....	11
1.2 COMO FOI SE DEFININDO O PROJETO? O DURANTE.....	15
CAPÍTULO 1.....	22
1. O JEITO COMO FOI TECIDA A DISSERTAÇÃO.....	23
CAPÍTULO 2.....	34
2. PORQUE O MANGUEZAL E O BAIRRO DOM JOÃO BATISTA ?.....	35
2.1 LUGAR E EXPERIÊNCIA.....	35
2.2 COMEÇA A TECITURA	37
CAPÍTULO 3	47
3. A PAISAGEM E A MEMÓRIA.....	48
3.1 MANGUEZAL : Nossa paisagem de estudo.....	62
CAPÍTULO 4.....	66
4. O MANGUEZAL ONTEM E HOJE	67
4.1 MARÉS DO TEMPO.....	69
4.1.1 A História que Já Foi Contada.....	73
4.1.2 O jeito que foi tecido o bairro Dom João Batista.....	74
4.2 ESTRATÉGIAS DE OCUPAÇÃO: O ONTEM A PRIMEIRA ETAPA.....	79
4.2.1 A Retirada dos Invasores: artimanhas políticas.....	80
4.2.1.1 Teimar e ocupar.....	82
4.2.1.2 A Igreja e o Grito pela Terra.....	83
4.2.1.3 Força feminina: movimento ondulante.....	88
4.3 O ONTEM - A SEGUNDA E A TERCEIRA ETAPA.....	90
4.4 O HOJE CONQUISTAS.....	92
4.4.1. Habitar Brasil: a urbanização sonhada.....	92

5. CONCLUSÕES.....	103
6. CONSIDERAÇÕES.....	106
7.REFERÊNCIAS.....	111
8. APÊNDICES:	117
ANEXOS.....	157

1. INTRODUÇÃO

1.1 COMO SURGE O PROJETO? O ANTES.

Como escrever sobre minha trajetória até aqui, por onde começar? São tantos os fios para se tecer uma breve história. O pensar me remete há alguns anos, onde como docente de uma Instituição particular de ensino superior, lecionando disciplinas nos cursos de ciências biológicas e nutrição, fui categoricamente 'intimada', a cursar o mestrado. Nesse momento tinha que resolver rapidamente qual mestrado, tema e onde cursar. Nessa Instituição começava o mestrado em Ecologia de Ecossistemas, a princípio pensei em fazê-lo, mas não consegui 'Sentir' algo que fosse despertar potência. Queria o novo, um abrir a novas possibilidades que viessem arejar meus saberes e dar suporte aos meus anseios, quanto às questões ambientais, pelo viés do humano, como parte integrante do Todo e não como simples agente modificador das condições físicas, químicas e biológicas do meio onde atua.

Sabia que era na área de humanas, mas não imaginei estar aqui na psicologia.

ESTRANHAMENTO E PERTENCIMENTO

Fato curioso, e também motivo de preocupação e estranhamento, se deu quando ao concorrer ao programa de mestrado em Psicologia Institucional, e mais ainda, ao ingressar e iniciar essa jornada, muitos colegas de profissão se mostraram surpresos com minha escolha, não compreendendo, num primeiro momento, quais os objetivos de um biólogo propor a si mesmo essa discussão entre psicologia e ecologia. Isso pode demonstrar a atual distância entre essas duas áreas do saber, ainda que seja clara a necessidade de uma visão sistêmica em um mundo cada vez mais sem fronteiras.

De imediato, a pergunta que sobreveio foi: estará a psicologia muito encerrada em suas próprias subjetividades, o que a impede de lançar verdadeiramente seu olhar sobre um ser humano integral do ponto de vista bio-psico-socio-

cultural, ainda que se proponha constantemente a tal? Ou terá sido a ecologia que não vislumbrou ainda a presença intrínseca da natureza no ser humano também pelo aspecto emocional, e por esse motivo, não recorreu à compreensão desse ser humano tanto quanto se propõe a compreender os processos da natureza?

Acredito que ambas as questões são procedentes.

E a abertura do olhar ao outro começou ao ler *As Três Ecologias*, que aborda os espaços: social, a psique e a natureza¹. Nessa leitura percebi que não podemos percebê-las como caixas isoladas, mas com interpenetrações complexas de seus espaços. Na realidade há um entrelaçamento entre o natural, o social e o mental Guattari (1990) Dessa forma há a necessidade de um conhecimento que dialogue com a filosofia, a geografia, a biologia e a sociologia. E como?

Estar no mundo, no fluxo da vida é crescer, é criar de forma constante um amadurecer. Estar na vida de forma e não em fôrma, essas duas palavras quando colocadas num de nossos encontros por Beth Barros²(informação verbal), mexeram comigo como um disparador, pois sem conhecer profundamente termos ou correntes filosóficas, senti contentamento por estar no “Bando³”! Uma sensação de Pertencimento

¹ Natureza- A expressão **Natureza** (do latim: *natura, naturam, naturea* ou *naturae*) aplica-se a tudo aquilo que tem como característica fundamental o facto de ser *natural*: ou seja, envolve todo o ambiente existente que não teve intervenção antrópica Dessa noção da palavra, surge seu significado mais amplo: a Natureza corresponde ao mundo material e, em extensão, ao Universo físico: toda sua matéria e energia, inseridas em um processo dinâmico que lhes é próprio e cujo funcionamento segue regras próprias (estudadas pelas ciências naturais). Disponível em:< <http://pt.wikipedia.org/wiki/Natureza>> Acesso em 14/04/2010

² Maria Elisabeth Barros de Barros - Professora Doutora do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo. Primeira Aula da disciplina Metodologia da Pesquisa em março de 2008.

³ Bando -“Dizemos que todo animal é antes um bando, uma matilha. Que ele tem seus modos de matilha, mais do que características, mesmo que caiba fazer distinções no interior desses modos. É esse o ponto em que o homem tem a ver com o animal. Não nos tornamos animal sem um fascínio pela matilha, pela multiplicidade. Fascínio do fora? Ou a multiplicidade que nos fascina já está em relação com uma multiplicidade que habita dentro de nós?” DELEUZE, G.;

Estranhamento e Pertencimento num fervilhar de trocas e afetos – mútua pertença e nessa cadência vamos todos em ondas, movimentos... **VIDA.**

Alianças e Devires

Somos um grau de potência, definido por nosso poder de afetar e de ser afetado, e não sabemos o quanto podemos afetar e ser afetados, é sempre uma questão de experimentação. Não sabemos ainda o que pode o corpo, diz Espinosa: “Vamos aprendendo a selecionar o que convém ao nosso corpo, e o que não convém como ele se compõe, se decompõe o que aumenta sua força de existir, e a diminui, e, por conseguinte, o que resulta em alegria, ou tristeza.”. Em *Ética III* (1973) ele trata do tema das afecções, abrindo um vasto campo para pensarmos a potência do corpo nos encontros. Ele diz: “Por afecções entendo as afecções do corpo, pela qual a potência de agir desse corpo é aumentada ou diminuída, favorecida ou entravada, assim como as idéias dessas afecções” Espinosa (1973, p.178). Os encontros alegres, ou bons encontros, longe de um reducionismo moralista, seriam aqueles que fariam aumentar a potência do corpo, ao contrário dos encontros tristes, ou maus encontros. Um jogo de forças que se produz no acontecimento, pelo qual se pressupõe a capacidade do corpo em afetar e ser afetado

Vamos aprendendo a selecionar nossos encontros, e também a compor e isto é uma grande arte. Vamos realizando Alianças e Devires⁴. "Os modos de vida

GUATTARI, F. Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia, vol. 4; tradução de Suely Rolnik. - São Paulo: Ed. 54, 1997 176 p.- Coleção Trans.

⁴ Devires-"Devir é jamais imitar, nem fazer como, nem ajustar-se a um modelo, seja ele de justiça ou de verdade. Não há um termo de onde se parte, nem um ao qual se chega ou se deve chegar. Tampouco dois termos que se trocam. A questão "o que você está se tornando?" é particularmente estúpida. Pois à medida que alguém se torna, o que ele se torna muda tanto quanto ele próprio. Os devires não são fenômenos de imitação, nem de assimilação, mas de dupla captura, de evolução não paralela, núpcias entre dois reinos." (DELEUZE PARNET, 1998, p.10)

inspiram maneiras de pensar, os modos de pensar criam maneiras de viver”. Gilles Deleuze⁵.

Citando Beth Barros⁶ na sua primeira aula, na segunda turma do mestrado em Psicologia Institucional, que define o conceito de humano como o “vivente dinâmico em processualidade e que no encontro e no diálogo com o outro (consigo e com o meio) constitui a si e ao mundo”. E ainda que a vida seja marcada pelo seu caráter de imprevisibilidade.

E nesse embate de contágio, o devir nasce formando alianças, bando, matilhas, justamente por colocar em jogo diferentes seres, de escalas e reinos totalmente diferentes, que adquirem um novo estatuto à medida que são capazes de produzirem suas simbioses⁷.

A minha aproximação com o tema se deve, sobretudo a participação enquanto profissional da área, nas ações coercitivas de fiscalização empreendidas pela Prefeitura Municipal de Vila Velha – ES, em 1987 e 1988 e pela Secretaria Estadual Para Assuntos de Meio Ambiente – SEAMA, nos anos 1989 a 1993, visando conter a ocupação do manguezal. Nessa época a abordagem e envolvimento se deram puramente no âmbito da neutralidade e do positivismo, como gestora, no afã de fazer cumprir o que dispõe a legislação ambiental vigente

⁵ DELEUZE, G. – Nietzsche. Lisboa: Edições 70, 1994. p.17-18.

⁶ Aula ministrada em 11 de março de 2008, disciplina Metodologia de Pesquisa com o tema: A Cartografia como Método de Pesquisa, para a segunda turma do Mestrado de Psicologia Institucional - UFES

⁷ Simbioses- A palavra simbiose significa “viver junto”. Aqui no texto foi utilizada no seu sentido amplo, o que significa um viver junto numa interação harmônica (em que apenas um dos indivíduos leva vantagem, mas sem causar dano ao outro ou quando é benéfica para ambos os seres envolvidos) E ainda há casos que a relação simbiótica é necessária para a sobrevivência de ambos e a relação simbiótica que pode ser desarmônica quando a vantagem é apenas de um dos seres, e este afeta nocivamente o outro.

Participei da equipe de governo, na Prefeitura Municipal de Vila Velha – ES, em 2001, para cumprir as propostas de governo quanto à área de saneamento e meio ambiente, de projetos e programas sócio-ambientais implementados junto às comunidades ribeirinhas, principalmente após o advento das enchentes que assolaram o município, nos anos de 2001 e 2004. Com envolvimento baseado numa outra postura talvez suscitada pela situação de “risco” à vida dos moradores ribeirinhos, a prática de atuação começa a delinear formas múltiplas de encontros, descortinando, revelando ser possível mudança no “fazer” já estabelecido, um verdadeiro re-olhar de suas pertencas, o lugar vivido e experienciado.

1.2. COMO FOI SE DEFININDO O PROJETO? O DURANTE.

Caminhos e Rastros da História

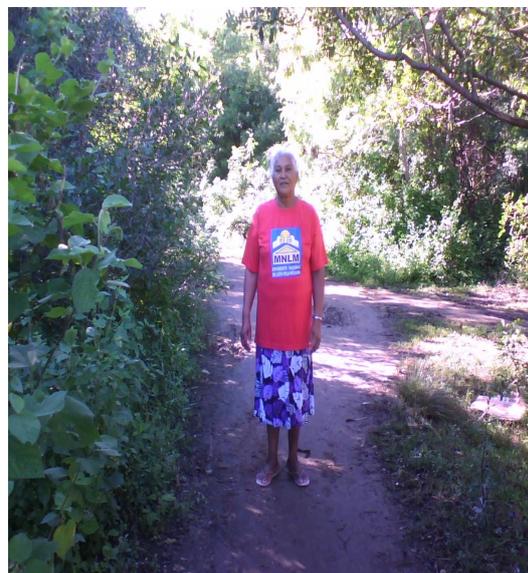


Figura 1.2: Manguezal da Glória (1988) e direita foto atual (2010).

Fonte: Movimento Moradia/Freire 2010

Realmente pensei que era só isso que me Movia. O campo começou com o dispositivo Maria Clara⁸, pois foi ela quem conduziu esse fio da história que vou contar, ao trazer as memórias do bairro Dom João Batista. Ela, como participante ativa e totalmente implicada no Movimento de Moradia me conduziu nesse ‘mar de memórias’ e diz que me levaria onde tudo realmente começou e me deixei levar no fluxo de suas lembranças. E numa tarde de final de verão⁹, chegamos caminhando desde sua casa no bairro Aribiri até o bairro da Glória, precisamente no Manguezal¹⁰ que contorna o Morro da Manteigueira¹¹.

Ouvia atentamente cada palavra, gravando sua fala, registrando seus gestos, suas expressões faciais molhadas de suor e contidas pelo ofegar do cansaço, mas suavizadas sempre por um sorriso ao cumprimentar quem passava e exultante ao apontar como o local estava bonito, a vegetação de mangue¹² preservada.

⁸ Maria Clara Atualmente com 74 anos, mãe de 06 (seis) filhos, moradora do Município de Vila Velha. Iniciou sua militância na Igreja Católica e participou do processo de criação das Comunidades Eclesiais de Base na Arquidiocese de Vitória. É coordenadora do Movimento Nacional de Luta por Moradia no Espírito Santo e milita há anos nos movimentos sociais em prol de moradia digna. Foi eleita vereadora em 1988, no município de Vila Velha. É filiada ao Movimento Nacional dos Direitos Humanos.

⁹ A visita ocorreu em 20/03/2009, numa tarde quente de final de verão.

¹⁰ O Manguezal é um ecossistema costeiro, de transição entre os ambientes terrestre e marinho, uma zona úmida característica de regiões tropicais e subtropicais. associado às margens de baías, enseadas, barras, desembocaduras de rios, lagunas e reentrâncias costeiras, onde haja encontro de águas de rios com a do mar, ou diretamente expostos à linha da costa, está sujeito ao regime das marés, sendo dominado por espécies vegetais típicas, às quais se associam outros componentes vegetais e animais.

¹¹ O Morro da Manteigueira, que dá nome ao Parque, recebeu esta denominação em virtude de uma construção erguida em um de seus platôs, nas primeiras décadas do século XX, cuja arquitetura em estilo neoclássico, em dois pavimentos, apresentava uma varanda com uma cobertura que rodeava a edificação e sugeria, aos observadores, a figura de uma manteigueira.

¹² Mangue- é o “termo usado no idioma pátrio para designar uma planta do litoral, encontrada em charcos salgados. Por extensão, serve de raiz ao substantivo que se aplica à região onde essa espécie é abundante” (JOLY, 1970, p.107).

Neste trabalho usaremos o termo “mangue” quando nos referirmos à vegetação e “manguezal” quando nos referirmos ao ecossistema.

Reconheci aquele lugar e ao mesmo tempo em que ela ia falando, fui também lembrando que vivi aquele momento que ela discorria, mas outra história, a história-macro, aquela aparente, indistinta, guiada pelo poder, exercendo ações representativas de um controle social (“de fora para dentro”) produzindo subjetividades desvitalizadas da consciência do que seja exercer cidadania, entendidas facilmente pela própria população como uma atitude benemérita do Município.

Não vi o que realmente aconteceu e somente na perspectiva da história oral tive a oportunidade de saber o que se passou no plano do micro, do pequeno, outra história que estava ali de certa forma impressa naquele lugar, onde a cada passo, os fios de nossas lembranças foram se juntando e pude perceber a malha intrincada que é.

Fiquei num estado ao mesmo tempo de euforia e desencanto. O desencanto por ter feito parte de intervenções especializadas para “reparar” ou cuidar de uma incapacidade social, o jogo do ‘provisório’ É que os instrumentos comumente utilizados: entrevistas individuais ou em grupo, observações, diário de campo e outros não almejam, quando utilizados, desvelar verdades dos sujeitos, grupos, documentos, que estariam, então, supostamente encobertos em suas expressões. Antes se constituem em ferramentas para a análise da função enunciativa. Os dados não são analisados sob o prisma de se procurar algo que eles estariam ocultando. É “[...] necessária a conversão do olhar e das atitudes para poder reconhecê-lo (o domínio enunciativo) e considerá-lo nele próprio” (FOUCAULT, 1972, p. 204).

Para fazer possível essa conversão, a nosso ver, o exercício da liberdade é fundamental. Como Foucault (1974), pesquisar é, ao invés de procurar verdades absolutas, ir conectando-se com a dispersão dos acontecimentos em suas múltiplas direções, registrando os movimentos que ali se afirmam; é abrir-se para o inusitado, desviar-se, surpreender e desconhecer; é positivar as

múltiplas direções que os agenciamentos – conexões – podem imprimir aos corpos; é explorar devires que se insinuam. E isso por quê? Porque podemos questionar ou modificar aqueles sistemas que tornam possíveis somente certas espécies de ação.

Fez-me lembrar um trecho da leitura da Alegoria da Caverna¹³, para melhor entender o que senti. Presa a um sistema, a caverna só permite uma pequena entrada de luz que crepita de uma fogueira externa, o corpo totalmente aprisionado pela rigidez de normas seculares, permite que o olhar numa só direção, visualize as sombras do que vêm do exterior como as únicas formas reais. A libertação, o sair da caverna me fez ver que o tempo todo acreditei em sombras como reais e agora estava diante de uma outra percepção da realidade, isso me fez ficar em estado de euforia por detectar, naquele instante, o meu verdadeiro sentido de estar na pesquisa, produzindo com os sujeitos dessa história, um conhecimento.

Estar com Maria Clara naquele lugar e acompanhar seu relato inundado de luz, clareando o invisível e o visível funcionou como um verdadeiro dispositivo fez nascer e desaparecer o objeto que não existe sem ela, fazer o falar que permaneceu em silêncio em função do exercício de um poder que pretendeu universalizar a verdade.

Nessa direção, não se exclui a existência e a experiência do pesquisador, é o observador inserido em seu campo de pesquisa que se transforma em seu objeto de estudo. A implicação de quem analisa é estar atuando em mão dupla, em verdadeiro acoplamento, que no raciocínio de Lourau (2004, p 84), o analista não se subtraiu aos efeitos analisadores do dispositivo de intervenção.

¹³ - Platão, A República, v. II (p. 105 a 109)

Um roteiro para a leitura da experiência que foi esta pesquisa

No percurso da pesquisa escolhi a literatura como parceira de trabalho, pois acreditei e acredito na sua força, não como uma exemplificação, uma ilustração do pensamento, mas uma interlocução. E assim, o auxílio veio principalmente na forma de provocação e num brincar com as palavras. Dentro dessa linguagem arejada e vivida nos seus pormenores, me encontrei com autores como: Manoel de Barros que com sua maneira lúdica e minuciosa de contemplar as palavras e as coisas do mundo me fizeram penetrar nessas intimidades. Com Josué de Castro pude irrigar meu saber com seu contar sobre a vida dos homens-caranguejos do Recife. Outro autor que conheci nos momentos quase finais da pesquisa que veio também cintilar com suas novas palavras foi Mia Couto, pois no caminho por mim traçado até aqui, sobre fontes orais, fontes de experiências, demarcadas pelas conquistas de espaços e lutas, vem de encontro às palavras desse autor, principalmente quando ele diz: “Não havia melhora para aqueles países. Faltava gente que amasse a terra. Faltavam homens que pusessem respeito nos outros homens”. (COUTO, 2005, p.216).

O Caminho da Pesquisa:

Capítulo 1. Aqui procuro situar a pesquisa, descrevendo um pouco de sua trajetória e das escolhas teórico-metodológicas. Neste fazer, as narrativas orais se constituíram na principal fonte da pesquisa, às quais permitiram na aquisição da entrevista, dados coligidos, expressando em si mesmo, tanto abundância como qualidade.

Capítulo 2. Neste tópico a abordagem é sobre o Lugar como uma experiência humana e mais ainda o sentido do comum produzido num determinado local tão bem explanado por Hardt e Negri. Para continuar pensando neste sentido, foi importante trazer à tona autores que deram um substrato nutritivo que direcionaram meu raciocínio, como: Relph e Tuan, geógrafos da corrente humanística. Com o historiador francês Nora, passei a entender o Manguezal como um lugar de memórias. Assim como Braudel, também apostei na Paisagem-Manguezal, como evocadora de memórias, um personagem da

nossa história aqui contada além de autores como o sociólogo Bourdieu, que contribuiu na minha reflexão sobre as características dos espaços físicos e sociais, explicando que os seres humanos se situam num lugar, o qual ele define “absolutamente” como: “o ponto do espaço físico onde um agente se situa”. Lanço o olhar e as mãos aos autores da literatura: Manoel de Barros e Josué de Castro, os quais me fizeram desnudar o que há nas águas e nos esconderijos abertos de seres que ali estão dispostos às trocas constantes, independentemente das fases da lua que influenciam os movimentos da maré.

Capítulo 3. Neste eixo temático me acoplei aos autores (Halbwachs, Benjamin, Schama, Castro, Pollak, Lispector, Bondía, Santos, Schaeffer-Novelli) que corroboraram na forma de pensar no sentido que se pode trabalhar a evocação da memória se sustentando na paisagem, no lugar, nos objetos. Esta capacidade encontra ali um suporte para a sua permanência. Na pesquisa de campo o catar de memórias se deu no plano individual, mas foi constatado que o lembrar está ali impresso no coletivo daqueles moradores, e que as experiências se entrelaçaram e continuam no entrelaçar entre si e com as raízes do Manguezal. As narrativas contam e re-contam aquele passado misturado aos ingredientes do presente, mas com a visão de futuro.

No texto acima escrevo de forma sucinta algumas informações básicas da área, paisagem de estudo, o Manguezal, inserido no bairro Dom João Batista, ao longo do rio Aribiri.

Capítulo 4. Este eixo demonstra como aquelas pessoas insistiram e decidiram em ocupar, construir e morar naqueles latifúndios de lama que hoje são denominados de lotes e todos eles se tornaram por força da lei reais proprietários. A necessidade fez acontecer, surgir estratégias para o enfrentamento da luta. A Igreja na ocasião participava ativamente junto aos movimentos populares, principalmente na questão da moradia pelos mais falidos e desvalidos. E assim fez frente às negociações pela terra ocupada por aquele contingente de pessoas já despejadas de seus barracos palafitados no Manguezal. As etapas de ocupação demonstram que houve estratégias pautadas em uma luta coletiva, um fazer de esperanças. Aqui cito alguns dos

autores que me ajudaram a tecer esta etapa: Halbawchs, Bosi, *Le Goff*, Herkenhoff, Frei Betto, Doimo e Perrot. Pela potência que possuem, acredito que me ajudaram a dizer também sobre o humano e a ética vislumbrada na pesquisa.

Capítulo 1

Aprendemos com as narrativas dos nossos entrevistados? Em que momentos, ou em que entrevistas, nosso ganho é maior do que o de simplesmente conhecer mais uma “versão” do passado? [...] uma das possíveis respostas é: quando a narrativa vai além do caso particular e nos oferece uma chave para a compreensão da realidade. E talvez isso aconteça mais incisivamente quando percebemos o trabalho da linguagem em constituir realidades. (ALBERTI, 2004, p.79).

1. O JEITO COMO FOI TECIDA A DISSERTAÇÃO

A metodologia desta pesquisa se instrumenta na História Oral, a qual investiga e acompanha as práticas que constroem e desconstroem os objetos, a entendemos como um método que favorece a criação de fontes históricas a partir de depoimentos; contribui para a recuperação de memórias e obtém documentos não escritos. Neste contexto, o entrevistado é considerado um agente histórico e sua visão acerca da experiência e dos acontecimentos sociais que passaram, faz parte da reconstrução de um passado recente. Documentos obtidos por via da História Oral permitem ao sujeito lembrar e ao mesmo tempo legitimar esta história do presente, que aborda o processo de formação do bairro Dom João Batista/Vila Velha/ES.

O cruzar e entrecruzar de histórias foram tecidas e erigidas entre as raízes torcidas e reptantes do mangue, que com suas garras serviram de esteio (palafitas) que sustentaram e sustentam até hoje a memória desses sujeitos , revelando a força, a potência e a ética pela vida na construção do Bairro-Mangue, emergido da “cadeia de necessidades”.

Os relatos orais e a interpretação dos depoimentos reconstroem a história da ocupação e formação do bairro, uma história contada a partir de nosso objeto de estudo, o Manguezal. Compreendemos as memórias que por eles foram evocadas pelos ocupantes da área, desde os anos de 1980 até hoje, recompondo tempos e espaços de diferentes experiências vivenciadas, direta ou indiretamente, na luta pela moradia. Experiências individuais que se inscrevem no coletivo, como ensina Halbwachs e constroem assim, o pano de fundo a uma leitura do processo de formação de um determinado território urbano.

IDAS E VINDAS NO CAMPO – O “CATAR¹⁴” DE MEMÓRIAS

Estar no fluxo do campo, no calor dos encontros foi a fase mais instigante e criativa dessa pesquisa. Usar a história oral como metodologia, e me deixar implicar no que se constituiu uma troca mútua de experiência.

O registro de depoimentos dos sujeitos dessa história se constituiu num diálogo estabelecido entre mim e os entrevistados, como uma experiência cheia de significados, pela qual a manifestação da memória deu passagem à fala daquelas pessoas.

Por meio destes registros e destas experiências, foi possível conceber os mais variados aspectos na construção do Bairro Dom João Batista, no contexto do espaço urbano com os quais, aliás, deparamo-nos cotidianamente, tais como: a questão da moradia, saúde, desemprego, violência e tantos outros problemas. Isto consistiu em compreender como estas pessoas vivenciaram os conflitos e desenvolveram estratégias e como resistiram e/ou sujeitaram-se, acomodaram-se e/ou buscaram alternativas de vida.

A preocupação constante durante a fase de campo foi como usar a história oral como fonte sem, no entanto, negligenciar as dificuldades existentes, particularmente quando se apresenta a tarefa de utilizá-las. Além das questões metodológicas, que, a rigor, constituem-se num aprendizado contínuo (realizar a entrevista, transcrever, textualizar, digitar) E seguindo o raciocínio de Rolnik (1989) o fato de me expropriar, apropriar, devorar e desovar, transvalorado, as matérias aqui entrelaçadas nesta trama, favoreceram a passagem das intensidades que percorreram os corpos dos entrevistados assim como o meu. Por isso, não há o que explicar e nem revelar, o que ocorreu foram múltiplas formas e intensidades de expressão. Foi preciso, ainda, o cuidado com o uso que se faz do material, já que o lidar com experiências de sujeitos, de seres humanos, exige sempre sensibilidade, respeito e ética.

¹⁴ Técnica de pescar o crustáceo, aqui utilizada no mesmo sentido.

As visitas de campo foram realizadas entre os meses de janeiro a julho de 2009, e se deram no âmbito da esfera pública através de entrevistas com gestores municipais, entrevistas com pessoas que moram e participaram da criação do bairro, pesquisa documental no arquivo do Instituto Jones Santos Neves, pesquisa no acervo documental do Movimento de Moradia, visitas aos sites para a coleta de dados disponibilizados pela PMVV e outras informações que vieram colaborar na pesquisa.

A pesquisa na documentação do Instituto Jones dos Santos Neves, Prefeitura Municipal de Vila Velha (relatórios, projetos educativos), acesso ao acervo de fotos da Associação de Moradores do Bairro Dom João Batista, e do Movimento de Moradia, e jornais da época, foram fundamentais para a elaboração deste trabalho. O material foi utilizado juntamente com as fontes orais produzidas por nós (eu e os entrevistados), para estruturar essa trama de fios tecidos, escolhidos de forma que desse sentido à peça.

Utilizei também alguns depoimentos dados às pesquisadoras da UFES no ano de 2005; o relato do encontro com o deputado Vereza em 2009, além de preciosas informações colhidas em seu site e fotos cedidas por ele.

A utilização de diversas fontes provenientes de lugares diferentes e pessoas implicadas de forma ímpar no contexto, não obedeceu à lógica de tentar escrever uma história meticulosa e preciosa em detalhes. Antes, pretendi trabalhar com pontos de vistas diferentes e de formas peculiares de contar uma história.

As versões produzidas a partir de pesquisas com a História Oral permitem a elaboração de uma “outra” história, tão relativa e subjetiva quanto o são todas as histórias possíveis, mas certamente com uma amplitude diferenciada, pois foi escrita a partir de uma pluralidade de vozes e perspectivas.

Em minhas leituras sobre o uso da História Oral e seu caráter de denúncia, por trazer à cena a contribuição daqueles que sempre estiveram excluídos (sendo reconhecida, por vezes, como a história dos oprimidos), corroborando para o

processo de democratização da memória e da história, ampliei minha visão e fortaleci meu conhecimento sobre o tema. Nessa perspectiva, Thompson (1992) aponta que, além de se alterar a textura da história, também ocorrem alterações em seu conteúdo, propiciando mudanças no foco das leis, estatísticas, administradores e governos.

O mais importante a meu ver é que o trabalho com a História Oral não se atenta apenas para as camadas menos privilegiadas, mas para um novo olhar, uma nova postura acerca do estudo dos homens no tempo, olhando para novos focos e re-olhando focos já tão estudados.

Para melhor perceber como as experiências vivenciadas e transmitidas desses sujeitos foram se delineando, levei em conta suas trajetórias de vida, na medida em que considerei que elas nos mostraram quais filtros agiram na rememoração que os entrevistados construíram. Embora esses entrevistados tenham em comum o tempo em que se deu a experiência da intervenção no bairro, cada qual destacou peculiaridades sobre o que aquele bairro representa para si. Citando Bosi (2003, p.31) “Cabe ao pesquisador identificar os vínculos de afinidades eletivas de significado coletivo”.

Assim:

Quanto mais o pesquisador entra em contato com o contexto histórico preciso onde viveram seus depoentes, gotejando e cruzando informações e lembranças de várias pessoas, mais se vai configurando aos seus olhos a imagem do campo de significados já pré-formada nos depoimentos. (BOSI, 2003, p.56)

UMA EXPERIÊNCIA COMO INSPIRAÇÃO

O relato de Margotto (1997) demonstra como a contribuição da memória coletiva das alunas do Colégio Sacré – Couer de Marie, em Vitória, Espírito Santo, na década de 1960, evidencia o processo educativo e cultural da época. O foco da pesquisa é a educação feminina, no contexto da Instituição pesquisada, vinculada ao meio social dos anos 1960. A pesquisadora utilizou duas fontes para a coleta de dados: a oral e a escrita.

O material escrito tais como: regimentos internos do colégio (1961-1969), registro de matrículas (1960-1969), os currículos do ciclo ginasial (1963-1969) e um histórico do Colégio redigido por uma irmã, cadernetas escolares das ex-alunas (1961-1968), diários pessoais (1963-1964), um caderno de economia doméstica (1965) e dois cadernos de “questionário de amor”, (1963 e 1964). Todo o material coletado teve importância para identificar normas disciplinares, nível social e econômico da clientela.

Os relatos orais segundo Margotto possibilitaram a aquisição de dados que não se restringiram ao normativo. Permitiram que emergissem os diferentes olhares, representações e práticas vividas por aquelas alunas. “Os relatos orais servem admiravelmente a esses propósitos: ao dar voz aos pesquisados, desloca-os do lugar de objetos de estudo para o de sujeitos” (MARGOTTO, 1997, p.26.).

O uso da história oral e da imagem (fotos) cedidas naturalmente nos encontros serviu como *estratégia* para a valorização da história local, da memória coletiva e do recurso natural Manguezal, permitiu dar voz aos sujeitos do bairro, propiciando uma maior fidedignidade aos fatos ocorridos, tornando, a pesquisa participativa e colaborativa, na qual imperou o diálogo. No reforço dessa discussão vem o pensamento de Goldenberg (2003) que cita haver sempre que se considerar que cada indivíduo singulariza em seus atos toda a estrutura social à qual pertence, ou seja, a construção e/ou o estudo de uma narrativa coloca-se como um interessante meio de conhecer o social partindo da “especificidade irreduzível de uma vida individual”.

Os Elementos que deram corpo à Trama

A decisão do uso de qual ou quais ferramentas que foram utilizadas foi se delineando no encontro com cada entrevistado como se cada um indicasse a melhor forma para ser ouvido e que lhe fizesse soltar a memória e a língua. E para isso a minha postura foi a de atenção total, um despertar de sensibilidades para com o outro um olhar aguçado até então não conhecido demarcando as possibilidades no caminho.

O eletrônico registra o orgânico

Na metodologia qualitativa de história oral as entrevistas e narrativas pessoais gravadas tiveram por finalidade *catar* testemunhos, promover análises de processos sociais do presente e facilitar o conhecimento do meio imediato. Esta escolha metodológica me pareceu a mais adequada, porque propõe uma reflexão sobre as trajetórias e metamorfoses abordando “Depoimentos Oraís” de pessoas que participaram do Movimento pela Moradia nas fases que constituíram o bairro Dom João Batista.

Os procedimentos no trabalho com a História Oral se constituíram na transformação dos relatos orais em texto (escrito) e envolveu dois momentos: a transcrição (que fixa pela escrita os dizeres, pausas, entonações e vícios de linguagem, aproximando-se ao máximo do registro oral) e a textualização, propriamente dita, que seria o processo de transformar o discurso em uma narrativa mais corrente (com ou sem o estilo pergunta-resposta), num exercício de apropriação da fala do entrevistado (GOLDENBERG, 2003).

Sobre a utilização dessas fontes orais, foi necessário apontar que após a transcrição, optei com a minha orientadora a proceder à edição de algumas passagens, retirando repetições desnecessárias e adequando o texto à norma culta da língua portuguesa. As falas dos entrevistados quando citadas estão apresentadas em *itálico*. Destaco ainda, que as gravações originais das entrevistas farão parte desta dissertação nos anexos em forma digital.

O Papel que registra a fala: diário de campo

Alguns rememoradores se sentiram inibidos frente ao gravador e preferiram dar o depoimento sem uso do mesmo, nesse caso lancei mão do Diário de Campo, no qual anotei as falas da história contada e ao mesmo tempo a percepção da emoção daquele que Contou e a minha ao Ouvir. Muitas vezes, as anotações ocorreram fora do momento da entrevista, em momentos de descontração.

O uso de um Diário de Campo foi uma das ferramentas que me deu apoio nos momentos em que o “olhar” do pesquisador fugia do foco e se permitia captar o

todo com sua sensibilidade, o que Rolnik (1989, p. 68), chama de **tensão fecunda**. Por diversas vezes, fiz anotações valiosas de pontos elucidativos que surgiam de conversas informais após a entrevista durante o cafezinho ou um copo de água, as quais vieram selar, orientar e recheiar muitas falas que no momento da entrevista ficaram presas a uma preocupação e até mesmo timidez.

Outro elemento que surgiu como ferramenta (companheiro de cabeceira) foi um pequeno bloco de papel, colocado ao lado da cama que em noites insones, era tateado e sob a luz do abajur, escrevi palavras meio que soltas como se estivesse também mantendo dessa forma minha memória e conexão com todas aquelas falas, gestos e emoções, e assim emergiram alguns dos textos que se encontram aqui.

Os entrevistados

A escolha dos entrevistados

O critério usado para a seleção dos sujeitos, cujas experiências quis investigar, foi guiada pelos objetivos da pesquisa, os mesmos foram se consolidando no campo .A primeira pessoa foi escolhida pela sua forte participação no Movimento pela Moradia e sua militância no Movimento de Comunidades Eclesiais de Base existente naquela época. Os demais nomes foram surgindo durante o relato da primeira entrevistada, e assim mais um critério foi estabelecido: a participação da posição do entrevistado no grupo, do significado de sua experiência, o que requer antes de tudo conhecimento prévio do objeto do estudo.

O primeiro contato

A escolha dos sujeitos se deu de forma criteriosa, antes da realização da entrevista propriamente dita, estabeleci um primeiro contato informalmente numa visita para conhecer o bairro. E fui acompanhada por aquela que foi o meu visto de entrada, a nossa Sherazade. Numa conversa descontraída, fui apresentada primeiramente a um grupo de três mulheres que participaram da

ocupação antes da doação dos lotes e ficaram por 1 ano morando no pátio da Igreja. Expliquei os objetivos da pesquisa, como seria conduzida, trocamos telefones para agendar o dia da entrevista com cada uma. As demais pessoas foram surgindo naturalmente nos depoimentos, constituindo um processo de emergência das memórias que juntas existem e estão impressas em cada canto daquele lugar, o bairro Dom João Batista.

1. CRONOGRAMA DE VISITA: BAIRRO DOM JOÃO BATISTA/VILA VELHA

Entrevistados	Codinome	Data	Encontros	Duração	Rua
Elza*	Felicidade	1/7, 22/7	02	4h	Vasco Alves
Fidel *	Fidel	1/7, 4/8	02	4h	Paineiras
Zaninha**	Esperança	1/7, 8/7 e 15/7	03	10h	Vasco Alves
Rosimeri ***	Preservação	8/7	01	3h	Do Fico
Hélio ***	Cafuringa	13/07	01	2h	Da Paz
José	Zé do Toco	8/7, 13/7 e 22/7	03	8h	Av. Beira Mar
Maria Clara	Sherazade	12/3, 20/3, 3/4 e 1/7	04	16h	
Dr. Rogério IJSN		26/3 9/7, 10/7	01	2h 3h	
Com todos os sujeitos da pesquisa		11/08		3h	Av. Beira Mar- Ass. Moradores

*1ª Etapa, ** 2ª Etapa, ***3ª Etapa.

Não elaborei nenhum tipo de roteiro rígido para as entrevistas quis ficar no fluxo que iria se estabelecer entre pesquisadora e depoentes. Acreditei que poderia induzir o rememorador a buscar fontes guardadas que documentam o período a narrar suas experiências sem aprisioná-los a um roteiro pré estabelecido. Tal estratégia tinha por finalidade não cortar a espontaneidade da entrevista, pois os depoimentos pessoais visam conseguir novos elementos, não o que já está escrito e documentado.

Elaborei um roteiro de temas que pretendi abordar. Entretanto, este roteiro serviu como um parâmetro inicial de aproximação dos sujeitos, estruturado de maneira flexível, permitindo a incorporação de temas que foram surgindo no decorrer da própria entrevista.

A entrevista

Todo o encontro foi previamente agendado com o entrevistado, através de ligação telefônica ou pessoalmente quando estava no bairro. A decisão da data, horário e local de realização da entrevista, dependeu exclusivamente do depoente. O mesmo procedimento foi adotado ao contatar as pessoas da Prefeitura Municipal de Vila Velha. A escolha do local também era decisão do rememorador para que ele ficasse à vontade. Através de Sherazade, fiquei conhecendo um pouco sobre cada pessoa do bairro que foi entrevistada, e isso facilitou a condução das entrevistas.

Minha preocupação: postura

Minha maior preocupação foi em obter e manter a confiança dos entrevistados e isso consegui até o final. Não é simples. É você se deixar contaminar pelo outro e respeitar a grandiosidade que se expressa na singeleza dos relatos.

Procurei estar atenta às situações favoráveis para a entrevista, evitando ocasiões inoportunas para o entrevistado, que o obrigasse a interromper outras atividades de seu interesse, ou ocasiões que estivesse irritado, fatigado ou impaciente. Como foi o caso de uma das entrevistadas que por dificuldades de horários dos dois trabalhos, não foi possível conciliar tempo para colher seu segundo depoimento.

Trabalhar com a história oral me ensinou a ouvir mais do que a falar, pois o que deve preponderar é o que o sujeito da história vai dizer. Não ter pressa, se torna importante, pois após as entrevistas ficava conversando sobre outros assuntos e assim ocorreram momentos de descontração e afetividade mútuas.

Procurei deixar o entrevistado falar e depois ajudá-lo se necessário, com perguntas a respeito de detalhes, a completar o que disse. Evitei perguntas negativistas, confusas e com duplo sentido. Outro aspecto importante no encontro foi evitar perguntas que implicassem desconforto. Quando queriam parar de falar, prontamente eu desligava o gravador ou parava de escrever no diário de campo. Marcávamos outro dia, sempre por escolha do entrevistado.

Percebi nos encontros que lembrar, buscar as memórias que habitam o passado, de certa forma geram cansaço; é a força produzida que causa esse choque no corpo.

Ao encerrar a entrevista, passei a ficar alerta às informações adicionais que o entrevistado estava oferecendo displicentemente, mas que não apresentou durante a entrevista, talvez por considerá-las sem importância.

O texto escrito nesta pesquisa apóia-se em 07 (sete) entrevistas orais, sendo que 05 (cinco) delas foram concedidas por mulheres. Embora não houvesse nenhuma questão de gênero subjacente a essa escolha, não pude deixar de observar nos relatos que todo o movimento ocorrido foi sustentado pelas mulheres. Inclusive, uma observação feita por Clara (2009) ressalta a participação das mulheres: *“o número de mulheres no Movimento foi maior que o de homens, talvez pela sensibilidade, os homens são orgulhosos e os políticos atendem quando é a mulher que está à frente”*.

Através dos Depoimentos Oraais, registrei as lembranças dos entrevistados no que concerne ao primeiro contato deles com o bairro e com a área foco de nossa pesquisa, bem como as lembranças referentes às ações definidas estrategicamente ao longo dos anos de luta por aquele latifúndio de lama.

É preciso aqui traçar algumas noções sobre as histórias de vida e depoimentos orais (pessoais), no sentido de proporcionar ao leitor uma primeira aproximação com conceitos, pressupostos, utilidade das técnicas, bem como seu processamento, suas vantagens e dificuldades de aplicação.

História oral “é termo amplo que recobre uma quantidade de relatos a respeito de fatos não registrados por outro tipo de documentação, ou cuja documentação se quer completar”. (QUEIROZ, 1987, p. 272) Dentro deste quadro amplo da história oral destacaremos as histórias de vida e os depoimentos pessoais.

História de vida se define como “o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, tentando reconstruir os acontecimentos que ele considera significativos, através dela se delineiam as relações com os membros de seu

grupo, de sua profissão, de sua camada social, de sua sociedade global, que cabe ao pesquisador desvendar”. (QUEIROZ, 1987, p. 275).

Para Queiroz, a grande diferença entre história de vida e depoimento pessoal, reside na forma específica de agir do pesquisador. Ao colher um depoimento o pesquisador conduz a entrevista, para, da “vida” de seu informante apreender os acontecimentos que se relacionam diretamente com o objeto da sua investigação.

Na entrevista de história oral há no mínimo dois autores – o entrevistado e o entrevistador. Porque ao permitir ao entrevistado narrar suas experiências e a condução da própria entrevista em si fizeram parte deste meu relato acadêmico sobre as ações passadas. Com Pollak, fica bem claro:

Não se trata mais de lidar com os fatos sociais como coisas, mas de analisar como os fatos sociais se tornam coisas, como e por quem eles são solidificados e dotados de duração e estabilidade. Aplicada à memória coletiva, essa abordagem irá se interessar, portanto pelos processos e atores que intervêm no trabalho de constituição e de formalização de memórias. (Pollak, 1989 p.4.)

Estar na pesquisa foi um mergulhar naquela história e alcançar as regiões fóticas¹⁵, aquelas iluminadas através de cada narrativa que possibilitaram conhecer as zonas abissais¹⁶ da memória. O capturar de cada relato aconteceu num processo de cooperação e coengendramento¹⁷ dado ali no instante presente, sem traçados, perguntas prontas, nada arranjado e sim, em total ‘troca’ e tornando a citar Castro, 2005, uma “Bruta Camaradagem”

¹⁵ Região **fótica** é a parte de um corpo de água (oceano ou lago) que recebe luz solar suficiente para que ocorra a fotossíntese.

¹⁶ Zona Abissal- consideram-se "águas profundas" aquelas onde a luz não penetra.

¹⁷ **O coletivo é impessoal**, é plano de coengendramento dos indivíduos e da sociedade. Coletivo pensado "de maneira mais múltipla, acentrada, calcada, sobretudo no jogo entre as singularidades e o comum, e na potência ampliada da composição - sempre levando em conta o plano de consistência" (Pelbart, p. 11) Pelbart, P. P. *Elementos para uma cartografia da grupalidade*.

CAPÍTULO 2

O narrador assimila à sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer [...]. Seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la inteira. Benjamin, W. (1994)

2. PORQUE O MANGUEZAL E O BAIRRO DOM JOÃO BATISTA?

O que será essa pesquisa? Um falar de meio ambiente, memórias, ocupação, lutas, contar as lembranças de homens e mulheres que ocuparam e insistiram na vida, num lugar cuja paisagem é toda ela um braço de mar, um braço de mar de esperança.

2.1 LUGAR E EXPERIÊNCIA

Percebi no campo que lugar é a área do acontecer solidário. No lugar, as ações são solidárias, não no sentido de que são interdependentes. A forte impressão que ficou em mim é que o lugar é a área onde as ações são solidárias a partir de possibilidades históricas relativas ao momento do transcurso, uma história atravessada por múltiplos aspectos muitas vezes segmentados por intervenções do poder público.

Os lugares obrigam os homens ao intercâmbio. O lugar é intenso e repleto de 'agoras', onde fica gravado o sentimento do comum, do acontecer em diferentes fluxos do tempo como as marés que vão e voltam com as lembranças repletas de significados que fizeram e sempre farão parte daquele determinado grupo e se manifestam no instante presente.

O lugar hoje não é o passado, ele é a dimensão do cotidiano, onde se deve intervir. Para aquelas pessoas não houve na época da ocupação, o desencanto, mas uma força nascida da união de querências, que foi apontando a descoberta de possibilidades para consolidar sonhos e esperanças de conseguirem sua casa, seu abrigo, o seu chão. Nos depoimentos há um sentimento comum, a crença muito grande no poder de intervenção daquele grupo, pois funcionou como alavanca, o saltar e sair daquilo que eles chamaram de penúria.

No entanto, essa relação de afetividade que os indivíduos desenvolvem com o lugar só ocorre em virtude destes só se voltarem para ele munidos de interesses pré-determinados, ou melhor, dotados de uma intencionalidade. Como afirma Relph (1979), os lugares só adquirem identidade e significado através da intenção humana e da relação existente entre aquelas intenções e os

atributos objetivos do lugar, ou seja, o cenário físico e as atividades ali desenvolvidas. Nas palavras de Tuan (1975), o lugar “é criado pelos seres humanos para os propósitos humanos”.

No campo da Geografia Humanística,¹⁸ o conceito de Lugar surge no âmbito da sua consolidação no início da década de 70. Sua linha de pensamento caracteriza-se principalmente pela valorização das relações de afetividade desenvolvidas pelos indivíduos em relação ao seu ambiente, quando movidos por ações contestatórias e reivindicatórias como a exemplo do objeto desta pesquisa.

O lugar é principalmente um produto da experiência humana: “(...) lugar significa muito mais que o sentido geográfico de localização. Não se refere a objetos e atributos das localizações, mas a tipos de experiência e envolvimento com o mundo, a necessidade de raízes e segurança” Relph, (1979). Ou ainda, “lugar é um centro de significados construído pela experiência” Tuan, (1975). Trata-se na realidade de referenciais afetivos os quais desenvolvemos ao longo de nossas vidas a partir da convivência com o lugar e com o outro.

Em seu texto Bourdieu (1997) contribuiu na minha reflexão sobre as características dos espaços físicos e sociais, explicando que os seres humanos se situam num lugar, o qual ele define “absolutamente” como: “o ponto do espaço físico onde um agente se situa”. Segundo ele, o espaço físico se define pela exterioridade mútua das partes. O espaço social é apontado, pelo autor, como elemento fundamental na constituição dos agentes sociais, pois é na relação com o espaço social que “os agentes sociais são constituídos como tais”.

O autor esclarece que os agentes se situam em determinado lugar do espaço social e que esse lugar se distingue pela sua distância em relação a outros

¹⁸ A Geografia Humanista procura um entendimento do mundo humano através do estudo das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico, bem como dos seus sentimentos e idéias a respeito do espaço e do lugar. TUAN (1982).

lugares. O espaço social se define pela “exclusão mútua das posições que o constituem” e não pela exterioridade, observada no caso do espaço físico. Bourdieu (1997, p.160) destaca a “forma de oposições espaciais” que expressa à estrutura hierarquizada do espaço social, em virtude da ordem hierárquica da própria sociedade.

2.2 COMEÇA A TECITURA

O primeiro fio a ser tecido dessa história começou com aquela que foi e é meu dispositivo, agente disparador do inusitado de nova forma de apreensão de mundo, de arejar as palavras E assim convido aos leitores a participarem da confecção de uma trama com fios, de matizes e texturas próprias que surgirão do que está fragmentado e invisível.

Com Manoel de Barros aprendi a importância de escovar as palavras, conhecer suas particularidades:

Prefiro as palavras obscuras que moram no fundo de uma cozinha – tipo borra, latas, cisco. Do que as palavras que moram nos sodalícios – tipo excelência, conpíscuo, majestade. Também os meus alter egos são todos borra ciscos, pobres-diabos que poderiam morar nos fundos de uma cozinha – tipo Bola Sete, Mário Pega Sapo, Maria Pelego Preto etc. Todos bêbedos ou bocós. E todos condizentes com andrajos. Um dia alguém me sugeriu que adotasse um alter ego respeitável – tipo um príncipe, um almirante, um senador. Eu perguntei: Mas quem ficará com os meus abismos se os pobres-diabos não ficarem? (BARROS, 2001, p.61).

Lugar, a cozinha e seus odores, magia dos temperos normalmente na cozinha se forma as rodas de conversas e ali estava eu, a pesquisadora, toda implicada naquele movimento estabelecido. O movimento do mexer o angu, onde o corpo de Maria Clara, parecia envolvido na ação, o circular da conversa.

Cozinhando e misturando lembranças ela foi ao ano de 1988 e parando a colher de pau no ar começou dizendo: “A raiz do mangue entrelace de riqueza de

caranguejos ajudou a alimentar meus filhos e hoje não existe mais o peixe e a moréia¹⁹ que vinha reproduzir na lama”.

Comenta com tom vívido a influência de Paulo César Vinha²⁰, na vida das pessoas na preservação da natureza, com encontros realizados na Igreja Católica, no Centro Comunitário ou na sua casa. As reuniões passavam a informar que o “matinho” tem um *cruze*²¹ como o ser humano – ele é vivo, tem o ciclo da vida. A conscientização da harmonia entre o homem e a natureza essa cadeia de necessidades. *“Ele vinha na nossa reunião e ajudava a gente entender tudo sobre o mangue”.* *“Ensinau sobre a cadeia alimentar, que os ciclos de vida se entrecruzam. Isso ficou guardado no coração e ficou como um catecismo”.* (Esse aprendizado é reforçado até hoje por Maria Clara no Movimento de Moradia, quando fala da natureza). As histórias gotejavam das mãos e da boca de Clara, assim como Benjamin (2000, p.109) em uma passagem observa que “[...], pois da mão da minha mãe já gotejavam histórias que, logo, em abundância, emanariam de sua boca”.

Entre um vai e vem do corpo e da fala, ela retoma o assunto sobre a área e diz: *“Para construção do porto, o estaleiro naval retirou areia que acabou com grande parte do Manguezal da região da Manteigueira. A perda da extensão do manguezal afetou a abundância e a sobrevivência de várias famílias na região”.*

E naturalmente ela prosseguiu com sua lembrança, parecia estar revivendo cada palavra e estava. Era notório o prazer, a emoção de trazer o passado naquele momento presente, pois percebi ser para ela uma forma de manter viva e renovada àquela época. Pelo sentimento de descoberta na entrevista, o meio

¹⁹ As moréias pertencem à classe dos peixes ósseos, família dos ápodos, classificadas como tal por não terem as nadadeiras ventrais ou pélvicas. Não possuem nadadeiras peitorais, seu corpo é longo e delgado, escamas pequenas ou ausentes. Storer, Tracy Irwin. Zoologia Geral; tradução de Cláudio Gilberto Froehlich, Diva Diniz e Érika Schlenz. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 2ª edição, 1976.

²⁰ Biólogo que era contra a retirada de areia na região de restinga, assassinado no dia 28 de abril de 1993, em Guarapari no estado do Espírito Santo (mais especificamente na Praia d’Ulé)

²¹ A palavra *cruze*, foi utilizada pela entrevistada para falar da fecundação que dá origem à vida.

ambiente imediato também adquire uma dimensão histórica viva: uma percepção viva do passado, o qual não é apenas conhecido, mas sentido pessoalmente. (THOMPSON, 1992)

Ocupação de Preservação

Necessidade é uma coisa, a pressa é outra. A pressa só dá naqueles que já tem. Os outros sabem esperar. Os apoios políticos “favorecem os apressados”. “coração dos aflitos” (CLARA 2009)

“Na época do governo de Vasco Alves em 1983, a área das aroeiras²² e castanheiras, onde era o mangue, o lixo das fábricas da Glória era levado pra lá. Ele permitiu a invasão no pé do Morro da Manteigueira e criou o Rabo de Lagarto²³ ou também chamado de Pombal que existe até hoje. Nesse governo ocorreram as invasões pelos corações apressados que devastaram a vegetação, a nascente que existia e a horta comunitária.

O movimento ocupou com 200 famílias para evitar o avanço do aterro do porto. “No governo de Jorge Anders em 1988, ele desapropriou em Ulisses Guimarães (Barra do Jucu), no município de Vila Velha e assentou 192 famílias e 08 famílias ficam como esteio no local. Para garantir a finalização das negociações”.

Ao mostrar as fotos ela esclarece que a ocupação que houve debaixo daquelas aroeiras foi para a **preservação** do mangue. *“A gente não desmatava, apenas*

²² Aroeira- É o nome popular de várias espécies de árvores da família *Anacardiaceae*. É uma *planta de uso diversos* : Madeira: para mourões e lenha. Na apicultura: as flores são procuradas pelas abelhas. Preservação ambiental: os frutos são muito procurados pelas aves, é uma das árvores preferidas por elas. E seu uso medicinal: indicado nas afecções respiratórias, candidíase, micoses, tumores, afecções da pele, febres, artrite, erisipela, hipertensão, dor de dente, hemorragias. Possui propriedades: Antibiótica, antifúngica, cicatrizante, balsâmica, depurativa, hipotensiva. As partes usadas: Óleos essenciais e extratos de folhas e frutos, cascas e folhas secas em chás.

Disponível em <http://ci-67.ciagri.usp.br/pm/ver_1pl.asp?f_cod=13>. Acesso em 3 de abril de 2010.

²³ Nome que recebeu o assentamento ao pé do Morro da Manteigueira, onde foram construídas casas de maneira desordenada e sem infra-estrutura.

ocupava para os caminhões com o lixo não passar. A gente fazia panelões de sopa, forrava o chão com esteira. Havia muita reza e cantigas”.

Homens e mulheres “acachapados” como caranguejos e olhares vigilantes como o do próprio animal (o olhar pedunculado²⁴) é o verdadeiro mimetismo desses humanos como nos relata Castro (2005)



Figura 02 – Ocupação de Preservação (1988)

Fonte: Movimento de Moradia

É pertinente trazer um pouco do Recife com Castro, pois sua história de ocupação por sua vez, não foge a essa lógica, já que contradições urbanas permeiam toda a sua história. Nascida de um pequeno povoado de pescadores, “Povoação dos Arrecifes”²⁵, a cidade foi palco de inúmeras disputas pela pouca

²⁴ Olhar pedunculado- Na cabeça do animal inserem-se também duas antenas e um par de olhos pedunculados, isto é, unidos ao corpo por um suporte alongado.

²⁵ A cidade de Recife surgiu como um pequeno núcleo de pescadores que se estabeleceram na zona peninsular, na foz dos Rios Capibaribe e Beberibe, por volta de 1858. A chamada Povoação dos Recifes logo se transformou no Porto de Olinda, que era a sede do governo da Capitania de Pernambuco

terra firme disponível e da luta dos moradores para ocupar o espaço das águas. A velocidade da expansão urbana acentuou a disputa pelo território e a luta contra os grandes proprietários de terras, iniciada ainda no século XVIII, quando a classe operária, biscateiros e desempregados aterraram os mangues e construíram mocambos e palafitas, onde conseguiram resistir e permanecer.

Retomando com nossa entrevistada, agora sentada e com os olhos brilhando como se iluminasse o passado, ela retira das sombras as lembranças e com a voz em tom forte com o mesmo vigor dos que lutam, Maria Clara, diz: *“Que o Movimento de Moradia lutava e luta até hoje por direito à moradia, mas com planejamento e projetos de urbanização aprovados pelos governos, para que eles se tornem legais”*.

Usando seu tom firme:

“Nós não somos invasores! A ocupação se deu por não haver áreas possíveis, ficou apenas a área livre do Manguezal. Somos ocupantes!”

Nesse momento ela retorna ao movimento do fazer, o terminar de seu almoço, e comenta que naqueles dias havia muita tristeza, rezas e cantos, mas nunca pensaram em desistir.

Na despedida daquela manhã, após me impregnar de aromas e sabores, me impregno de algo que vai além das palavras usuais: **O sentido de ser verdadeiramente humano.**

Pude evidenciar nos relatos dos entrevistados que todos ‘deitaram raízes’, e como eles disseram *‘fincaram’*. Daí o nome da primeira rua do bairro desde a primeira fase da ocupação até hoje como a rua do “Fico”, a qual significa o marco da luta, lugar onde armaram suas barracas e tudo aconteceu no plano do comum para aquelas pessoas. E com os narradores acompanhamos o desdobrar em fluxos dessa história de peleja [...] “estou aqui até hoje e não tenho vontade de ir embora, não!” (Sr. Cafuringa). *“Não houve desistência e sim insistência, na luta por um pedaço de chão que pudesse construir sua casa seu abrigo”* (Sr^a Felicidade). *“Não preciso de Escritura, pois sou posseira de fato,*

lutei muito este pedaço de chão, pertence de direito a mim e minha família” (Sr^a Fidel). “Tirava os tocos com machadinho, nadando na maré cheia e vendia para a marcação de mais ‘pedaço de lama’ e os tocos também serviam para a base dos barracos que formava as palafitas” (Sr. Zé do Toco). “Joguei tudo no fundo do baú quando fui morar na terra estranha, logo depois adoeci. Minha vida é e será sempre aqui” (Sr^a Esperança).

Essa relação também é apontada por Castro, (2005), na qual o autor considera a ocupação do mangue, os lotes na lama com um latifúndio de lama, onde os primeiros ocupantes no Recife fincaram suas palafitas (mocambos). O fincar raízes dá a sensação de pertencimento e de força, uma força capaz de mobilizar todos os corpos para um mesmo agir, que atribuí significado à concretude de mundo e reconhecer a si mesmo como um ser, “uma criatura de sentido” Le Breton (2007) Para o autor, o corpo não é então um limite ao conhecimento do mundo. É a forma do homem experienciar o mundo e a si próprio.

O corpo feito de relações, de misturas e que dependendo dessas relações com outros corpos pode apresentar um sujeito forte ou fraco que em determinadas condições pode se estabelecer acima das paixões, produzindo um sujeito ativo e potente não submetido, que emerge transformando sua realidade social.

O sentido de pertencimento, assim definido, seria o espaço comum, constituindo condições de reconhecimento coletivo de questões que afetam a vida das pessoas envolvidas. E citando (COSTA, acesso em 16 de março de 2010), teço mais este fio para dar o matiz do comum tão evidenciado nas conversas com os entrevistados [...] “o indivíduo, ao reconhecer suas próprias questões, suas preocupações e seus conflitos numa esfera pública determinada, consegue se perceber como pertencendo a um coletivo, a uma comunidade que compartilha de seus interesses” [...] “Na medida em que não vejo minhas próprias questões e preocupações sendo colocadas em comum por uma coletividade, não posso me sentir como pertencendo plenamente a essa mesma comunidade”. Posso vir a participar, mas a dimensão de ‘pertencimento’ é mais complexa que a simples participação. Do mesmo modo, para que uma coletividade consiga o

engajamento de alguém em seus problemas, é preciso que ela o inclua em seu fórum de discussões, que ela desenvolva, portanto, não exatamente estratégias de ‘mensagens’, mas estratégias de ‘escuta’. (COSTA, acesso em 16 de março de 2010).

Nesse mesmo sentido, como afirmam Hardt e Negri, o comum que compartilhamos não é algo que descobrimos, mas algo que é produzido, como é constatado na seguinte citação:

Nossa comunicação, colaboração e cooperação não se baseiam apenas no comum, elas também produzem o comum, numa espiral expansiva de relações. Esta produção do comum tende atualmente a ser central a todas as formas de produção social, por mais acentuado que seja seu caráter local, constituindo na realidade a característica básica das novas formas dominantes do trabalho hoje. (HARDT & NEGRI, 2005, p. 14).

Para Nora (1993) os lugares são uma construção histórica, pois os considera reveladores dos processos sociais, dos conflitos, das paixões e dos interesses que, conscientemente ou não, os revestem de uma função icônica. Assim, os *lugares de memória* são; lugares em uma tríplice acepção: **lugares materiais** onde a memória social se ancora e pode ser apreendida pelos sentidos; são também **lugares funcionais** porque têm ou adquiriram a função de alicerçar memórias coletivas e são **lugares simbólicos** onde essa memória coletiva se expressa e se revela. São, portanto, lugares carregados de uma vontade de memória.

Em uma das frases usadas pelo Movimento de Moradia fica evidente a participação desse sujeito ativo, criativo e potente capaz de efetivas transformações sociais.

“ESTAMOS EM MOVIMENTO SOMOS MOVIMENTO POR ISSO ESTAMOS AQUI”

Quando se movimenta com ganas de experimentar novos e nem sempre confortáveis modos de fazer as coisas, e se existe a inquietude, os

desdobramentos terão sempre uma dimensão política contundente. O movimentar forças, gera aberturas, rachaduras no que está estabelecido pelo Sistema Político vigente – Poder e faz surgir um estado de Direito, conquistado pela minoria em sua “resistência e insistência pela Vida”, como disse um dos rememoradores. E nas palavras de Safatle²⁶ (2009) “o direito fundamental de todo cidadão é o direito à rebelião”²⁷

Continuando a pensar nesse fluxo com Castro (2005), o qual diz: “No mangue, o terreno não é de ninguém. É da maré. Quando ela enche, se avoluma e se estira, alaga a terra toda, mas quando ela baixa e se encolhe, deixa descobertos os calombos mais altos. Nestes calombos de terra levantam os retirantes os seus mocambos com as paredes de varas de mangue entrelaçadas e de lama amassada”. Na pesquisa de campo, nos relatos orais, essa camaradagem com a natureza, foi citada pelos entrevistados, como na fala e no corpo de Sra. Felicidade, lágrimas nos olhos embaçavam aquelas lembranças que vinham aflorando de uma época de muita dureza e fome e se refletem até os dias atuais no cristal da memória. “*O mangue ali (e aponta para o centro da praça que fica em frente de sua casa-bar) eu pegava panela cheia de caranguejo e dava para meus filhos comer o caldo e a carne na falta do feijão, do arroz e do leite, eles foram criados com isso e por isso são fortes*”. **“O mangue é muito importante”!**

As falas de todos os entrevistados estão cheias de um agradecimento calado, mas expresso no seu cotidiano, no olhar distante que busca no

²⁶Vladimir Safatle- Professor de filosofia da USP. É autor de *Cinismo e Falência da Crítica* (Boitempo,2008), *A paixão do negativo*;Lacan e a dialética (Unesp, 2006) entre outros. Colaborador da edição n° 137 de julho de 2009 da revista CULT, com o artigo *A democracia para além do Estado de direito*, página 42.

²⁷ Quando o Estado se transforma em Estado ilegal, a resistência por todos os meios é um direito. Nesse sentido, eliminar o direito à violência contra uma situação ilegal gerida pelo Estado significa retirar o fundamento substantivo da democracia. Disponível em: <<http://titaferreira.multiply.com/journal/item/2549/2549> > Acesso em 18/04/2010

tempo tudo o que foi essa experiência de camaradagem com o Manguezal, e citando Castro (2005, p.107) “Tudo de graça, encontrado ali mesmo numa bruta camaradagem com a natureza”.

Na entrevista com a Sra. Preservação, quando lhe fiz a pergunta: Comparando o tempo atrás e o hoje com você vê o Manguezal? Ela pensativamente responde: *“Acho que até hoje as pessoas continuam aterrando, as pessoas não se contentam com o terreno maior querem mais, são gananciosas. No meu caso, eu pra mim, se eu pudesse, tiraria a parte do banheiro, que a água vem até ali na varanda que está dentro do mangue, mas não tenho marido e não posso pagar, pra mim fazer também é difícil”*. **“A população não preserva nada.”**

A entrevistada escolheu o codinome de Preservação, pois fica incomodada por estar ocupando o espaço que considera ser do mangue. Ela por estar sozinha disse não precisar de tanto espaço. Está preocupada por sua casa estar com a estrutura comprometida, principalmente a parte que está dentro do mangue. Colocações como essa, demonstram uma sensibilidade e consciência nascidas da mútua e verdadeira camaradagem, aquela de que nos fala Castro (2005).

Carlos (1996) acrescenta ainda que, pensar o lugar

Significa pensar a história particular (de cada lugar), se desenvolvendo, ou melhor, se realizando em função de uma Cultura / tradição / língua / hábitos que lhe são próprios, construídos ao longo da história e o que vem de fora, isto é, que se vai construindo e se impondo como consequência do processo de constituição do mundial. (CARLOS, 1996, p. 20)

A dimensão histórica na concepção do lugar, diz respeito à prática cotidiana, ou seja, às concepções que surgem do plano do vivido, e neste sentido é bastante similar à percepção humanística.

Da mesma maneira que Braudel fez do Mar Mediterrâneo o personagem de sua história, a pesquisa apresentada também elege um elemento físico da natureza como personagem principal, evocador da história que estou a contar e é nesse

fluir e refluir que se descortina a visão do autor sobre a história e o meio ambiente [...] a reflexão sobre a história é também uma reflexão sobre o meio ambiente, na qual o meio ambiente não é nem um determinante absoluto nem um simples cenário passivo e estático em que se dá a trajetória humana. O meio ambiente é determinante e determinado, é espaço natural e espaço construído, move-se lentamente. Natureza e sociedade que se moldam mutuamente. (BRAUDEL, 1983, p.25).

CAPÍTULO 3

Os acontecimentos são poeira: atravessam a história como breves clarões; mas nascem regressam logo à escuridão e muitas vezes ao esquecimento. Cada um deles é certo, por muito breve que seja, é testemunho, esclarece um canto da paisagem, por vezes um vasto panorama da história. (BRAUDEL, 1983, p, 273).

3. A PAISAGEM E A MEMÓRIA

A categoria Paisagem-Manguezal como pano de fundo do cenário dessa história, foi escolhida para dar suporte às falas aqui discorridas como um disparador, evocador das memórias individuais de cada rememorador, mas que se repetiam em todas as ‘bocas’ num registro de memória coletiva.

Pude consolidar esta escolha na volta de uma visita de campo realizada em março de 2009, entre o manguezal dos bairros Aribiri e Glória, onde realmente começou a história do bairro Dom João Batista, com aquela que passo a chamar de Sherazade²⁸, por sua forma mágica e abundante de contar sobre a

²⁸ Conta a lenda que na antiga Pérsia o Rei Shariar descobre que foi traído pela esposa, que tinha um servo por amante, o Rei despeitado e enfurecido matou os dois. Depois, toma uma terrível decisão: todas as noites casar-se-ia com uma nova mulher e, na manhã seguinte, ordenaria a sua execução, para nunca mais ser traído. Assim procede ao longo de três anos, causando medo e lamentações em todo o Reino. Um dia, a filha mais velha do primeiro-ministro, a bela e astuta Sherazade, diz ao pai que tem um plano para acabar com a barbaridade do Rei. Todavia, para aplicá-lo, necessita casar-se com ele. Horrorizado, o pai tenta convencer a filha a desistir da ideia, mas Sherazade estava decidida a acabar de vez com a maldição que aterrorizava a cidade. E assim acontece, Sherazade casa-se com o Rei. Terminada a breve cerimônia nupcial, o rei conduziu a esposa a seus aposentos, mas, antes de trancar a porta, ouviu uma ruidosa choradeira. “Oh, Majestade, deve ser minha irmãzinha, Duniazade”, explicou a noiva. “Ela está chorando porque quer que eu lhe conte uma história, como faço todas as noites. Já que amanhã estarei morta, peço-lhe, por favor, que a deixe entrar para que eu a entretenha pela última vez!” Sem esperar resposta, a jovem abriu a porta, levou a irmã para dentro, instalou-a no tapete e começou: “Era uma vez um mágico muito malvado...”. Furioso, Shariar se esforçou ao máximo para impedir a narrativa; resmungou, bufou, tossiu, porém as duas irmãs o ignoraram. Vendo que de nada adiantava sua estratégia, ele ficou quieto e se pôs a ouvir o relato de Sherazade, meio distraído no início, profundamente interessado após alguns instantes. A pequena Duniazade adormeceu, embalada pela voz suave da rainha. O soberano permaneceu atento, visualizando mentalmente as cenas de aventura e romance descritas pela esposa. De repente, no momento mais empolgante, Sherazade silenciou. “Continue!”, Shariar ordenou. “Mas o dia está amanhecendo, Majestade! Já ouço o carrasco afiar a espada!” “Ele que espere”, declarou o rei. Shariar se deitou e logo dormiu profundamente. Despertou ao anoitecer e ordenou à esposa que concluísse o relato, mas não se deu por satisfeito. “Conte-me outra!”

transformação do Manguel. No seu relato, cada história é ensejo de uma nova história e assim de forma dinâmica ela goteja outra e mais outra. Não é só o contar, o que se estabeleceu nesse instante é um canal, uma das condições de se narrar e como nos diz Benjamin (1994, p.10) "A história está aberta ao fazer junto dentro de um fluxo narrativo comum e vivo", e sente-se que o que está contido na narrativa vai além do texto.

Halbwachs (1990) demonstra que é impossível conceber o problema da evocação e da localização das lembranças se não tomarmos como ponto de aplicação os quadros sociais reais que servem de referência na reconstrução que chamamos memória. Ele distingue, de forma notável o que considera "memória histórica", que supõe a reconstrução dos dados fornecidos pelo presente da vida social e projetada no passado reinventado; e a "memória coletiva", de outro, aquela que recompõe magicamente o passado. Nesse sentido, afirma que toda memória é "coletiva", envolve necessariamente as memórias individuais, mas não se confunde com as mesmas.

Acoplado com Halbwachs que enfatiza que nossos pensamentos e nossos movimentos estão ligados à sucessão de imagens que nos rodeiam, ou seja, nos acostumamos a ver os lugares de acordo com o que apreendemos deles, ao longo do tempo. Cada sociedade recorta o espaço a seu modo [...] de modo a constituir um quadro fixo onde encerra e localiza suas lembranças. (HALBWACHS, 1990, p.160) Pode-se dizer então, que a memória se sustenta na paisagem, no lugar, nos objetos, e a capacidade de evocação encontra ali uma base para a sua permanência. Essa questão teórica que é apontada por Halbwachs, foi vivenciada nas minhas "andanças" por trilhas que estão verdejando e apontando o atual quadro da Paisagem-Manguel, descrita e rememorada com ênfase por nossa Sherazade. (março de 2009). Ela narrou: *"Isso aqui nos começamos no primeiro mandato de Jorge Anders, em 1988 na época que fui vereadora, momento que tinha toda uma atividade na questão do Movimento de Moradia, isso que você vê aqui já tinha virado uma restinga*

baixa, o mangue que hoje está numa altura de quase 6 m já não existia mais. Porque a draga quando veio abrir o canal para o porto eles jogaram a areia toda aqui. Vamos andar pra você ver como era isso aqui: era um lixão na beirada do mangue que o pessoal jogava o lixo da comunidade. Essa casa já existia e as outras eram de barraco de tábuas e depois a família construiu essa casa grandona que a família aumentou. O que aconteceu? O mangue veio voltando à medida em que nós fomos também apertando o poder público pra fazer a coleta de lixo. Foi a época que Jorge Anders era o prefeito e nós então começamos a fazer esse trabalho”.



Figura Vista atual do Manguezal

Fonte: Freire 2010

A notória força do Manguezal como um lugar carregado de vontade de memória, é expressa nos diversos relatos, no qual cada sujeito da pesquisa lança um olhar no espelho do tempo que gravou as imagens daquela paisagem e as compara com a imagem refletida nos dias de hoje. Sem precisar de fotos ou imagens captadas por satélites, eles descrevem com esse olhar a realidade, que é registrada por equipamentos e homens da ciência.

Nas águas desse manguezal, berço e útero de imagens, a vida se expressa, constituindo o umbigo da memória. Lugar mais propício para contar lembranças e refazer os caminhos que nunca são os mesmos, redescobrimos todos os nascimentos para então os narrar.

Castro (2005) comenta que talvez o segredo do viço do mangue ao ressurgir após uma desolação seja sua capacidade de fazer amor:

[...] que enquanto debaixo d'água, os mangues consagram todo seu tempo a fazer amor. A abandonar suas folhas ao beijo impetuoso da corrente. A esfregar seus galhos, uns nos outros com infinita volúpia. A atolar suas grossas raízes, com gozo na lama garanhona do fundo do rio. O bailado nupcial dos mangues no fundo das águas, e o estalar de seus grandes caules menbruzados gozando na carne da lama viscosa. Era um trepidar violento de amor que terminava num orgasmo final, derramando as sementes no mangue na água da cheia para fecundar as novas terras que surgiriam na certa no ventre das águas. A cheia improvisa sempre uma nova geografia, fazendo desaparecer terras num lugar e reaparecer noutra (CASTRO, 2005, p.155 e 156).

Esse grande vigor desenvolve uma dança onde milhares de vidas animais e vegetais em diferentes escalas se entrecruzam e sustentam em meio a lama e as intrincadas e torcidas raízes que se fixam e apalpam o substrato, todo esse conjunto que chamamos Manguezal.- Berço da Vida, Berço de Memórias.

Na visão de quem rememora, o passado se faz presente em dobras e desdobras do passado, decompondo as camadas que recobrem o mais íntimo do cotidiano aparentemente perdido e fragmentado, como nos diz (SCHAMA, 1996, p17): “Antes de ser um repouso para os sentidos, a paisagem é obra da mente. Compõe-se tanto de camadas de lembrança quanto de estratos de rochas” A partir dessa reflexão pensei essa Paisagem²⁹ pesquisada como uma

²⁹ Não há neste texto, a visão/representação paisagística da paisagem como cena ou pintura, pelas razões já expostas. Tal abordagem tem sua validade como discussão do imaginário sobre a paisagem, mas a paisagem, como tal, não pode ser definida pela mediação da pintura, que é outra coisa. Enfim, tratamos da paisagem como espaço. Entender a paisagem em sua concretude é entendê-la como resultante da ação histórica dos homens em interação com a natureza, ou seja, como conformação em câmbio de processos naturais e humanos num sítio

moldura estampada por meio da qual os olhos contemplam de forma impossível de dissociar a natureza e a percepção humana.

Nossa guardiã desse passado faz emergir mais um fragmento das águas desse Berçário: *“Onde nós estamos tudo isso aqui era lixo e hoje o mangue voltou, a areia foi baixando e a água foi voltando, não tinha mais a restinga, era rasteirinha e olha hoje como está bonita A vegetação a altura que já tá das outras árvores, (ela aponta com satisfação e brilho nos olhos) as árvores que estão no meio (Guriri, aroeira, e avicenia, vegetação³⁰, as quais identificadas por mim³¹). A gente passava em cima do areal e do lixo e hoje você tá vendo de um lado e do outro o mangue e a restinga e a água vem aqui. A água do mar sobe até aqui quando a maré enche e passa para o outro lado indo até perto do morro da Garoto.”*

A Pausa na Caminhada: arejar memórias

No trajeto sob o sol forte de verão, ambas (eu e a incansável guardiã de memórias – Sherazade), nos postamos debaixo de uma frondosa amendoeira, pois o sol queimava nossa pele e ao mesmo tempo trazia o calor daqueles dias revividos. Na pausa, ela chamou a atenção para o conjunto cênico³² harmonioso

(lugar, região). É, portanto, um termo complexo, a implicar em sínteses diversas, posto que a realidade designada seja complexa e interativa. Disponível em: <<http://espiral.org.br>>. Acesso em 20/05/2010.

³⁰ Guriri-Palmeiras da Família *Arecacea*, existente na restinga e formam mosaicos (pequenas manchas formadas por exemplares dessas palmeiras). *Avicennia schaueriana* (também conhecida no Brasil por mangue - preto, canoé ou siriúba) é uma espécie de mangue típica dos manguezais brasileiros, maior parte no litoral sudeste, e sul-americanos. Encontra-se também espalhada um pouco por todo o mundo. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Manguezal>>. Acesso em 21/04/2010

³¹ Bióloga Sanitarista/Ambiental, formada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, em 1977.

³² Conjunto cênico- É formado assim pelo cenário harmônico criado pelos bens da Natureza, que compreendem os bens visíveis e invisíveis como os sons, já que um pode completar o outro formando uma sensação única harmoniosa daquele local. A beleza cênica é, portanto, um dos atributos da paisagem e um dos fatores determinantes de sua valorização e utilização

estabelecido ao longo dos anos e fala: *“Vê hoje que coisa maravilhosa as pessoas podem aproveitar isso aqui, tão bonito e fresquinho. **As pessoas não queimam mais as árvores do mangue.**”*



Figura A mesma paisagem hoje

Fonte: Freire 2010

Ela continua sua narrativa, secando o rosto e respirando de forma a ganhar mais fôlego e elogia o clima fresco no local e fala com orgulho da beleza da paisagem: *“Aqui ficava as barracas para ocupação em toda área para proteção, não tinha esse verde, só restinga baixinha. Na época do prefeito Vasco Alves ele incentivou a invasão, não preservou nada, acabou com a horta e a nascente. Ele pertence aos **“corações apressados”**”.*



Figura 3.2: Morro da Manteigueira ao fundo (1988)

Fonte: Movimento de Moradia



Figura 3.2: Morro da Manteigueira ao fundo

Fonte: Freire 2010

A ligação necessária entre paisagem e memória é dada posto que a memória se relacione com vivência, com fato acontecido e vivenciado. Para Michel Pollak memória tem a ver com acontecimentos vividos efetivamente ou “por tabela”, ou seja, mesmo que uma pessoa não tenha vivido pessoalmente determinado acontecimento e sim tomado conhecimento através do grupo a que pertence, “são acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não.” (POLLAK, 1992, p. 2).

Além dos acontecimentos, a memória é constituída por personagens e *lugares*. Os sabores, os cheiros, a paisagem são elementos evocativos da memória de determinado grupo ou pessoa. Para Pierre Nora “só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica [...] só entra na categoria se for objeto de um ritual”. (NORA, 1993, p. 21)

Na narrativa do Zé do Toco ficou muito claro esse aspecto da Paisagem-Manguezal, como disparador de memórias. No momento da entrevista, em que ele apresentou as fotos guardadas ao longo dos anos pela Associação de Moradores do bairro Dom João Batista, e relatava sobre o que foi vivido por ele. As imagens das construções dos barracos, misturadas às raízes das árvores do mangue que cediam espaço aos homens que ali se instalavam, fizeram içar lembranças, talvez submersas no oceano do tempo.

Naquele instante, a emoção inundou a pequena sala, pois tanto rememorador e eu ao olharmos as fotos, nos emocionamos e lágrimas vieram sem censura, algo ultrapassou as marés do tempo.

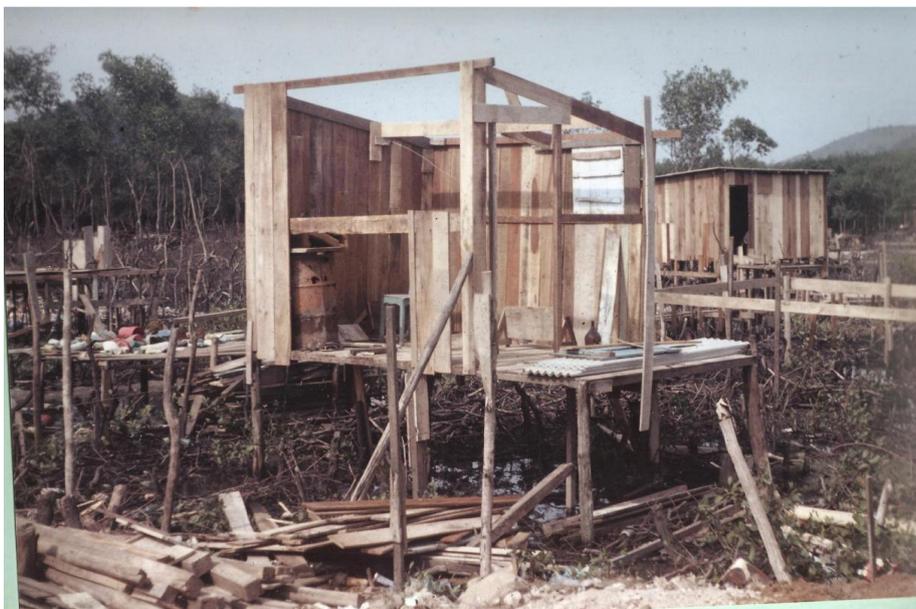


Figura 3.4: Palafitas construídas na primeira etapa (1985)

Fonte Ass. Moradores

Essa pesquisa foi um saltar de lembranças singulares recheadas de aspectos comuns de todos os sujeitos envolvidos, um verdadeiro tecer em conjunto e com isso a montagem da tapeçaria é enriquecida a cada contato repleto de emoção e afetividade. Tive a oportunidade de vivenciar a história que fui buscar juntamente com aquelas pessoas que foram surgindo espontaneamente no caminho e na escrita. Minha experiência foi o descobrir que a narrativa oral é capaz de ressaltar a arte esquecida do saber Ouvir e Contar, parafraseando Alberti,³³

Alguns relatos foram obtidos de maneira surpreendente. A entrevistada Esperança, assim como Zé do Toco, se utilizaram de fotos antigas e recentes, como um disparador de suas memórias. Ela insistia em retratar o ontem e o hoje e assim a deixei à vontade. As fotos foram encaradas por mim numa reflexão, como suportes materiais de memória e de escrita.

Começa a narrativa 'daquele' passado que percebo ser muito importante para sua vida atual, como se funcionasse como um estímulo para que a vida continue.

*“Quando a gente veio pro mangue em 1982, a minha menina tinha 1 ano e o menino com meses de nascido. Ficamos debaixo da lona primeiro, com um colchão e fogão apenas. O marido conseguiu tábuas para o barraco ali em baixo na rua do Zé e depois fez uma troca de barraco E no dia que tiramos os poucos móveis, o barraco caiu. – **“a família segurava o barraco”**. Quando passei pro outro local com palafita e tinha tudo direitinho no novo barraco, veio a demolição pela polícia em 1982. Foi por causa disso que as 46 famílias, ficaram no quintal da igreja católica. Ocuparam também um salão e o pátio. Era um cantinho miúdo que só dava pra dormir e não tinha nada dentro, a gente não tinha privacidade era todo mundo junto. Veio a luta! Com todas as pessoas,*

³³ Verena Alberti - É formada em história pela Universidade Federal Fluminense, mestre em antropologia social pelo Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro e doutora em teoria da literatura pela universidade de Siengen, na Alemanha. Coordenadora do Programa de História Oral do Cpdoc a partir de 1999, como membro do Comitê da Internacional History Association (1998-2002) O que foi parafraseado: Ouvir Contar: Textos em História Oral (2004)

brigar pra termos direito à moradia. O Cláudio Vereza se sensibilizou com a nossa situação e veio pra luta com a gente. Ele se dispôs com a própria família e depois veio a doação”.

Sobre esse aspecto é possível refletir com Benjamin quanto ao seu conceito de experiência em conjunto com a arte de narrar, abordada a partir da tradição oral.

A experiência aqui é abordada como aquilo que constitui o âmago e que ampara a constituição da narrativa, sua comunicabilidade. A faculdade de trocar experiências, o senso prático e a dimensão utilitária, a abertura interpretativa e o trabalho manual, artesanal são traços que caracterizam o narrador. Digo isso, pois Sherazade e os demais entrevistados foram os artesãos dessa pesquisa voltada na construção da história do bairro Dom João Batista.

Esse experienciar teve como suporte a oralidade, o que dá à história oral caráter de modelo exemplar da narrativa. Benjamin (1985) declara que a arte de narrar está em vias de extinção, uma vez que o homem parece estar privado da faculdade de intercambiar experiências, as quais passam de pessoa a pessoa e constituem a fonte dos narradores. Logo, se não existe experiência não há o que contar, pois a narrativa provém da experiência.

A trama que compõe esta pesquisa; de memórias em memórias, os sujeitos, assumindo o papel de narradores, vão enredando o leitor nessa teia formada por várias versões e experiências. Não há como se desprender dessa rede, nem como construir uma narrativa única, que abarque a memória do lugar. Pensando com Lispector (1999) [...], assim como o tapete é feito de vários fios, uma narrativa também é feita de várias narrativas e a memória, narrativizada, talvez seja permeada por essa mistura de vivências. Marcada por seus fragmentos e pela interseção de experiências múltiplas, a memória também não possui um único fio através do qual a ela se chega.

Nessa direção os fios condutores da trama se compõem com Benjamin (1987, p. 225) quando cita: “Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como

a mão do oleiro na argila do vaso.” A narrativa seria, então, um atualizador de experiências, uma forma de partilhar conselhos e sabedorias, mas com uma estrutura que permite ao ouvinte alcançá-los por ele mesmo, já que o gesto interpretativo não se faz presente. Nesse sentido, foi por meio dos narradores, que tive acesso aos elementos norteadores da formação do bairro Dom João Batista

O passado, através da voz desses narradores, foi fortemente rememorado e reconstruído a cada contar, contando com a experiência de cada um deles, misturadas aos elementos do presente que possuem à sua disposição e com a expectativa de futuro. Não se trata de uma memória imortalizada em um documento e arquivada para consulta. Por ser uma memória oral, transmitida pelos “arquivos vivos”, ela se torna uma memória viva, edificada conforme o saber e o interesse individual do narrador, numa mistura entre o individual e o coletivo, e a experiência e a memória encaixadas por meio das narrativas acabaram por construir uma **experiência da memória**. Sobre essa experiência que pretendi construir por meio do encaixe de narrativas e, conseqüentemente, de narradores foi o objetivo principal dessa pesquisa de mestrado.

A aproximação a que me proponho fazer da noção de memória em Benjamin será realizada aqui à sua maneira, *fragmentariamente*. “O que isto significa? Significa que antes de “compreendermos” seus conceitos, devemos ter um ‘**choc**’³⁴ com eles. O que foi encontrado não pode significar uma descoberta, mas reencontros com pensamentos “achados”, retirados de um baú de guardados, onde talvez sempre tenham estado à minha espera. Completando

³⁴ A recepção dos *chocs* é facilitada por um treino do controle dos estímulos aos quais podem ser remetidos, em caso de necessidade, tanto o sonho como a lembrança. Mas normalmente, segundo a hipótese de Freud, este training diz respeito à consciência desperta, que tem sua sede em uma camada do córtex cerebral, “de tal modo queimado pela ação dos estímulos” que oferece as melhores condições para sua recepção. O fato de o *choc* ser captado e “aparado” assim pela consciência daria ao acontecimento que o provoca o caráter de “vivência” em sentido estrito. E esterilizaria para a experiência poética esse acontecimento incorporando-o diretamente ao inventário da lembrança consciente (Benjamin, 1983, p.33).

com Benjamin, em seu texto que explana sobre a perda ou o declínio da experiência (*Verfall der Erfahrung*) é a experiência no sentido forte e substancial do termo, que repousa sobre a possibilidade de uma tradição compartilhada por uma comunidade humana. Tradição retomada e transformada, em cada geração, na continuidade de uma palavra transmitida de pai para filho.

A importância desta tradição no sentido concreto de transmissão e de transmissibilidade é ressaltada, nos seus escritos, pela lenda muito antiga do velho vinhateiro que, no seu leito de morte, confiou a seus filhos que havia um tesouro escondido no solo do vinhedo. Os filhos cavaram, mas não encontraram nada. Em compensação, quando chegou o outono, suas vindimas se tornaram as mais abundantes da região. Os filhos então reconheceram que o pai não lhes legou nenhum tesouro, mas sim uma preciosa experiência, e que sua riqueza advinha exatamente dela.

É o conteúdo da mensagem paterna que importa: o pai fala do seu leito de morte e é ouvido. Os filhos respondem a uma palavra transmitida neste limiar, e reconhecem, em seus atos, que algo passa de geração para geração, algo maior que as pequenas experiências individuais, particulares (*Erlebnisse*). Algo maior que a simples existência individual do pai, um pobre vinhateiro, algo, porém, que é transmitido por ele. Portanto, algo que transcende a vida e a morte particular, algo que se relaciona a uma memória viva, e que pertence e se relaciona com uma coletividade

Benjamin fortalece o pensar sobre paisagem e memória quando diz:

Quem pretende se aproximar do próprio passado soterrado deve agir como um homem que escava. Antes de tudo, não deve temer voltar sempre ao mesmo fato, espalhá-lo como se espalha a terra, revolvê-lo como se revolve o solo. Pois fatos nada são além de camadas que apenas à exploração mais cuidadosa entregam aquilo que recompensa a escavação (BENJAMIN, 2000, p.239).

As lembranças estão guardadas, soterradas por camadas do tempo e pelo esquecimento e necessitam para vir à superfície de estímulos, garantidos pelo

esforço da pertença e troca mútua imbricada, entrelaçada e enraizada no coletivo.

Nesta perspectiva, a paisagem é a realização e materialização de idéias dentro de determinados sistemas de significação. Assim, ela é humanizada não apenas pela ação humana, mas igualmente pelo pensar.

Essa história micro, subterrânea aconteceu e está impressa em cada detalhe e arranjo daquela Paisagem-Manguezal, que com certeza armazena entre árvores, folhas, raízes e lama, histórias que poderão surgir e serem tecidas nesse viés da oralidade

No decorrer do caminho, Sherazade continua o relato, apontando para o Morro da Mantegueira: *“A terra foi tirada pra aterro do bairro Dom João Batista, aqui o povo brigando pra não deixar tirar a terra, as mulheres do bairro da Glória, deitaram no meio do asfalto para não sair a terra da Mantegueira, aí foi que as duas comunidades resolveram fazer um acordo e a de D. João, entendeu que o material do aterro deveria vir de outro lugar”*. Esse acontecimento foi registrado no jornal de circulação da época (A Gazeta 1983), mas sem o detalhe exposto por ela do que foi o que ‘tocou’ aquelas mulheres das duas comunidades num sentimento mútuo de preservação da Paisagem Natural³⁵ E ela constata: *“A gente do movimento entendeu que, o que as mulheres queriam era preservar a natureza. Aí nós apaixonamos com a mina de água e a construção da horta e houve a união das duas comunidades Aribiri e Glória”*.

Na pesquisa, o saber foi posto em movimento, sustentado pela esperança de recomeço, escapando do modelo do passado fixo. O modelo dialético recusa a idéia de continuidade. É da descontinuidade da história que se deduz o seu

³⁵ Paisagem natural- A paisagem é um resultado material de todos os processos (naturais e humanizados) de determinado local. Temos dois tipos de paisagem: Paisagem Natural e Paisagem Humaniza. A paisagem natural é aquilo que vem de origem da natureza, sem interferência da mão humana. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Paisagem>> Acesso em 26/04/2010

caráter inacabado e aqui fica o convite para o desterrar desses acontecimentos abafados pelo tempo.

Mais uma vez com Benjamin (1994), encontro suporte na escrita, pois para ele o passado é visto não mais como "um passado eterno", mas como fato em movimento, fato de memória, que evoca os acontecimentos e os constrói no saber presente do historiador.

O autor reafirmou a força do trabalho da memória, que a um só tempo destrói os nexos e (re) inscreve o passado no presente e funda um conceito do "presente como um 'agora' no qual se infiltram estilhaços do messiânico" (BENJAMIM, 1994, p. 232).

Continuando a pensar nesse fluxo da paisagem como evocadora de memórias, apresento Bondía (2002) que veio participar desse tecer e entrecruzar fios que construíram esta peça. Para o autor, acontecimento é algo comum, mas o modo como cada pessoa experimenta este acontecimento é singular. Ocorre uma troca incessante em cada narrativa, em cada encontro: Toda vez há o novo, pois narrador, pesquisador e o próprio ambiente circundante estão diferentes, mesmo que a história contada seja a mesma.

A Paisagem-Manguezal como experiência, uma experiência espacial. "A *experiência*" como sendo "o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca" e não "o que passa, o que acontece, o que toca" (BONDÍA, 2002, p. 21) A experiência é o cerne dessa pesquisa que investigou minúcias como fios de diferentes matizes que aproximaram o diálogo entre a história oral e as categorias lugar e paisagem na construção de memórias subterrâneas.

Quero, portanto, comungar com a argumentação de Santos (1997), que a paisagem não existe por si só, mas é resultante das relações que envolvem o homem e o ambiente. Ficou claro no transcorrer da pesquisa que as modificações ocorridas no ambiente, resultam em alterações na paisagem e conseqüentemente têm influência sobre a constituição das memórias.

3.1 MANGUEZAL: nossa paisagem de estudo

É preciso cuidado na distinção do ato de ver e acolher do olhar que se constitui e se alimenta pelo ‘sistema proprioceptivo’³⁶, cuja organização se dá a partir das vias de percepção invocadas, convocadas e provocadas para mediar a relação e (re) ligação, daquele que vê. É o olhar que perscruta produz o mundo que o produz banhadas em razões cognitivas e intelectivas, emoções, sensações, intuições.

No projeto de pesquisa foi preciso olhar do alto do Morro do Penedo³⁷ afloramento rochoso monumento natural que parte emerge nas águas da baía de Vitória, na escolha do bairro a ser pesquisado. Na dissertação, no momento de coleta dos relatos orais, o olhar foi o de dentro, o ‘olhar do caranguejo’³⁸, aquele que lança seu olhar em todas as direções, no sentido de baixo para cima, apalpando as intimidades da Paisagem-Manguezal.

A visão do alto não permite o sentir das intensidades, as particularidades de cada palavra articuladas num momento de ‘parada do tempo’ entre esta pesquisadora e entrevistado é como explana Benjamin (2000, p.16), “[...] estrada do campo é uma se alguém anda por ela, outra se a sobrevoa de aeroplano” Assim é também a força de um texto, uma se alguém o lê, outra se o

³⁶ O sistema proprioceptivo é a estrutura orgânica que entre outras funções, informa o cérebro sobre o estado de cada segmento do corpo humano, sobre a relação entre cada segmento e o todo corporal. Informa também sobre a relação do corpo com o espaço que o rodeia.

³⁷ O Morro do Penedo é uma formação rochosa granítica, com 132 metros de altitude, que está localizado na foz do rio Aribiri. Devido à sua localização estratégica e à sua imponente beleza, foi o primeiro monumento natural a ser tombado no Estado do Espírito Santo.

³⁸ Os caranguejos são os crustáceos da infra-ordem *Brachyura*, caracterizados por terem o corpo totalmente protegido por uma carapaça, cinco pares de patas, (pereópodes) o primeiro dos quais normalmente transformado em fortes pinças, e geralmente o abdômen reduzido e dobrado por baixo do cefalotórax. Os pleópodes se encontram na parte dobrada do abdômen e nas fêmeas são utilizados para proteção dos ovos.

transcreve. Quem voa vê apenas como a estrada se insinua através da paisagem, e, para ele, ela se desenrola segundo as mesmas leis que o terreno em torno. “Somente quem anda pela estrada experimenta algo de seu domínio e de como, daquela mesma região que para o que voa, é apenas uma planície desenrolada, ela faz sair a seu comando, a cada uma de suas voltas, distâncias, belvederes, clareiras, perspectivas”.

A região da Bacia Hidrográfica³⁹ do rio Aribiri, que conforme o Plano Diretor Municipal-PDM / 2007, consiste na área Urbana Consolidada 1. Nesta paisagem, sobreposta ao longo do rio, os fragmentos agrupados (bairros) com nuances, movimentos, cores e vidas que se renovam e se chocam da mesma forma que o fluxo do rio, contém vidas em alianças que asseguram o fragmento Manguezal.



Figura 3.: Bacia do Rio Aribiri

Fonte: PMVV (2001)

O Manguezal, cuja formação advém de eras geológicas, se tinha apoderado de toda essa área de terra, esta fossa pantanosa onde hoje se assenta a cidade de Vila Velha, passa a dominar também os homens. Os manguezais, na realidade

³⁹ Bacia hidrográfica - é a área de drenagem do escoamento superficial das águas que alimentam um curso d'água, separando-se de outras bacias pelos divisores representados pelas partes mais altas do relevo.

foram os primeiros conquistadores de terras, onde durante séculos os materiais aluviais:⁴⁰, solo ainda não consolidado, mistura incerta de terra e água, serviram de base a proliferação da vegetação de mangue.

O Manguezal, ecossistema presente na região se destaca no contorno da baía e inserido ao longo da faixa marginal (ciliar) do rio Aribiri que serpenteia entre os bairros que surgiram dos espaços ocupados em décadas anteriores. Ao lançar o olhar ao passado, imagens nos dão a extensão desse ecossistema que representa o “Berço da Vida”⁴¹, local de alianças e devires, entre as diferentes espécies. Atualmente reduzido em sua extensão, mas não no seu espaço de trocas e vida (potência) que se renovam em constantes alianças e multiplicidades.

O Brasil, com mais de 25000 Km² de manguezal (DIEGUES, 2001a), apresenta a maior área de manguezal do mundo. Ainda falta muito por conhecer sobre o número total de espécies do manguezal (SCHAEFFER-NOVELLI, 1995), um ecossistema que se caracteriza pela alta produtividade de suas grandes populações biológica. Desde o ponto de vista ecológico-antrópico é reconhecido que o manguezal presta um conjunto de bens e serviços gratuitos como, depuração e reciclagem de dejetos, estabilização da linha da costa contra a invasão do mar, proteção contra a erosão das margens dos rios, regulação de ciclos biogeoquímicos, berçário de muitas espécies e contribuição para a cadeia alimentar das águas costeiras. Porém, de acordo com Diegues (2001a), a economia clássica só valoriza certas áreas de manguezal quando são transformadas para outros usos, considerando-as áreas “marginais” ou de baixo valor de mercado enquanto ainda são aptas nas suas funções ecológicas. O ecossistema manguezal, explica (SCHAEFFER-NOVELLI, 2002), resiste eficientemente às perturbações, porém, a cada perturbação, seja natural, ou

⁴⁰ Terra arrancada de outras regiões e trazida nas enxurradas que se acumulam formando bancos de terra.

⁴¹ Os manguezais formam um ecossistema todo especial e único que tem fundamental importância na geração e produção de vida animal, principalmente marinha, sendo considerados no mundo científico como “Berçários da Vida”.

seja, antropogênica, a perda de elementos do sistema se traduz no aumento da vulnerabilidade e na perda de capacidade de suporte.

Desde os tempos pré-históricos, passando pelas civilizações indígenas e continuando pelo período colonial até os dias de hoje, o homem vem fazendo uso dos recursos, bens e serviços que o manguezal oferece, contudo, com efeitos ecológicos e sociais cada vez mais agressivos (DIEGUES, 2001a). A extração de madeira para lenha, embarcações e construções, a extração de espécies com fins alimentares e medicinais e a extração de tanino para a fabricação de redes e panelas de barro são alguns usos tradicionais do manguezal (DIEGUES, 2001a).

CAPÍTULO 4

A História de um homem é sempre mal contada. Porque a pessoa é, em todo o tempo, ainda nascente. Ninguém segue uma única vida, todos se multiplicam em diversos e transmutáveis homens. Agora, quando desembulho minhas lembranças eu aprendo meus muitos idiomas. Nem assim me entendo. Porque enquanto me descubro, eu mesmo me anoiteço, fosse haver coisas só visíveis em plena cegueira. (COUTO, 1990, p 13)

4. O MANGUEZAL ONTEM E HOJE

Seguindo o processo de ressurgência⁴² o mesmo que ocorre no mar, capturei mais um elemento que veio nutrir essa montagem de camadas de memórias dispersas em tantas formas e vozes que contam a história do bairro Dom João Batista. Em pleno momento de escrita não mais no campo, me deparo com o deputado Cláudio Vereza⁴³, num encontro inusitado e fortuito em novembro de

⁴² Ressurgência- ocorre como resultado da ação dos ventos do quadrante leste/nordeste aliado ao movimento de rotação da terra, que provoca o afastamento das águas quentes da Corrente do Brasil que descem pela costa do nordeste em direção ao sul. Quando essas águas se afastam da costa, há uma subida das águas frias da Corrente das Malvinas que correm em sentido contrário as águas da Corrente do Brasil, ou seja, se deslocam do sul em direção ao nordeste.

Este fenômeno arrasta os nutrientes que repousam no fundo até as camadas iluminadas do mar. No fundo, na ausência de luz, esses nutrientes são inertes. No entanto, quando atingem as camadas iluminadas, são utilizados pelas algas microscópicas, através da fotossíntese, e provocam uma “explosão” das microalgas (o fitoplâncton) que são o início da cadeia alimentar marinha. Essas microalgas abundantes se constituem em alimento dos pequenos animais marinhos (zooplâncton) que crescem mais rapidamente servindo de alimento para peixes pequenos que vão alimentar os peixes maiores e assim sucessivamente, até os peixes grandes, de valor comercial. Disponível em: < <http://www.arraialdocabo.fot.br/ressurgencia.htm> > Acesso em 13 de março de 2010.

⁴³ Claudio Vereza tem 60 anos. É casado com Terezinha Cogo, pai de cinco filhos (Marina, Pedro, Tiago, Vitor e Luzia) e avô de quatro netos (Ryan, Davi, Gabriel e Artur). Mora na Barra do Jucu (eternizada na música Madalena de Martinho da Vila), município de Vila Velha. Começou sua atuação pública no meio popular e nas Comunidades Eclesiais de Base (Ceb's). É educador popular e jornalista formado pela Universidade Federal do ES (UFES). Em sua trajetória atuou por vários anos no Centro de Documentação (CEDOC) da Arquidiocese de Vitória e foi um dos fundadores do Movimento Fé e Política

Vereza nasceu em Aymorés (MG) dia 22 de fevereiro de 1950. Ainda pequeno, em 1954, mudou-se para Aribiri, em Vila Velha (ES), onde residia a maior parte da família Vereza no ES.

Aos 15 anos um tumor na medula o deixou paraplégico. Foi numa cadeira de rodas que descobriu a vocação para se integrar às lutas do povo. A participação em grupos de jovens o fez descobrir que só com mobilização social é possível mudar o rumo da história.

Atualmente o deputado Claudio Vereza integra a Comissão de Constituição e Justiça como vice-presidente e a Comissão de Cultura como presidente. Ele também preside a Frente Parlamentar de Apoio à Micro Empresa, a Frente Parlamentar em Defesa da Assistência Social e a Comissão Especial de Infraestrutura e Logística.

É autor de inúmeras leis, dentre as quais a que prevê indenização para as vítimas de tortura praticada pelos agentes policiais do Estado durante a ditadura militar instalada no país a partir de 64. Em 2008 foi candidato a Prefeito de Vila Velha. Mesmo enfrentando o isolamento imposto pela geopolítica na eleição municipal de Vila Velha que impediu a coligação de outros partidos com o PT e dificultou o apoio financeiro à campanha, o deputado Claudio Vereza (PT).

2009, que gerou uma nova força, para tecer palavras nessa construção realizada por diversas vozes e mãos. Ao comentar sobre o tema de minha dissertação, o mesmo se mostrou interessado e no lugar onde estávamos o campo se fez novamente. Ouvi com surpresa novas histórias que vieram aumentar o tecido formado por relatos que se encaixaram e cada vez mais diminuíram as lacunas entre os diversos fragmentos de memórias. Da mesma forma que os demais sujeitos dessa história, o atual deputado Vereza é homem envolvido nas lutas sociais, principalmente as de moradia, desde sua juventude. Quando revolvi a camada do tempo com um convite sutil, ele prontamente entrou na dimensão da recordação e aqueles minutos a mim dedicados ganharam a conotação de eternidade, pois todo o entorno desapareceu e me coloquei numa postura atenta para registrar sua fala com todos os meus sentidos.

Ele comenta o quanto foi dura a peleja para aquele povo que conquistou seu lote e continua na luta para o que é hoje o bairro Dom João Batista. Lembra de alguns nomes citados, mas seu reconhecimento e exemplo de grande parceira de luta foi Maria Clara, a Sherazade.

Sobre o local que hoje é o bairro, ele reviveu com o olhar as passagens alegres de sua infância, onde as famílias usavam como ponto de recreação e lazer e iam passar o dia, se banhar, pescar e as crianças brincavam. Descreve a Copalama⁴⁴, a prainha de Aribiri. Sua amabilidade e disponibilidade me

conquistou 20,7% dos votos (41.854 votos), ficando em terceiro lugar na disputa pela Prefeitura Municipal.

Poeta nas horas vagas, Vereza expressa em seus textos às dores, alegrias e lutas sociais, a preocupação com o meio ambiente, a celebração à família aos amigos e ao PT, entre outros. Entre as poesias mais conhecidas estão "Guerreiro, Areia e Aroeira", sobre o ambientalista Paulo Vinha, assassinado em 1992, e "Moradia, direito de todos", sobre o movimento de moradia no ES. É autor de diversos livretos que contam histórias de sua família e da infância no Aribiri, em Vila Velha, onde se casou e viu os filhos nascerem

Disponível em: <<http://www.claudiovereza.com.br/>> Acesso em 11 de outubro de 2010

⁴⁴ **Prainha de Aribiri ou Copalama**

surpreenderam mesmo conhecedora desses seus atributos, mas não imaginei ser possível naquele momento (político, pois se tratava de uma eleição para a escolha do presidente do Partido dos Trabalhadores - PT) conseguir aqueles minutos tão preciosos como pérolas colhidas no mais profundo oceano.

4.1 MARÉS DO TEMPO

Ao mergulhar no texto que fala de Copalama, cedido por Vereza, percebi o quanto o tempo é feito de marés e a vida está pejada de caminhos que se entrecruzam somente para se separar. Cada um de nós carrega todo o peso de um percurso sobre os ombros, toda a poeira da estrada que escolheu ou foi forçado a trilhar, todas as mágoas de sentimentos que não sobreviveram ao contato frio da realidade, todo o pesar de decisões que achamos certas, mas nos surpreenderam ao nascer erradas. Ainda me surpreende a facilidade com que o essencial se torna supérfluo e o secundário assume papel de protagonista, neste movimento de ciclos que se sucedem sempre diferentes, mas tão familiares na sua evolução, nos seus altos e baixos e, finalmente, na

Aos sábados à tarde, as famílias de Aribiri tinham sempre um programa agradável pré-marcado: o banho de mar - maré - na Prainha de Aribiri, também chamada de Copalama, um apelido jocoso-carinhoso alusivo a Copacabana. Exatamente onde hoje está o Bairro D.João Batista.

A alegria era geral: a água, limpíssima, era quentinha, e o fundo era de areia. É verdade que, se alguém saísse da área da Prainha - um pequeno trecho da margem do atual Rio Aribiri, a "Maré" da época - encontrava o fundo com lama. Mas na Prainha, era areia, mesmo.

Eram tardes maravilhosas, compartilhadas por crianças (sempre com alertas dos pais - "menino, não vai pro fundo, porque lá no meio tem um canal, muito fundo!"), jovens e adultos.

De vez em quando, pegávamos um caíque/bote, e saíamos para pescar siri, com linha e puçá. Havia locais de ambas as margens da Maré que eram os pesqueiros, onde já se sabia que os siris chegavam mais. Siri Açú era o mais cobiçado! Azulzinho por cima e branco em baixo. Depois, era fazer a moqueca deliciosa, comida com paciência de maratimba (caipira), para desfiar tudo com detalhes. Que delícia!Será que um dia teremos a Maré-Copalama de volta?Respondo que se os europeus recuperaram seus rios, nós também vamos fazer o mesmo! Já temos o Fórum Permanente pela Preservação do Rio Aribiri. Um passo fundamental na luta!

sua ruptura, como ondas que se espalham sobre a areia e logo após retornam ao mar em busca da mesma cadência cíclica.

Mas a memória rema contra a maré; o meio urbano afasta as pessoas que já não se visitam, faltam os companheiros que sustentavam as lembranças e já se dispersaram como aponta Halbwachs. Daí a importância da coletividade no suporte da memória. Quando as vozes das *testemunhas* se dispersam, se apagam, nós ficamos sem guia para percorrer os caminhos da nossa história mais recente: quem nos conduzirá em suas bifurcações e atalhos? Ficamos na história oficial: em vez da envolvente trama tecida à nossa frente.

Esta história montada com os quadros de lembranças dos rememoradores não são as mesmas elas são resignificadas em cada novo contar. Um contar repleto de exemplos de que se pode mudar uma situação de penúria, como eles dizem. Não detectei em momento algum nos relatos, palavras que significasse desânimo e descrença. Eles se uniram e hoje falam com orgulho da Vitória, por que não dizer das **Vitórias**, pois não se tratou apenas de conseguirem cada um seu “lote de lama”, mas a partir daí toda uma corrente de acontecimentos que os conduziu a uma vida digna. E como nos diz Sra. Esperança : *“Tudo começou no que hoje chamamos a rua do ‘FICO’, a primeira etapa da ocupação começou aqui onde estamos agora conversando. A luta de todos em ter as melhorias que conseguimos por esses 5 anos”. E com orgulho ressalta: “Hoje podemos dizer que estamos na riqueza”*.

Há preocupação durante a fala dos narradores quanto à manutenção da memória, da história vivida no coletivo. Para ilustrar, utilizo as palavras da narradora Felicidade: *“Mesmo assim tenho saudade daquela época, o pessoal tinha mais amor, era mais humano. Aquele que não tinha o que comer, a gente fazia um panelão de arroz puro sem gordura, todo mundo comia e a gente trocava o que fazia em casa com o outro, e hoje não”*. Ela fala de forma saudosa e faz uma análise daquela forma de união na época, acredita que as pessoas se uniram por interesse e comenta: *“depois que cada um conseguiu seu pedacinho de terra, você não servia mais para aquelas pessoas aquelas*

que comeram dentro do seu prato, então não era amor!” E tristemente ela conclui: “que a união pode ter ocorrido apenas pelo entorno do pedaço de terra”.

Aqui se percebe que a memória da depoente, Senhora Felicidade, não é um receptáculo passivo do passado. Ela é uma memória dinâmica, a qual recorda do vivido e experienciado que busca dar um sentido a esse passado

Esse aspecto foi detectado nas leituras daqueles que me deram elementos para tecer os relatos com as memórias que me foram confiadas. Ao se juntar às memórias em combinações, no coletivo, Halbwachs (1999), algumas se tornam extremamente complexas. É preciso confiar no acaso, aguardar que muitos sistemas de ondas, nos meios sociais onde nos deslocamos materialmente ou em pensamento, se cruzem de novo e façam vibrar, a quem ouve e a quem narra.

A minha experiência em entrevistar pessoas que viveram algumas décadas passadas de alguma forma me conecta com Bosi, no sentido que fez emergir do Berçário de Memórias, envolto por camadas do tempo, as lembranças de pessoas agora envelhecidas. Foi uma narrativa de homens e mulheres que atuaram ativamente nas questões sócio-políticas da sua época, e ao dar voz a esse pequeno grupo de pessoas cuja única riqueza é a sua memória pessoal. Essa geração que testemunhou aquele passado que eu quis desenterrar, senti que eles são nossa ligação viva com uma história, a outra história.

No suporte de Bosi:

Cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva. Nossos deslocamentos alteram esse ponto de vista: pertencer a novos grupos nos faz evocar lembranças significativas para este presente e sob a luz explicativa que convém à ação atual. O que nos parece unidade é múltiplo. Para localizar uma lembrança não basta um fio de Ariadne; é preciso desenrolar fios de meadas diversas, pois ela é um ponto de encontro de vários caminhos, é um ponto complexo de convergência dos muitos planos do nosso passado. (BOSI, 1994, p. 413,)

Além desses aspectos, porque me identifiquei e me uni à Bosi? Talvez levada pela percepção, que era para ela a atenção, a percepção sem pressa em ouvir. Portanto o acolher das falas, a troca de gentilezas e muitas vezes de lugar (pesquisadora e rememoradores) fizeram surgir e insurgir segredos e mistérios nos relatos, pois palavras criam coisas.

Assim, é possível resgatar Bosi (1994) quando diz que a memória não se trata de sonho, e sim de trabalho. A busca dos ‘agoras’ num determinado grupo, o interagir no ouvir o outro com todo seu corpo, deixando que fluxos aconteçam, permitindo que a lembrança seja construída pelos materiais que estão à disposição de cada um. É por isso que não depende de nós fazer as memórias reaparecer Bosi, (1994, p. 55), diz: *“lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado”*.

Na pesquisa, o registro de arquivos orais, procurados num determinado lugar da história, a busca de homens e mulheres – memória para a evocação de um passado comum reconstruído fragmentariamente, mas que se corporificou nesta pesquisa num recordar coletivo. Como suporte para melhor entendimento apresento ao leitor, a idéia de *Le Goff (2000)*, que pontua:

[...] memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em vias de desenvolvimento, das classes dominantes e das classes dominadas, lutando todas pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção [...]. Mas memória coletiva é não somente uma conquista é também um instrumento e um objetivo de poder. São as sociedades cuja memória coletiva, sobretudo oral ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita que melhor permite compreender essa luta por dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória. (LE GOFF, 2000 p.57).

Ainda para o mesmo autor, a “memória é um elemento essencial do que se costuma chamar a identidade, individual ou coletiva”. E reafirma: “a memória coletiva não se trata de conquista, significa também um aspecto de poder, trata-

se da luta pelo domínio da recordação e da tradição, a manipulação da memória”. (LE GOFF, 2000, p. 57).

4.1.1 A história que já foi contada

Escovando as palavras em documentos oficiais trago nessa pesquisa a história do bairro Dom João Batista que teve o início de sua ocupação em 1982 com uma população de 212 famílias, conforme estudo do Instituto Jones Santos Neves - IJNS (1995).

Na década de 1970, o Espírito Santo passou por um intenso processo de crescimento urbano e industrial. O fluxo migratório ocorreu na região da Grande Vitória, onde se concentrou a maior parte das indústrias que vieram se instalar no estado. Segundo estudo do IJSN (1995) realizado no período entre 1970 e 1994, a força de trabalho que migrou do interior do ES e de outros estados não foi absorvida na sua totalidade e com isso a esse contingente de desempregados, subempregados e empregados de baixo salário restou ocupar as áreas preferencialmente afastadas do centro e/ou aquelas consideradas de risco ou de preservação ambiental.

Ficou registrado nesse estudo que as ocupações no município de Vila Velha foram uma constante nesse período, sendo o movimento de ocupação mais intenso na década de 1980 e início da década de 1990. Do final da década de 1970 até o final da década de 1980 as ocupações aumentaram em 100%.

Aos poucos, novo tecido urbano foi se instalando e se configurando por “invasões” feitas por uma população que buscou na cidade e seus arredores um lugar de subsistência e também de produção de forma não convencional e não reconhecido oficialmente, mas que foram se consolidando e aceitas com fenômeno irreversível pela considerada sociedade legal. Schweizer (1997). No estudo realizado pelo IJSN (1995) é apontada a chamada “expulsão branca” que significa o reconhecimento da ocupação por parte do poder público no tocante aos benefícios de infra-estrutura e serviços básicos, com isso iniciando um processo de regularização e consolidação dos assentamentos. Como a

maioria dos ocupantes não tem como pagar o valor das taxas, transferem seus direitos e partem para nova ocupação.

O engolfar do manguezal pela onda das invasões e ocupações, fizeram desse ecossistema um campo de lutas e resistências. As populações carentes que formaram a crista dessa onda de barracos palafitados que adentravam o manguezal criaram estratégias de sobrevivência.

4.1.2 O jeito que foi tecido o bairro Dom João Batista

Escutando os depoimentos e me misturando às ruas, pessoas e a paisagem me deixei ‘tingir’ em cada passagem, em cada encontro, em cada olhar. Percebi que o bairro tem não só uma fisionomia, mas também uma biografia, uma alma, a ‘Alma do Lugar’. O bairro teve sua infância, está em plena juventude e terá sua velhice. Nos relatos e fotos cedidas pelos entrevistados e órgãos oficiais pude acompanhar as transformações do espaço urbano; do bairro Dom João Batista.

No desenho delineado pelas construções ao longo do tempo incorporando o cotidiano das pessoas, a vegetação do manguezal que cresce livre, a ponte lançada sobre o rio Aribiri, a divisão dos terrenos, a primeira padaria, o bar, as quitandas. As casas cresceram do chão junto às raízes do mangue, hoje canteiros, cercas, muros, arbustos e depois árvores, calçadas, e esquinas.

A Padaria comunitária



Figura 4.1.2: As mulheres padeiras.

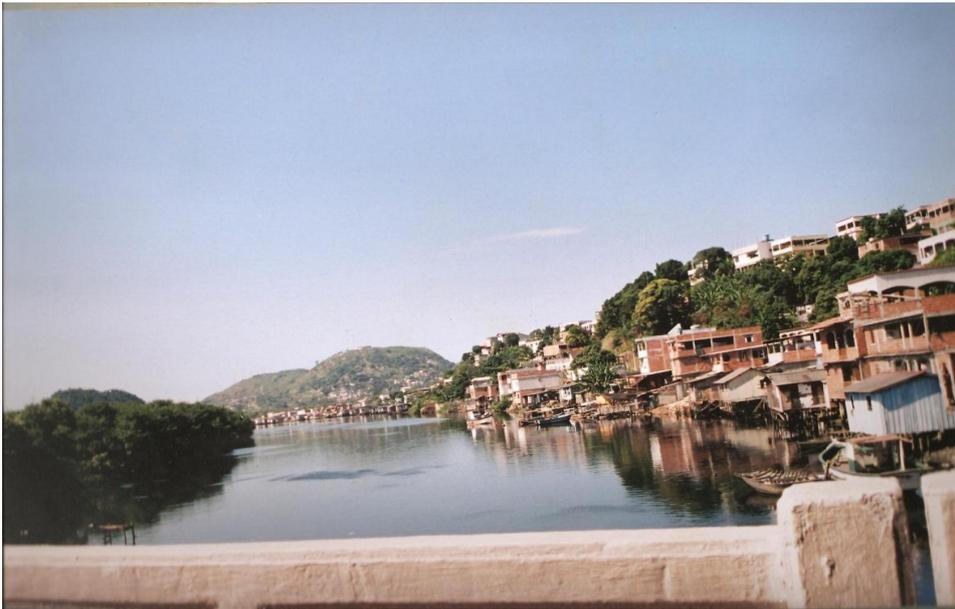
Fonte: Fidel 1987



Figura 4.1.3: As mulheres padeiras e a Assistente Social da PMVV à direita

Fonte: Ass. Moradores 1988

A Ponte de Capuaba sobre o Rio Aribiri



Fonte: Freire 2009

Rua sem perigo, crianças na praça e no mangue, hoje rua, ontem mangue. A brincadeira existe em Dom João Batista, a criança na rua não é perigosa, a rua não é um risco. As pessoas ocupam os espaços, se encontram se falam e o mais importante, todos se conhecem de alguma forma. Num verdadeiro circular de vidas e histórias antigas e novas que vão se misturando nesse fluxo da maré do tempo.

O Mesmo Lugar de Brincadeiras

Crianças ontem



Figura 4.1.4: Filhos da Sra. Felicidade

Fonte: Sra. Felicidade 1986

Outras crianças hoje



Figura 4.1.5: Crianças brincando

Fonte: Freire 2009

A rua lugar de folia



Figura 4.1.6: Festa Junina da comunidade

Fonte: Sra.Esperança (1989)

No tecer da pesquisa busco os fios que falam dessa paz e segurança que habita cada um dos entrevistados e realmente pude sentir essa segurança todas as vezes que fui ao bairro. Vi cordialidade, sorrisos e curiosidade com a pesquisa. Todos, se pudessem, falariam sobre o bairro Dom João Batista, suas histórias e oportunidades que dali brotaram na vida de cada um. Mas vamos continuar com o foco da paz e segurança. Adjetivos recorrentes nas falas dos moradores quando se referem ao bairro.

A rua do Sr. Cafuringa chama-se Paz e ele confirma que é muito calma e segura: *“saio de madrugada para pescar e nunca aconteceu nada de ruim”*.

No entendimento de Sra. Felicidade, ela diz: *“Trabalho porque gosto foi aqui que obtive tudo, minha casinha, eu não tinha o que comer o que vestir nem onde morar e graças ao meu Pai do Céu eu quero estar é feliz mais do que quando eu comecei aqui. A tranqüilidade que a gente tem, mas todo lugar tem problemas com droga até na Praia da Costa, eu aqui durmo de porta aberta, mas olha minha fechadura está quebrada eu não tranco nada e nunca me roubaram nada, é tudo seguro. Aqui tem muita fama, mas onde não tem? Durmo aqui sozinha”*.

Manguezal e bairro acoplados



Figura 4.1.7: Vista geral do bairro Dom João Batista , inserido no Manguezal.

Fonte: Assoc. Moradores [2006?]

Parte da paisagem atualmente domesticada, a fisionomia do bairro se humaniza e pode continuar se transformando, o bairro acompanha o ritmo da respiração e da vida dos moradores, um contorno humano desenhado e inscrito na paisagem. A própria vida é sustentada pela regularidade dos grandes ritmos naturais, como a respiração.

4.2 ESTRATÉGIAS DE OCUPAÇÃO - O ONTEM - – A PRIMEIRA ETAPA

Embaralhando as palavras das fontes orais e oficiais, as quais se casam no jogo da memória, lemos no depoimento de Maria Clara (2005)⁴⁵

⁴⁵ Entrevistado em 2005- Projeto de Pesquisa “História do Movimento de Luta por Moradia no Espírito Santo” – Universidade Federal do Espírito Santo – Núcleo de Estudos e Pesquisas em Subjetividade e Política. (em fase de pré-publicação).

: “Aí essa primeira ocupação, nesse primeiro momento foi praticamente como nós tava vivendo na época o êxodo rural, o pessoal vieram do interior pra cidade e foi aquela primeira enchente que deu muito difícil pro povo e como nem todo mundo tinha terra, então o pessoal veio pra cidade em torno de melhor condições de vida. Nem tava abrindo o alto forno da CST, já naquela época, e tava propagando, igual tem essa propaganda do petróleo hoje, também tinha a propaganda do alto forno da CST, naquela época, em 1980, aí foi o êxodo rural. Aí o pessoal veio do campo pra cidade, chegou aqui não tinha onde morar, não tinha emprego pra todo mundo, o pessoal não tinha uma mão-de-obra qualificada, aí, então o pessoal ficou por aqui, uns pelas beiras de rua, outros pelas beiras de estrada, ficaram por aí, outros nas casas de famílias, e começaram a ir pras periferias e as mais periferias que eles iam eram os mangues, eram os manguezais”.

4.2.1 A Retirada dos “Invasores”: artimanhas políticas

O Jornal A Tribuna de janeiro de 1983 registrou a derrubada de 13 barracos pertencentes aos ‘invasores’ do mangue que não acataram a ordem judicial expedida pelo juiz Paulo Copolillo no dia anterior e entregue pelo oficial de justiça Júlio Freitas Xavier. O jornal relata que a saída dos invasores era uma exigência da família Vereza para o cumprimento da promessa de que uma área do mangue não inferior a 30 mil metros quadrados seria doada realmente aos carentes.

E no mesmo jornal em depoimento colhido por um ocupante Sr. Waldemar, que o então prefeito Gottifrio, quis obrigar os membros da pequena comissão a assinar um documento que dizia que quem mandou invadir os 150 lotes, foi o prefeito eleito Vasco Alves que tinha derrotado em campanha o candidato Gottifrio, todos do PMDB.

E esse evento foi descrito por nossa narradora Maria Clara (2005) com mais detalhes, o “olhar de dentro” “Aí essa era uma área de mangue querida da União pela família. A família Vereza requereu uma grande leva de área de manguezal pra eles. Ai tinha lá aquela área, eles dividiram uns lotes por lá e o

pai do Vereza, não era o Vereza não, e a tia. E quando o pessoal veio acampar nessa área de terra, de mangue pra morar, eles entraram na justiça pedindo a reintegração de posse. Aí eu fui e falei:” não, vamos negociar aqui. Esse povo já tá aqui, já acabou com o mangue mesmo”. Aí eles doaram, mas com o compromisso de fazer um projeto de aterro, um projeto de condições de vida daquela população. A área não era muito grande não, a área que era dos Vereza, era de mais ou menos uns trezentos lotes. O resto era da Vale do Rio Doce mas, o pessoal pegou a dos Vereza e pegou a da Vale do Rio Doce. Nós acabamos ganhando tanto a dos Vereza quanto a da Vale do Rio Doce também dentro do processo na justiça. Por quê? Primeiro porque os Vereza doaram e como a área da Vale era ligada à área dos Vereza e tava quase no final, então a Vale disse que tudo bem, não mexeu com a gente, disse que poderia ficar, nós discutimos juntos. Então o pessoal hoje tá lá nessas áreas. É um bairro formidável, graças a Deus, tranqüilo, o povo tem tudo lá, né! E foi a doação. Foi uma luta muito grande. Foram quase vinte anos de luta pra hoje o projeto tá lá na situação que tá”.

A mesma história vista do filho do proprietário do terreno o então atual deputado Cláudio Vereza (2005) que conta como se deu politicamente o processo de ocupação e em 1982 quando houve eleições nacionais, após um longo período de ditadura. “Essas eleições são polarizadas pela oposição, o MDB, recém formado PMDB, ganha as eleições no Brasil inteiro e em Vila Velha ganha o Vasco Alves. Vasco que era advogado da Comissão do Direito à Moradia era também advogado da igreja na década de 80.

Em 1982 ele é candidato e ganha às eleições em Vila Velha como prefeito. Isso em novembro do mesmo ano. Animados com a eleição do advogado dos pobres que dá apoio às ocupações urbanas, um grupo começa a ocupar em dezembro de 1982, parte do manguezal de Aribiri, uma área de mangue que tinha nos fundos do bairro de Aribiri. Começa a implantar barracos, palafitas aí no meio do mangue. Isso vai crescendo, no início eram poucos, em janeiro já tem cerca de 300 pessoas iniciando a construção de pequenos barracos de tábua no meio do mangue. A família tinha a posse porque posse? Porque mangue é terreno de

marinha, então a pessoa não é proprietária, ela tem posse – a família Vereza. Os irmãos da minha mãe, dez irmãos, minha mãe e mais nove, tinham a posse desse Manguezal do Aribiri, onde as famílias tinham ocupado, cerca de 300 pessoas”.

4.2.1.1 Teimar e Ocupar

Fica evidente nos jornais A Gazeta e a Tribuna de 1983, a truculência praticada pela ação da policia com a derrubada de mais de 50 barracos. Em meio a tudo isso, a vida se fazia presente com a chegada de três bebês. Crianças nascidas no coração da batalha. Segundo o texto do referido jornal: “[...] *já nasceram três bebês, todos do sexo masculino. Ali eles estão vivendo em condições precárias de higiene (não há água e luz no local) sofrendo a ação das picadas de mosquito que os deixam extremamente “pintados de vermelho”.*

Nessa saga, os fiscais da lei fincavam marcos de madeira no chão e avisavam que dali em diante, ninguém podia mais construir. O bairro continuou a crescer contra a vontade e a ordem do governo. Por isso mesmo, a primeira rua recebeu o nome de Rua do Fico. Porque teimava em existir e crescer, mas toda essa luta foi travada com astúcia que merece ser contada.

Nas palavras de Sra. Esperança

“[...] A luta foi muito grande para quem tinha vontade de ver o bairro. Essa Rua do Fico que moro aqui, grupos de homens ficavam revezando e vigiando a noite toda pra gente ter água de manhã e poder encher os tonéis, a gente emendava as mangueiras. Não tinha nem rua pra morador passar e hoje a gente pode dizer que está na riqueza hoje, tá tudo bonito. [...] Tudo começou no que hoje chamamos a rua do ‘FICO’, a primeira etapa da ocupação começou aqui onde estamos agora conversando. Foi com a luta de todos em ter as melhorias que conseguimos ter o bairro Dom João Batista de hoje”.



Figura 4.2.1.1 Reunião para ocupação (1983)

Fonte: Ass. Moradores

4.2.1.2 A Igreja e o Grito pela Terra



Figura 4.1.2.2: Apelo dos ocupantes à Igreja

Fonte: Associação de Moradores (1984)



Figura 4.1.2.3: Primeira missa celebrada no bairro. Casa da Sra. Fidel.

Fonte: Ass. Moradores (1984)

No artigo de Herkenhoff⁴⁶ (2009) ele cita dois profetas que anunciaram a Justiça nas terras capixabas: Dom João Baptista da Mota e Albuquerque e Padre Gabriel Maire. Neste artigo, os dois religiosos são descritos com “profetas que bandearam para o lado dos fracos”, pois assim como na bíblia a busca de posse da terra sempre foi feita com litígio, contrapondo interesses políticos e econômicos. A postura do profeta era subverter a ordem estabelecida, a dominante.

A Arquidiocese de Vitória, espaço popular, como nos relata Vereza (2005)⁴⁷, organiza junto à Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese – a Comissão de Justiça e Paz que era uma comissão que tinha advogado, tinha profissionais

⁴⁶ João Baptista Herkenhoff, livre-docente da Universidade Federal do Espírito Santo, professor pesquisador da Faculdade Estácio de Sá de Vila Velha e escritor. Disponível em: <<http://georgelins.com/2010/04/03/a-etica-na-magistratura-joao-baptista-herkenhoff/>> Acesso em 21/04/2010

⁴⁷ Entrevistado em 2005- Projeto de Pesquisa “História do Movimento de Luta por Moradia no Espírito Santo” – Universidade Federal do Espírito Santo – Núcleo de Estudos e Pesquisas em Subjetividade e Política. (em fase de pré-publicação).

liberais, que davam apoio às lutas populares – então cria a Comissão de Direito à Moradia, vinculada à Comissão de Justiça e Paz. Ela foi criada em 1976, a Comissão de Justiça e Paz, e a Comissão de Direito à Moradia da Arquidiocese de Vitória é criada ali, pelo ano de 1980.

É importante ressaltar a participação da Igreja nesse movimento que originou o bairro Dom João Batista. Essa participação é relatada por diversos entrevistados que se lembram das primeiras ocupações urbanas na região da grande Vitória. Estas eram apoiadas por advogados ligados à Arquidiocese, à Comissão de Direito à Moradia (CDM) que agia na hora de um despejo ou de uma ocupação. O regime era a ditadura militar e as ações policiais eram truculentas, como vimos em artigos dos jornais da época (A Gazeta e a Tribuna de 1983) que noticiaram a retirada dos ocupantes por uma ação de reintegração de posse, com a participação de um fiscal de justiça e da polícia militar.

Esse evento é um marco dos anos 1980 que irrompeu no Brasil, as lutas populares ganham intensidade no objetivo de somar esforços para a consolidação de uma nova ordem democrática no país. Silva, (1997) comenta em seu trabalho que nesse período proliferaram movimentos, associações e federações de moradores, conselhos populares, fóruns que colocavam como utopia a participação na gestão pública.

Com Betto⁴⁸(2002) compreendo a diferença entre Movimento Popular e Movimento Social, o qual aplico na escrita desta pesquisa. Como movimento social temos as entidades (Organizações não Governamentais-ONG's, grupos organizados, cooperativas, etc.) que trabalham em prol de demandas específicas. O Movimento popular diz: Betto: “é o que congrega e mobiliza o mundo popular – assalariado, desempregado, excluído e marginalizado”

⁴⁸ Frei Betto foi um dos mais importantes inspiradores do “modelo CEBs” com base nos princípios da Teologia da Libertação. Tendo residido clandestinamente em Vitória, capital do ES, desde sua saída da prisão, Frei Betto desenvolveu extenso trabalho de criação das CEBs neste estado e, contando com o apoio da Arquidiocese dirigida por um bispo progressista, promoveu os três primeiros encontros nacionais das CEBs em Vitória, nos anos 1973, 1974 e 1975. .

O que ocorreu na área de manguezal aqui descrito foi um **Movimento** de conquista de resistência e insistência, um verdadeiro mover de vontades

O arcebispo Dom João Batista, personifica este momento, pelo qual a Igreja Católica e a esquerda brasileira segundo Doimo (1995) “juntam esforços para recuperar a capacidade ativa do povo no enfrentamento das lutas vividas no espaço urbano, e revela o anseio do povo”. E mais. Para a autora o que caracteriza melhor os movimentos populares na década de 80 era a possibilidade de interagir com a população desorganizada, isolada e sem condições políticas de se fazer ouvir. Tais movimentos tinham o papel de chamar a atenção para a situação de exclusão de uma parcela significativa da sociedade e promover novas formas de organização, visando à construção de uma “nova sociedade”.

Nesse período, o grito popular foi liberado e a possibilidade da virada descrita por Doimo (1995, p.48): “Nesse contexto prevalece a dimensão educativa que se ressalta é a tentativa pedagógica dos movimentos sociais em recuperar a capacidade ativa do povo como “sujeito da história”.

Tecendo este fio da história com Vereza (2005) ele prossegue buscando as lembranças sobre Dom João Batista da Mota e Albuquerque. E diz: *“Ele entra, então, como mediador do conflito”,* dizendo: *“Olha esse povo não pode ficar na rua”.E Vereza continua: “O bispo entra e começa a negociar com o irmão da minha mãe que vem do Rio pra administrar o despejo. Meu pai ao lado dele, coitado, numa situação muito difícil, porque o filho e a mulher, minha mãe, na luta do bairro e da Igreja, em favor dos despejados”.*

Então o bispo fala: *“Olha, conclusão, a família aceita doar uma área de 30 mil metros quadrados para a prefeitura urbanizar, desde que seja urbanizado, o mangue, então, aterrado, pra fazer ruas, loteamentos, para as famílias morarem”.* Vereza completa: *“Enquanto a urbanização não acontecia, a igreja resolveu abrigar parte das famílias que não tinham pra onde ir, em torno da igreja, dentro e fora dela”.*

Na continuidade de suas lembranças, Vereza explica: *“Dentro ficaram uns vinte dias mais ou menos. Parte dessas famílias dentro da igreja, parte no pátio externo da igreja. No pátio externo ficaram 40 e poucas famílias durante um ano certinho. Aquelas que não tinham pra onde ir. Algumas tinham parentes, voltaram pra casa dos parentes, agora essas que não tinham pra onde ir mesmo ficaram sujeitas à vila da igreja. Tinham duas filas de barracas num patiozinho estreitíssimo ao lado da igreja, em condições muito precárias. Mas com apoio da comunidade, alimentos, água e luz da igreja, um banheirinho único da igreja, uma coisa miudinha. Essas famílias ficaram ali por um ano”*.

O movimento começa a se delinear nas reuniões, que aconteciam semanalmente no pátio da Igreja do Aribiri, para discutir o que fazer se era possível ou não voltar ao local. Todo o processo de ocupação segundo depoimento de Assis⁴⁹ (2005) aconteceu com a ajuda de Dom João Batista, arcebispo de Vitória, se conseguiu instalar o bairro Dom João Batista. *“Este momento propício formou o Movimento de Moradia de Vila Velha que passou a incorporar as necessidades de outros moradores, de outras pessoas do Município com o apoio da arquidiocese de Vitória e da Comissão de Direito à Moradia que integrava a Comissão de Justiça e Paz e se fortaleceu essa rede com a formação do Movimento de Moradia. Contando com o apoio da arquidiocese, o apoio da Comissão de Direito à Moradia, o apoio das Comunidades Eclesiais de Base, e com o apoio de vários moradores que em Vila Velha não tinham lugar onde morar, e assim começou o movimento de moradia de Vila Velha.”*

Percebi que o espírito de luta deste “profeta”⁵⁰, persiste em cada sujeito que habita seu pedaço de lote de mangue até hoje. O bispo Dom João é lembrado

⁴⁹ Paulo Assis de Sousa, integrante do Movimento Nacional de Moradia e participante ativo da luta por moradia desde os anos de 1980, principalmente no Município de Cariacica. Entrevistado em 2005- Projeto de Pesquisa “História do Movimento de Luta por Moradia no Espírito Santo” – Universidade Federal do Espírito Santo – Núcleo de Estudos e Pesquisas em Subjetividade e Política. (em fase de pré-publicação).

⁵⁰ Dom João Baptista da Mota e Albuquerque

com respeito e carinho por todos, e seu exemplo de mantenedor da luta persiste até os dias de hoje por aqueles que foram os primeiros ocupantes da então chamada Vila de Dom João, na consolidação do bairro em suas conquistas de infra-estrutura urbana implantadas pelo Programa Habitar Brasil desde 2001.

4.2.2. Força Feminina: movimento ondulante.

A mulher como catadora de coisas, a cidade é uma floresta onde ela desenvolve sua incansável atividade, sempre em busca de uma oportunidade de alimento ou combustível. [...] em tempos de crise, as mulheres conseguem recursos vendendo até suas roupas velhas. Elas deslizam e se insinuam por todos os cantos, nos mercados, possuem predileção pelas margens de rios, seguindo seus cursos como uma geografia flutuante. (PERROT, 1988, p 201)

Nessa geografia flutuante me deparo com mulheres que deslizaram de suas vidas estagnadas e se instalaram às margens do rio Aribiri, forçando e rachando com estruturas consolidadas de um poder político daquela época de Ferro⁵¹. Na obra de Perrot, p.197 temos várias passagens que evidenciam as diversas formas que as mulheres se insurgem contra os atentados às formas de produção doméstica. Nesses motins, elas traziam toda a sua energia na luta empreendida. Esquecidas e ignoradas pela historiografia tradicional, essas lutas cotidianas ganham rostos e nomes quando nos dispomos a ouvi-las.

Na pesquisa, me deparei com a presença predominante das mulheres nessa história de ocupação dos latifúndios de lama. Uma presença marcada por lembranças sofridas, mas também por exemplos de superação. Elas contam que sofrerem muita incompreensão e violência física por parte de seus maridos e companheiros que não acreditavam que elas estavam dormindo e ficando o dia todo na ocupação para conseguir um pedaço de lama-seu lote.

A fala de Fidel mostra o quanto uma situação extrema pode fazer surgir uma força capaz de mobilizar potências quando ela diz: *“Era uma mulher apática, sem iniciativa, mas trabalhadeira. Apanhava do meu marido e até queimaduras*

⁵¹ O período do Regime de Ditadura no Brasil foi denominado “Anos de Ferro”

de cigarro eu sofria. A companheira Maria Clara muito me ajudou e tenho enorme admiração e respeito por ela”.

Na obra de Perrot, constatei que em suas pesquisas sobre mulheres num tempo demarcado por lutas no século XIX, na França não difere tanto do que foi o movimento de resistência aqui empreendido por esse grupo de mulheres. Dispostas ao embate, a fala moderada quando preciso, ao afago e ao carinho nos momentos de desânimo, elas ajudaram a manter vivas a vontade e a esperança que uniu a todos: homens e mulheres. Isso porque após a primeira vitória com a doação dos lotes por parte da família Vereza, muitos dos companheiros vieram se juntar a elas e aos filhos.

Para reforçar o pensamento conjurado com Perrot:

As mulheres não são passivas nem submissas. A miséria, a opressão, a dominação, por reais que sejam não bastam para contar a sua história. Elas estão presentes aqui e além. Elas são diferentes. Elas se afirmam por outras palavras, outros gestos. Na cidade, na própria fábrica, elas têm outras práticas cotidianas, formas concretas de resistência - `a hierarquia, à disciplina – que derrotam a racionalidade do poder, enxertadas sobre seu uso próprio do tempo e do espaço. Elas traçam um caminho que é preciso reencontrar. Uma história outra. Uma outra história. (PERROT, 1988, p.212).

As mulheres foram participantes ativas dessa história, pois cada relato evidenciou o modo, a experiência como cada uma viveu e rememora até hoje. A reconstrução da história do bairro é também importante para mim, como pesquisadora implicada nesse processo de fazer vir à tona o passado submerso há vinte seis anos, em que de certa forma me inseri e fiquei ancorada, presa. Entretanto, no momento em que escrevi esta pesquisa, tive a oportunidade de conhecer os meandros da história submersa.

As memórias estão imersas nas águas rasas do esquecimento e podem ser deslocadas pelo movimento provocado pelos ventos da rememoração. Essa dinâmica contribuiu para a manutenção da experiência.

4.3 O ONTEM - A SEGUNDA E TERCEIRA ETAPA



Figura 4.3: Obras de saneamento em mutirão na segunda etapa - rua do progresso (1987)

Fonte: Assoc. Moradores

Como nos relata Fidel: *"A ocupação continua com a chegada de mais pessoas necessitadas por moradia, pois a área cedida pela família Vereza era de aproximadamente 300 lotes, o que não supria as necessidades"*.

Na fala de Maria Clara (2005) fica evidente que as negociações com a área que pertencia à Vale do Rio Doce, deram certo. Ela relata: *"Nós acabamos ganhando tanto a [área] dos Vereza quanto a da Vale do Rio Doce também dentro do processo na justiça. Por quê? Primeiro porque os Vereza doaram e como a área da Vale era ligada à área dos Vereza e estava quase no final, então a Vale disse que tudo bem, não mexeu com a gente, disse que poderíamos ficar. Nós discutimos isso juntos"*.

Na lembrança do Sr. Cafuringa, ele acrescenta dizendo: *"na época o prefeito Vasco Alves também entrou em contato com a Vale do Rio Doce, para pedir o restante da área. E permitiu o aterro do mangue com a terra retirada do Morro da Manteigueira e lixo. Mas, sabe como é o ser humano é bicho do demônio, vai querendo e vai invadindo e a prefeitura dizia: "vai invadindo lá"*



Figura 4.3.1: Mobilização de pessoas na terceira etapa

Fonte: Ass. Moradores [1992?]

Assim, continuando a escovar as palavras que continuam a se embaralhar e misturar formando esse tecido, tecido com fios atemporais guardados nos recônditos das lembranças de cada ser humano, sujeitos dessa história fragmentada. Pois, se continuar a tecer por mais tempo, mais fundo iria e como um pesquisador com sua lupa a buscar as minúcias desse corolário de contar, lembrar e relembrar a história do bairro que chego aos dias atuais.

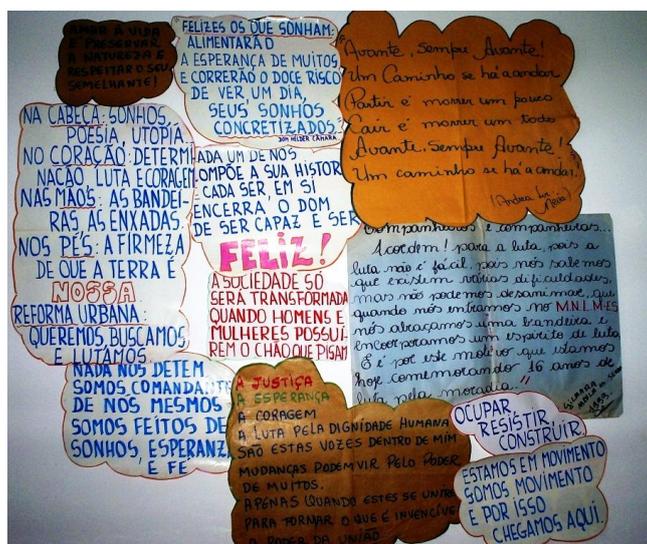


Figura 4.3.2: Frases Movimento Moradia

Fonte: Freire 2009

4.4 O HOJE – CONQUISTAS

4.4.1 Habitar Brasil: a urbanização sonhada

Entrevista realizada com o Dr. Rogério Alexandre C. Valle, Assessor Técnico-Jurídico da Prefeitura Municipal de Vila Velha – Secretaria de Planejamento Urbano, o mesmo não quis gravar e optou que eu fizesse anotações para posterior acerto e solicitou que completasse as informações com os Relatórios Técnicos que foram cedidos por ele. Homem amável e receptivo. Entretanto, sua narrativa se deteve a apenas alguns detalhes técnicos. Na entrevista suas palavras são entrecortadas por menções aos citados relatórios. No embaralhar das palavras na montagem de seu relato, percebi uma lembrança distante e tênue daqueles mesmos acontecimentos narrados com tanta intensidade pelos moradores do bairro Dom João Batista. E relata:

“O bairro Dom João Batista, surgiu em lixão, nas décadas de 70/80, havia na maré edificações de palafitas. Essa situação acarreta problema de ordem sanitária”. E reforça sua colocação acrescentando que: “na época, década de 1980, o êxodo rural foi a principal causa das invasões”.

Conta também que para regularizar a ocupação desordenada, os terrenos de marinha foram transferidos para o patrimônio municipal com destinação específica de moradia, conforme o que dispõe a Constituição Federal sobre regularização fundiária em seus artigos. 192, 193, e na Medida Provisória 2020/200, para regularizar socialmente, urbanisticamente, juridicamente e ambientalmente, a ocupação desordenada.

No início de 2001, foi realizado o cadastro sócio-econômico dos moradores, conduzido pela PMVV, na Secretaria de Desenvolvimento Urbano. A lei estabelece o direito à ocupação e gratuidade da justiça quando do registro inicial da posse para pessoas ou famílias de baixa renda até 3 salários mínimos comprovadas pelo cadastro.

O registro do imóvel não é pago, a escritura é paga pela PMVV, conforme o Estatuto das Cidades, e a lei nº 11.977/2009, que estabelece a gratuidade. Para

a outorga das escrituras, o Município recebe autorização do Poder Legislativo local.

De acordo com Dr. Rogério, foi realizada a complementação das edificações, o reordenamento sobre o lixão, e a instalação de infra-estrutura básica. A Caixa Econômica Federal repassou os recursos para a PMVV. Para isso, os moradores das palafitas foram removidos para o conjunto habitacional Ewerton Guimarães. O projeto foi elaborado pela municipalidade, obrigando-a a adquirir terrenos de particulares para a implantação de 120 casas que compõem o Projeto Habitar Brasil. I

O Sr. Rogério cedeu relatórios de desempenho da implantação do Projeto de Urbanização Integrada do Bairro Dom João Batista, objetivando melhor conhecimento do processo, e, igualmente, considero importante complementar o seu depoimento para que o leitor possa acompanhar e observar o que nas 'falas' dos entrevistados moradores do bairro aparece colocado por outra perspectiva. O Relatório Técnico de 2001 faz uma breve explanação de que trata o Projeto Habitar Brasil, que é a regularização fundiária como parte do processo de urbanização integrada do bairro, a qual somente pode ser realizada com recursos financeiros provenientes do BID- Banco Internacional de Desenvolvimento, Ministério das Cidades, através da Caixa Econômica Federal.

As áreas de intervenção do Programa Habitar Brasil são aqueles terrenos acrescidos de marinha, que foram doados pela União ao município de Vila Velha. O processo é conduzido pela Caixa Econômica e o Ministério das Cidades de acordo com o Contrato de Cessão sob regime de aforamento gratuito, registrado no cartório de 1ºOfício de Vila Velha – ES 1ªZona, sob o número de matrícula 65.733 de 12 de março de 2002.

O Projeto visa, além da regularização fundiária, promover condições de infra-estrutura como: obras de drenagem, pavimentação, rede de esgoto, iluminação, contenção de encostas, módulos hidráulicos e doação de cestas de material construtivo para a utilização pelos moradores na reforma das moradias existentes.

A primeira fase do projeto contemplou 826 famílias, das quais 80% têm rendimentos inferiores a 3 salários-mínimos, havendo as obras iniciadas em junho de 2001. Em setembro de 2002, foram entregues unidades habitacionais às 112 famílias que viviam nas palafitas ao longo do rio Aribiri. As quais foram reassentadas no conjunto habitacional Ewerton Montenegro Guimarães, no bairro Nossa senhora da Penha. E mais 98 unidades habitacionais foram reconstruídas no bairro Dom João Batista.

Nessa ocasião, eu fazia parte da equipe de governo municipal junto à Secretaria de Meio Ambiente que atuava juntamente com as demais secretarias que compunham a Unidade Executora Municipal do projeto, a UEM, constituída pelo Decreto nº 072/01. As ações desenvolvidas viabilizaram a moradia adequada, acesso à legalidade dos lotes, a infra-estrutura e o mais importante, fortaleceu os direitos à cidadania, o acesso às políticas públicas por meio da participação popular.

Conforme Relatório Técnico de maio de 2004, as obras foram iniciadas em junho de 2002, juntamente com as intervenções na área ambiental, implicando o licenciamento ambiental do Projeto nas duas áreas de intervenção já citadas anteriormente. E para tanto foi emitida pelo IEMA⁵² a Licença de Instalação nº 160/2002.

Como está exposto no referido relatório, as ações de Educação Sanitária Ambiental tinham como foco promover ações para um ambiente saudável e uma melhor qualidade de vida para as comunidades contempladas pelas intervenções do Programa. No levantamento realizado pela equipe com a comunidade, a mesma aponta o Lixo como um problema a ser resolvido, mas essa ainda é a preocupação nos dias atuais. Presenciei durante uma de minhas idas ao campo, para a realização da presente pesquisa, a discussão de vários moradores com uma vizinha que queria colocar fogo no sofá às margens da maré. Depois de muita conversa o Sr. Zé do Toco, usando de sua influência

⁵² O Iema- Instituto Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos- é o órgão executor das políticas estaduais de meio ambiente no Espírito Santo.

como líder comunitário, ligou para a prefeitura e solicitou a coleta do sofá. Vale salientar que ele é também funcionário da prefeitura municipal e atua no bairro como gari, o qual além de desempenhar sua função, promove a sensibilização dos moradores quanto à limpeza do bairro e o cuidado com o ambiente.

Mas no levantamento realizado pelas equipes de ação social e educação ambiental da prefeitura municipal, escapou ao olhar, ao escutar sobre as pessoas que habitavam as palafitas e sua forma de viver, como no caso de diversos pescadores que perderam sua “maritimidade⁵³”. Como tristemente conta o Sr. “Cafuringa:” seus amigos deixaram de ser pescadores e viraram ‘biscateiros’, pois agora moravam perto do asfalto, eles estavam muito distantes do mar para exercerem a profissão de pescador. Naquela época, os mesmos perderam seus barcos para o vandalismo e para o roubo”. Fidel acrescenta: “Esse povo que vivia da maré na ,verdade, hoje eu os chamo “povo da maré, pois venderam por qualquer trocado sua casa no loteamento Ewerton Guimarães e hoje, vivem fazendo biscate por qualquer trocado na beira da maré”.Ela afirma : “Eles retornaram ao berço e vivem bem, apesar de tudo”. Ao longo do tempo eles retomaram a maritimidade perdida e o vínculo com o lugar.

Nesse relato, percebi o quanto somos profissionais hegemônicos e donos de uma verdade técnica presa a um discurso político, e estou convencida que muito mais teria a descobrir se a pesquisa durasse mais tempo e o quanto poderia apreender e aprender com aqueles sujeitos.

Atualmente, o Projeto Habitar Brasil II, encontra-se em fase de elaboração segundo relato do Sr. Rogério e depoimento do senhor Luiz Cláudio Campista em entrevista 19/07/2009. Constatei, em visita de campo no dia 8 de julho de

⁵³ Maritimidade. Pode ser entendida por um conjunto de várias práticas (econômicas, sociais e, sobretudo simbólicas) resultantes da interação humana com um espaço particular e diferenciado do continental: o espaço marítimo. Este conceito não é diretamente referente ao mundo oceânico como entidade física, é uma produção simbólica e social que nem sempre existe em todas as sociedades insulares. Algumas se desenvolvem para o interior, voltada para outras atividades. (DIEGUES, 1998, p.50 -51)

2009, quando tinha agendado a entrevista com Sra. Esperança, a chegada do Prefeito Neucimar Fraga e da sua comitiva, formada por secretários, representante da Caixa Econômica Federal, vereadores e pessoas da comunidade interessadas na retomada das obras de urbanização pertinentes ao Programa Habitar Brasil.

A comitiva



Figura 4.4.1: Visita Institucional

Fonte: Freire 2009

A rua se tornou uma sala de reunião, fórum de discussões sócio-políticas, quando não se registrou, em momento algum, rixas partidárias ou pessoais. Todos aproveitaram aquele instante para exercer a democracia por meio da cidadania, com direitos e deveres instituídos. E como em toda reunião, nada melhor que um cafezinho servido no calor de afetos daquele encontro. A garrafa de café girou na roda que se estabeleceu automaticamente, parecia uma celebração ‘ O Café da Paz’

Cafezinho informal antes da caminhada



Figura 4.4.2: Cafezinho informal

Fonte: Freire 2009

A Rua do Fico: um marco histórico



Figura 4.4.3: A rua do Fico

Fonte: Freire 2009

Normalmente a rua do Fico é palco de tomada de grandes decisões, vejo ali a realização dos sonhos e lutas daquela gente. Como ouvi no relato de Clara, (2009) na área do Rabo do Lagarto um comentário ardoroso pelo que entende como moradia: *“As moradias foram construídas. Um troço sem planejamento, não teve projeto. O que o Movimento quer é que a moradia das pessoas seja*

uma moradia digna projetada porque, se os ricos têm direito ter um projeto pra sua moradia ser bonita, digna, agradável e decente o povo deve ter também, quem trabalha deve ter. Essa é minha luta!”.

Fiquei impressionada ao ouvir e ver a capacidade de dialogar do líder daquela comunidade, Sr. Zé do Toco, com os diferentes representantes das instituições. Com sua voz em tom calmo e firme, ele foi apontando durante a caminhada, todos os problemas e as reivindicações para saná-los. Para finalizar os pedidos, ele se aproxima do prefeito Neucimar e quase ao ‘pé de orelha’ do mesmo, escuto-o pronunciar: *“O senhor que é homem competente, homem da lei”*, frase esta usada como para expressar sua confiança e esperança de que tudo vai acontecer como está no projeto e mais, o que foi apontado na caminhada, para o bem-estar e qualidade de vida da comunidade, inclusive com a reivindicação das obras da capela mortuária. E junto ao prefeito, diz ele: *“A comunidade hoje não tem um lugar decente para velar seus mortos”*.

Foi uma caminhada de ‘saber daquela gente simples’ misturada às frases prontas e técnicas dos homens que representavam as Instituições.

O dedo que vê



Figura.4.4.4: Fundos da Casa da Sra. Preservação

Fonte: Freire 2009

Na caminhada, tanto moradores como integrantes da comitiva do governo municipal, se utilizaram das mãos como forma de expressões além da fala. Como o artesão que tece suas obras, ao mesmo tempo em que narra. Parece

que para lembrar foi preciso apontar, como determinando o que deve ser lembrado, o direcionar de intenções. Entendi também o gesto como uma forma de assegurar visualmente a 'fala'.

Durante todo o percurso os moradores, principalmente a Sra. Esperança e o líder comunitário (Zé do Toco), lembravam e reivindicavam junto aos gestores, a realização de ações corretivas e de intervenções, conforme o projeto já apresentado e discutido com a comunidade desde 2001

Esse momento da pesquisa foi um entrelaçar total de fios dessa história, pois muitos da comitiva que ali estavam, eu os conhecia e alguns por havermos trabalhado juntos na implantação do Habitar Brasil I. A caminhada serviu para o ouvir e o contar de fatos que pude relembrar com alguns deles sobre dados técnicos do projeto, principalmente sobre as questões ambientais e de saneamento. Mas o meu lugar de pesquisadora foi observado e respeitado, o passado se fez presente como se estivéssemos num mirar do tempo acoplando nossas lembranças.

Após a caminhada, consegui colher o depoimento de Sra. Esperança e parte dele que chamou minha atenção tem implicação com o ocorrido durante o trajeto entre o poder constituído e o poder local, quando ela fala com orgulho que por causa das lutas constantes, ficou conhecida não só dentro do bairro, mas na Prefeitura Municipal de Vila Velha, Câmara Municipal, Assembléia Legislativa e também quando trabalhou na Maternidade de Vila Velha, ajudando as famílias que chegavam, completamente sufocadas pelos mais diversos tipos de carências.

Conta que na creche as crianças merendavam e o pratinho ficava cheio de água da chuva e diz: *"Foi quando pedimos à prefeitura aquela tapagem que tem hoje"*. Ela é uma pessoa que gosta de ser atuante nas causas solidárias e repete constantemente: *"Hoje estou participando de uma sociedade grande"*

Com entusiasmo disse ser, conhecida em toda a região pelo seu trabalho ajudando muitas famílias. Em um de nossos encontros, no qual que me

apresentou sua sobrinha de 12 anos, disse com muito orgulho, que estava preparando a menina para entrar logo cedo na 'sociedade grande', e, ainda mais, que ela estava estudando e que a jovem parecia estimulada pela fala e exemplos da tia, para realmente seguir o mesmo caminho: "O da Luta por Direitos de Cidadania".

É muito estimulante estar nesta pesquisa e ver a capacidade de pessoas simples, sem grau de escolaridade, mas dotadas de algo muito maior que qualquer diploma, que é a inspiração e vibração pela Vida com ética. E, para concluir o relato da entrevistada: *"Fui candidata à vereadora em 2004, nunca pensei, estava despreparada, mas como sou guerreira fui. Preciso me preparar para a próxima candidatura-" pela vontade do Pai, estou na Luta. Não vou desistir assim não"*.

Concordo com Clara (2009) quando diz que há muito que caminhar, mas os enfrentamentos estão acontecendo e devagar modificando a situação de moradia. Conta com alegria da participação do Movimento de Moradia no Fórum Mundial, no qual ela e mais 52 pessoas do Movimento tiveram contato com cinco presidentes de países da América Latina, isto é gratificante diz ela: *"A gente viu os presidentes discutindo aquilo que nós estamos buscando – que é uma sociedade mais justa com distribuição de renda justa. Para fazer isso que nós criamos tem leis de sobra e para aplicar tem que todos assumir, toda a classe trabalhadora, tem que assumir."*

Quando falo da classe trabalhadora, falo do empresário, falo do micro, falo do poder público que também é uma empresa ela cuida da coisa pública, cuidar disso com seriedade tem que ter transparência, então minha filha, vejo essa coisa acontecendo, assim pra mim, eu perco até a fala de tão gostoso que é".

Por entender que é importante mostrar ao leitor a força, o vigor de Sherazade, por meio da minha percepção e do meu envolvimento nos nossos encontros, apresento a seguir, o texto que não faz parte do rol de depoimentos dessa

pesquisa, mas foi visualizado e coletado⁵⁴., durante o Simpósio: CONSTRUINDO CIDADANIA E OPORTUNIDADES, realizado pelo CREA-ES, em 27/04/2009



Fonte: CREA 2009

“Nossa luta vai continuar na organização da sociedade, na organização das periferias. E gostaria de deixar pra vocês aqui um recado. Por favor: na periferia tem língua de todas as espécies. Tem gente de todo jeito. E somos nós essa gente.

E gostaria de vocês que estejam com paciência com a gente. Prefeitos, Governador, secretários, os nossos companheiros que vão estar o dia-a-dia nas prefeituras. Tenham paciência. Deixem-nos falar, deixem-nos dar o palpite como queremos morar, como podemos morar como podemos ajudar e, às

⁵⁴ Disponível em <http://www.creaes.org.br/downloads/cartilhas/Cartilha_simposio_arq_eng_socia.pdf>. Acesso em 17/04/2010

vezes, em algum momento, vocês vão entender, estão nos atrapalhando. Deixa o povo se empoderar, porque é esse povo que muitos anos viveu longe do poder e está longe do poder porque o poder não se divide com ninguém enquanto a consciência não bater e dizer assim: não, o povo é o senhor da história. Quem faz a história é o povo. É o povo que constrói, é o povo que consome, é o povo que paga tudo. Povo que constrói povo que quer ser feliz, povo que quer ter vida. E é isso que nós esperamos. Doutor Caiado, o senhor que ficou com a gente, sabe como a gente luta na questão da habitação. A gente é teimosa, mas a gente sabe por que é que é teimoso. Porque é a gente é que mora lá onde não tem água, não tem luz, não tem ônibus, lá não tem estrada. Eu estou com a maior glória do mundo! Porque hoje nós temos habitação pra todo mundo. O Presidente da República nos deu essa alegria. O Governo foi o primeiro que criou aqui no Estado a política de habitação. Ele criou, agora falta uma coisa, falta uma coisa que eu não deixo de cobrar: o Conselho da Cidade ainda não foi formado. E “o controle social vai passar por esse Conselho, porque é ali que nós do povo podemos falar”.

5. CONCLUSÕES

5.1 TAMBÉM QUEM FAZ PESQUISA, SENTE!

Quero neste espaço dar meu depoimento, minha percepção e falar da mistura que irrompeu ao longo da pesquisa, principalmente falar da presença humana, da esperança do sonho e da ética da vida

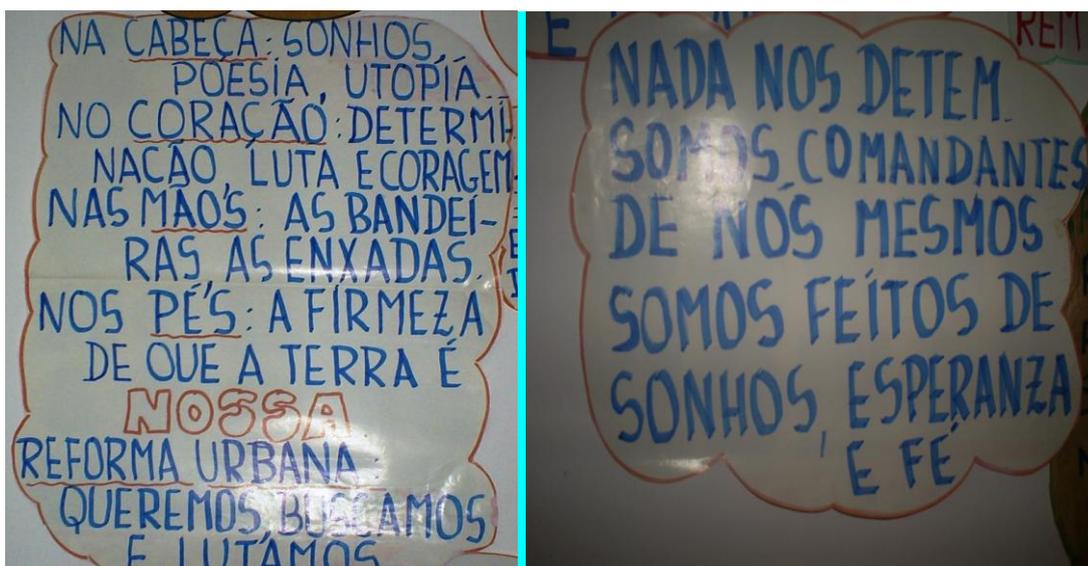


Figura 5.1: Palavras de ordem Mov. Moradia

Fonte: Freire 2009

Foi instigante e fortalecedor o campo, pois vi a concretude de vários sonhos evocados na tela da memória, nutridos pela esperança e comungando com Paulo Freire que escreve:

“A esperança faz parte da natureza humana. Seria uma contradição se, inacabado e consciente do inacabamento primeiro, o ser humano não se inscrevesse predisposto a participar de um movimento constante de busca e, segundo, se buscasse sem esperança”. (FREIRE, 1996, p.72)

Realmente sem a esperança presente em cada sujeito rememorador, não haveria a história que estamos aqui a desmontar e remontar para o além da história fixada nas fontes oficiais.

A esperança aparece nas mínimas atitudes humanas: na busca da alimentação, do vestuário, da habitação, do direito ao trabalho, se buscando atingir uma sociedade verdadeiramente humana (questão central da ética material de vida). E cada depoimento com que me deparei estava marcado pela esperança. Nem mesmo o medo instalado no grupo ou a fome que roia os estômagos, impediu que a luta continuasse. Concluí que só sonha quem acredita na espera.

Segundo Bloch, a esperança encontra-se no limiar da insatisfação do homem perante a sua condição histórico-social. É assim, por exemplo, que se pode afirmar, após analisar os limites humanos, que é muito bom o homem ser imperfeito, diferenciar-se dos animais por não ser acabado, pois só assim pode fazer algo (E. BLOCH. *Sujet-objet*, p. 483.).

Assim, a utopia, o sonho se torna viável à medida que possui o explícito desejo de ser realizada coletivamente. Se houve conquistas é porque a esperança não deixou espaço para o impossível

Nesse jogo do possível e impossível, procuro o apoio de Freire (2008)

"Na história, temos visto com freqüência, infelizmente, que o possível se torna impossível e podemos pressentir que as mais ricas possibilidades humanas permanecem impossíveis de se realizar. Mas vimos também que o inesperado torna-se possível e se realiza; vimos com freqüência que o improvável se realiza mais do que o provável; saibamos, então, esperar o inesperado e trabalhar pelo improvável. (FREIRE, 2008, p.55.)

O HUMANO: presença singular

“[...] mais do que um ser no mundo, o ser humano se tornou uma Presença no mundo, com o mundo e com os outros. Presença no mundo, com o mundo e com os outros. Presença que, reconhecendo a outra presença como um “não-eu” se reconhece como “si própria”. Presença que se pensa a si mesma, que se sabe presença, que intervém, que transforma, que fala do que faz mas também do que sonha, que constata, compara, avalia, valora, que decide, que rompe. E é no domínio da decisão, da avaliação, da liberdade, da ruptura, da opção, que se instaura a necessidade da ética e se impõe a responsabilidade” (FREIRE, 2008,p.18)

E como base na leitura de Freire (2008), identifiquei que todo acontecimento nas vidas dos entrevistados foi no conjunto das autonomias individuais, mas que refletiram um desenvolvimento dado pela afetividade do sentimento de pertencer à espécie humana, com necessidades comuns e ímpetos de transformar, reavaliar, romper com o estabelecido onde aos poucos foi se instaurando a necessidade da ética e das responsabilidades.

No caminho da escrita Martins (2008) veio iluminar a abordagem dos sujeitos simples e seu cotidiano fragmentário considerado sem sentido para muitos. Sua obra fala das conquistas do gênero humano, por aquilo que o liberta das múltiplas misérias que o fazem pobre de tudo.

Nesse fluxo diz:

Se a vida de todo o dia se tornou o refúgio dos céticos, tornou-se igualmente o ponto de referência das novas esperanças da sociedade. O novo herói da vida é o homem comum imerso no cotidiano. É que no pequeno mundo de todos os dias está também o tempo e o lugar da eficácia das vontades individuais, daquilo que faz a força da sociedade civil, dos movimentos sociais. (MARTINS, 2008, p. 52,).

6. CONSIDERAÇÕES

Por ser bióloga de formação quis empreender este item abordando algumas considerações finais que vieram ilustrar alguns pontos pertinentes às questões ambiental e social que são relevantes, as quais destacam e sintetizam o que foi percebido no decorrer do desenvolvimento dos trabalhos desta pesquisa. Nesta trajetória, alguns véus foram descortinados dando passagem à luz que cintilou sobre o objeto desta pesquisa.

Todo o desenrolar da história do bairro Dom João Batista, desliza por entre olhares e modos de olhar com focos diferentes, os quais a constituíram e a constituem, inclusive o meu olhar. E sob a ótica deste olhar re-visitado é que vi, na prática, o vai e vem constante dos paradigmas ambientais durante as décadas de 1980 até os dias atuais.

ENTENDENDO A PRESERVAÇÃO

O aumento acelerado da sociedade durante décadas fez crescer e se instalar (assentar) desordenadamente a população, a cidade e a indústria, não deixando assim, tempo nem espaço para um planejamento adequado desta ocupação, o que vem acarretando danos aos ecossistemas, muitas vezes afetando-os de maneira irreversível, podendo levar espécies da fauna e flora à extinção, causando o assoreando de rios, alterando a qualidade dos solos, e afetando outros aspectos importantes que interferem diretamente na diversidade biológica e na grande Teia da Vida. Este breve retrato é o que ocorreu e ocorre não só no município de Vila Velha/ES, mas também em outros.

Muito se diz que a aliança homem/natureza foi quebrada, porém recentemente, se percebeu a necessidade de restabelecê-la, e este fato pode ser referendado pelas palavras de Cottini (1999).

Atualmente o reflexo desses acontecimentos vem despertando em toda a humanidade a necessidade de reconquistar e refazer a aliança.

O que hoje vivemos não é apenas a perda dos recursos naturais, mas uma crise no modelo de sociedade e sentido de vida, que sufocou e sepultou valores como o respeito pela vida, pela solidariedade, democracia, responsabilidade, amor [...] Tudo isso recai sobre a qualidade de nosso meio ambiente, pois nossas relações não são apenas biológicas e físicas, mas também sociais e espirituais. O homem precisa ser encarado como um ser BIOPSIKOSOCIAL, condição necessária para um perfeito equilíbrio entre ele e o planeta (COTTINI, 1999).

Na pesquisa, o meio ambiente, a unidade que foi focada, isto é, o Manguezal, passou então a fazer parte do cotidiano daquelas pessoas. Agora não mais como algo a ser dominado e que só existe para servir, mas porque se constituiu ao mesmo tempo em que eles o constituíram. Ele pode então ser percebido de diferentes maneiras. Essa abordagem por mim traçada é fortalecida ao conhecer a obra de Thomas (1988), a qual relata que, na tradição ocidental, Deus teria criado a natureza para que ela servisse ao homem, que recebia sobre ela uma autoridade praticamente ilimitada. “Era um legado ambíguo”, diz ele, pois dava ao homem esse direito e, ao mesmo tempo, fazia dele uma espécie de "gerente ou lugar-tenente de Deus e responsável pelas Suas criaturas", pelas quais também deviam zelar.

O autor dá ênfase à análise histórica do mundo Ocidental a partir da Idade Moderna, principalmente, e mais precisamente na Inglaterra. No capítulo intitulado “O predomínio Humano” Thomas mostra que a relação do homem perante à natureza era orientada por um forte antropocentrismo e que havia rígidas delimitações entre o que era humano e as outras formas de vida. Assim, todas as ações perante os outros seres vivos partiam do pressuposto de que o mundo havia sido criado para o bem do homem e que as outras espécies deveriam se subordinar aos seus desejos e necessidades.

PARADIGMAS

A idéia de se criar “espaços de natureza selvagem” surgiu em meados do século XIX nos Estados Unidos. Thomas (1988) faz menção a essas idéias na

Europa do século XVIII, mas guardando ainda a visão antropocêntrica. E da evolução desse pensamento surge a corrente preservacionista, que de um modo geral, defende que para conservar a natureza é necessário demarcar áreas naturais e mantê-las sem qualquer tipo de intervenção humana, salvo aquelas reservadas para o conhecimento técnico e científico, no interesse da própria conservação. Neste contexto, as populações que vivem dentro e no entorno de áreas protegidas representariam uma ameaça à conservação, devendo ser removidas da área.

O conceito que fundamenta este modelo é o de que, sendo inevitável a dominação e a alteração de toda a biosfera pelo homem, seria necessário conservar pedaços do mundo natural em seu estado originário. Lugares em que o ser humano possa reverenciar a natureza intocada, refazer suas energias materiais e espirituais e pesquisar a própria natureza. Como cita Keith Thomas: *"A Natureza, desde que conhecida, será dominada, gerida e utilizada a serviço da vida humana"* (THOMAS, 1988, p.32).

Preservar não basta: como conservar?

No meio à política Preservacionista, emerge nesse emaranhado, o paradigma Conservacionista, contra a proposta do paradigma estabelecido que vem rebater as posições estritas de preservação de espécies e habitats (Brown & Wickoff-Baird, 1992). Mas, no novo conceito a abordagem "conservacionista" é associada ainda com a noção mais ampla de desenvolvimento sustentável, em que o uso produtivo dos recursos naturais para promover o crescimento econômico e fortalecer modos de vida locais caminha lado a lado com a conservação destes recursos para o benefício das gerações presentes e futuras (Hall, 2000).

Apresento a seguir, algumas diferenças no conceito "conservacionista" em relação ao paradigma "preservacionista":

A) As comunidades locais, com suas práticas e valores, deixam de ser vistas como "saqueadoras da natureza" e passam a ser encaradas como atores

sociais importantes para a conservação dos recursos naturais (Gibson e Koontz, 1998; Brown e Wickoff-Baird, 1992);

B) A natureza passa a ser tratada como um recurso e as estratégias de conservação passam a se basear na noção de “manejo sustentado”. Os programas de proteção da natureza deveriam levar em conta os interesses econômicos e a satisfação das necessidades humanas básicas das populações locais (Kaiser, 1999; Saterson, 1994; Brown & Wickoff-Baird, 1994);

C) Os “conservacionistas” chamam a atenção para o papel dos agentes da sociedade civil como colaboradores das instâncias governamentais na elaboração e execução das políticas e na gestão ambiental e clamam por estruturas mais participativas de tomada de decisão (Hall, 1997; Gibson & Koontz, 1998; Kaiser, 1999).

Ética Ambiental

Existe nesta área uma constante avaliação e reavaliação das abordagens e conceitos paradigmáticos em que se pautam a comunidade científica, acadêmica, social e econômica, pois todas estão inseridas no mesmo bioecossistema, o qual atualmente passa pelo Paradigma pautado na “Ética Ambiental⁵⁵”. Este surge frente às necessidades prementes da sobrevivência planetária.

Pude observar que a ética foi constante nas falas das pessoas entrevistadas, principalmente quanto ao ambiente, no qual estavam inseridas, tanto que existe uma preocupação permanente por todos quando contam suas experiências em deixar claro que nunca foram Invasores e sim Ocupantes!. Percebi que não houve uma dissociação do social em detrimento ao ambiental, numa lógica

⁵⁵ O conceito de ética ambiental relaciona-se assim como o conceito de ética ecocêntrica (de OIKOS, casa em grego). Por esse conceito, o comportamento do Homem deve ser considerado em relação a si mesmo e em relação a todos os seres vivos. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%89tica_ambiental>. Acesso em 29/05/2010.

binária, mas sim elementos importantes que interagiram e fortaleceram o princípio ético, a **ética da vida**.

Portanto, no desenvolvimento desta pesquisa não houve uma abordagem de cunho de degradação, pois não foi isso que ocorreu na área, mas sim um mover e remover de vidas em diferentes estágios temporais. Nessa cadência estabelecida a vida pulsa em Dom João Batista e no Manguezal, ambos acoplados em mútua camaradagem. As fotos aéreas aqui expostas vêm ilustrar o desenho do Manguezal ao longo dos anos, no qual o mesmo aparece ressurgindo em pontos outrora suprimidos, em outros substituídos por lotes de mangue e noutra porção com o viço verdejante e o pulular de novas vidas.

Com Braudel fica visível a possibilidade de se escrever uma certa história baseada em acontecimentos localizados num determinado tempo e lugar. Esta percepção ganha força ao ler sua obra (1983, p 21), na qual o autor cita que: “o Mediterrâneo nem sequer é um mar, antes é um ‘complexo de mares”, pois para ele, esse mundo marinho diversificado é dotado de alguma coerência interna e configurado enquanto unidade. Seu pensamento aponta para a perspectiva de uma visão globalizante acerca da História, não possui o intuito de deixar as partes soltas no todo, mas quer, ao máximo, ligar a parte no todo e o todo na parte, demonstrando uma visão de unidade.

7. REFERÊNCIAS

1. ALBERTI, V. **Ouvir Contar**: textos em História Oral. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2004. ed.1. 196p.
2. A Natureza. Disponível em:< <http://pt.wikipedia.org/wiki/Natureza>> Acesso em 14/04/2010
3. AROEIRA. Disponível em<http://ciagri.usp.br/pm/ver_1pl.asp?f_cod=13>. Acesso em 3 de abril de 2010.
4. ALTOÉ, Sônia (Org.). **René Lourau**: analista institucional em tempo integral. São Paulo: Hucitec, 2004.
5. BARROS. M. **A borra**: Ensaios fotográficos. Rio de Janeiro: São Paulo, 2001. p.61
6. BENJAMIN. W. Obras Escolhidas II- **Rua de mão única**. Rio de Janeiro, Editora Brasiliense, 2000. ed. 5:
7. BENJAMIN. W. Obras Escolhidas I **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura; Trad. Sérgio Paulo Rouanet; prefácio Jeanne Marie Gagne. São Paulo: Brasiliense, 1994. ed. 7.
8. BENJAMIN, W. **O narrador**: considerações sobre a obra de Nicolai Lescov. In: *Magia e técnica, arte e política; ensaios sobre a literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1985. p.197-221.
9. Benjamin, W. et al. **Textos Escolhidos**. Trad. Modesto Carone et al. São Paulo: Abril Cultural. 1983
10. BENJAMIN, W. **Rua de mão única**. Obras escolhidas II. São Paulo: Brasiliense, 2000: p.239
11. BENJAMIN, W. **Experiência e pobreza**. In: *Obras escolhidas - I*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
12. BETTO. F. Desafios da Educação popular.. Centro de Educação Popular do Instituto Sedes Sapientiae – CEPIS. 3 ed. São Paulo, 2002.
13. BONDÍA, J L. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação, nº 19: 20-28, Jan/Fev/Mar/Abr, 2002.
14. BOSI, E. **O Tempo vivo da memória**: Ensaios de Psicologia Social - 2ª Edição – São Paulo: Ateliê Editorial- 2003. 484p.
15. BOSI, E. **Memória e sociedade** - lembranças de velhos. 3ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994. 484p.

16. BOURDIEU, P. **Espaço social e espaço simbólico**. In: _____. Razões práticas: sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus. 1997.
17. BRAUDEL, F. **O mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época de Felipe II**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
18. BROWN, Michael; WYCKOFF-BAIRD, Barbara. **Designing integrated conservation & development projects**. Washington: Biodiversity Support Program, USAID, WWF, TNC, WRI. 1992, p.63.
19. CARLOS, A F. A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo. Hucitec. 1996. P.150
20. CARTILHA-CREA. Disponível em: <http://www.creaes.org.br/downloads/cartilhas/Cartilha_simposio_arq_eng_socia.pdf>. Acesso em 17/04/2010.
21. Caranguejo. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Caranguejo>>. Acesso em 21/04/2010
22. CASTRO, J. **Homens e caranguejos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005 Ed. 2.
23. Conjunto Cênico. Disponível em: <www.ultimaarcadenoe.com>. Acesso em 21/04/2010.
24. COTTINI, R. H. **Espelhos da terra**. Quinto Congresso e Exposição Internacional sobre Florestas. Curitiba. 1999.
25. COUTO, M. **Cada homem é uma raça**. 3.º ed. Editorial Caminho, SA, Lisboa. 1990
26. COUTO, M. **O último vôo do flamingo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005
27. Costa, Rogério da, **Por um novo conceito de comunidade: redes sociais, comunidades pessoais, inteligência coletiva**, Revista Interface, v.9, n.17, 2005.
28. DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia, vol. 4**; tradução de Suely Rolnik. - São Paulo: Ed. 54, 1997 176 p.- Coleção Trans.
29. DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta. 1998.
30. DIEGUES, A.C. **Ilhas e Mares: simbolismo e imaginário**. Ed. Hucitec Ltda; São Paulo, 1998
31. DIEGUES, A.C. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: Hucitec, 1996. et al. (Orgs.). *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

32. DIEGUES, A. C. **Espaços e recursos naturais de uso comum**. São Paulo: USP, 2001, 95p.
33. DOIMO, A.M. **A vez e a voz do popular**: movimentos sociais e participação política no Brasil pós 70. Rio de Janeiro: Relume Dumará/ANPOCS, 1995.
34. DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Campinas: Papirus, 1993.
35. ÉTICA AMBIENTAL. Disponível em:
<http://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%89tica_ambiental>. Acesso em 29/05/2010.
36. BLOCH, E. **L'esprit de l'utopie**. Paris: Gallimard, 1977 (version de 1923, revue et modifiée), p. 216.
37. Estado Ilegal. Disponível em
<<http://titaferreira.multiply.com/journal/item/2549/2549> > Acesso em 18/04/2010
38. FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Petrópolis: Vozes, 1972.
39. FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
40. FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996
41. GIBSON, C. C. e KOONTZ, T. When "community" is not enough: institutions and values in community-based forest management in Southern Indiana. *Human Ecology*, v. 26, n. 04: 621-647. 1998
42. GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.
43. GUATTARI, Félix. **As três ecologias**; Trad. Maria Cristina F. Bittencourt. 2 ed. Campinas, SP: Papirus, 1990
44. HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990. p 189.
45. HALL, Antony L. (2000), **Amazonia et the Crossroads**: The Challenge of Sustainable Development. London: ILAS
46. HERKENHOFF. Disponível em:<<http://georgelins.com/2010/04/03/a-etica-na-magistratura-joao-baptista-herkenhoff/>>. Acesso em 21/04/2010
47. INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES. Estudo sobre ocupação irregular de terra na grande Vitória, município de Vila Velha – resultado e análise. 1995

48. JOLY, A. B. **Conheça a vegetação brasileira**. São Paulo: USP, 1970. p 181.
49. KAISER, W. Conflicting interests in nature conservation: the brazilian example of Araguaia National Park/Ilha do Bananal (Tocantins). *Applied Geography and Development*, v. 53: 1999 p. 86-98.
50. LE GOOF, Jacques. **História e memória**. Lisboa: edições 70, v. 2, 2000. p.9-59; p.103-115.
51. LE BRETON, David. **El sabor del mundo**: Uma antropologia de los sentidos. Buenos Aires, Ediciones Nueva Visión, 2007, p.367.
52. LISPECTOR, Clarice. Lembrar-se. In: **Para não esquecer**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- _____. Os desastres de Sofia. In: **A legião estrangeira**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
53. LOURAU, R. **Analista Institucional em Tempo Integral**. In: S. Alto é (Org.), São Paulo: Hucitec. 2004. p.47-283.
54. MARGOTTO, Lílian Rose. **Igreja católica e educação feminina nos anos 60**: O colégio Sacre Couer de Marie. Vitória: EDUFES, 1997. p.184.
55. MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples**: Cotidiano e história da modernidade anômala. Ed.2. São Paulo: Contexto, 2008.
56. MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
57. NORA, P. **Entre memória e história**: A problemática dos lugares. In: Projeto História. São Paulo: PUC-SP. N° 10, 1993, p. 12.
58. NEGRI, Antonio; HARDT, Michael. **Multidão**. Rio de Janeiro: Record, 2005
59. Paisagem. Disponível em:< <http://espiral.org.br>>. Acesso em 20/05/2010.
60. Paisagem Natural. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Paisagem>>. Acesso em 26/04/2010
61. PDM. Plano Diretor Municipal de Vila Velha: PMVV, 2007.
62. PERROT, M. **Os excluídos da história**: operários, mulheres e prisioneiros. Michelle Perrot; Trad. Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Guerra, 1988.

63. PELBART, P. P. **Elementos para uma cartografia da grupalidade**. Disponível em <<http://www.rizoma.net/interna.php?id=189&secao=mutacao>>. Acesso em maio de 2010.
64. PLATÃO. **A República**. Trad. Maria Helena da R. Pereira, Lisboa, Portugal: Fundação Calouste, 1993.
65. POLLAK, M. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.5, n. 10, 1992, p. 200-212.1992.
66. POLLAK, M. **Memória, esquecimento, silêncio**. In: estudos históricos, CPDOC/FGV, São Paulo, Editora Revista dos Tribunais Ltda., Vértice, 1989 / 3.
67. PREFEITURA MUNICIPAL DE VILA VELHA. Disponível em: <<http://www.cidades.gov.br/secretariasnacionais/programasurbanos/Imprensa/regularizacao-fundiaria/noticias-2008/outubro/regularizacao-fundiaria-no-bairro-dom-joao-batista-em-vila-velha-es-e-concluido-com-entrega-de-titulos-pela-prefeitura-municipal/>>. Acesso em 09 de abril de 2010.
68. QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. São Paulo: CERU, FFLCH-USP, 1983.
69. Recifes. Disponível em <http://www.caestamosnos.org/Edicoes_Especiais/Parabens_Recife.html>. Acesso em 17/04/2010.
70. Ressurgência. Disponível em: <<http://www.arraialdocabo.fot.br/ressurgencia.htm>>. Acesso em 13 de março de 2010.
71. RELPH, E. C. **As bases Fenomenológicas da Geografia**. Revista de Geografia, vol.4, nº7, AGETEO - Rio Claro, São Paulo, 1979, p.1-25.
72. ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental: Transformações contemporâneas do desejo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.
73. SANTOS, M. **A natureza do espaço**. Técnica e Tempo. Razão e Emoção. 2º Edição. São Paulo: Hucitec, 1997.
74. SILVA, Maria do Rosário de F. **A Revitalização do local como espaço de constituição de uma nova noção de cidadania**. In: BAPTISTA, Dulce (org.) Cidadania e subjetividade: novos contornos e múltiplos sujeitos. São Paulo: Imaginário, 1997.
75. SCHAEFFER-NOVELLI, Yara. **Manguezal: ecossistema entre a terra e o mar**. São Paulo, Caribbean Ecological Research, 1995.

- 76.SCHAEFFER-NOVELLI, Yara. **Avaliação e ações prioritárias para conservação da biodiversidade da zona costeira e marinha.** Disponível em: <[www.bdt.fat.org.br/ workshop/costa/mangue/](http://www.bdt.fat.org.br/workshop/costa/mangue/)>. Acesso em: 05 de março de 2009.
- 77.SCHAMA, S. **Paisagem e memória.** São Paulo, Companhia das Letras, 1996.
- 78.SCHWEIZER, J. P. **Uma nova arquitetura das organizações para o século XXI.** Revista de Administração Pública, Rio de Janeiro, v. 31, n. 5, p. 45 - 53 set./out. 1997.
- 79.SPINOZA, B. de. **Pensamentos metafísicos.** São Paulo: Abril Cultural, 1973
- 80.STORER, Tracy Irwin. **Zoologia Geral.** Trad. Froehlich, Cláudio Gilberto; Diniz, Diva e Schlenz, Érika. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 2ª edição, 1976.
- 81.TUAN, Y. F. **A Geografia Humanística.** In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org.). *Perspectivas da Geografia.* São Paulo: Difel, 1982. Cap. 7, p. 143-164.
- 82.TUAN, Y. **Espaço e lugar: A perspectiva da experiência.** São Paulo: Difel, 1983.
- 83.THOMAS, K. **O Homem e o mundo Natural.** São Paulo. Companhia das Letras. 1988. 454 p.
- 84.THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- 85.TUAN, Y-Fu. **Topofilia.** São Paulo: Difel, 1980.
- 86.TUAN, Y-Fu. **Place: an experiential perspective.** *Geographical Review*, 1975.65. p. 151-165.
- 87.Vegetação de mangue. Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Manguezal>>. Acesso em 21/04/2010
- 88.VEREZA.C . Disponível em: <<http://www.claudiovereza.com.br/>>. Acesso em 11 de outubro de 2010.
- 89.VERGER, Pierre. **Fotografias,** Museu de Arte de São Paulo - de 19 de maio a 11 de junho de 1999.

APÊNDICES

APÊNDICE A - GALERIA DE MEMÓRIAS

A idéia de uma galeria de memórias surgiu em respeito a todos os entrevistados, parceiros dessa pesquisa, que em suas ricas contribuições ao contarem com tanta emoção o que foi e é até os dias atuais, a saga de um determinado grupo unido pela Esperança, com a determinação de construir uma vida digna.

Nesse sentido, considero importante abrir esta galeria com os depoimentos e fotos de meus entrevistados, pessoas únicas. Penso assim como pesquisadora estando a preencher os vazios, comungando com (BARROS, 2004), na visão que utiliza a figura do menino que carregava água na peneira porque gostava mais do vazio do que do cheio, pois para ele os vazios são maiores e até infinitos.

São as palavras, marcas, coisas que não têm nome, jogadas fora e que não pretendem, resíduos, lendas, monturos que não se acham guardados em seu sentido, como se esse mundo de coisas ditas e queridas não tivesse conhecido invasões, lutas, rapinas, disfarces, astúcias [...] longe de toda finalidade monótona (FOUCAULT, 1979, p. 15), mas que são produzidas sob os efeitos desses encontros entre corpos – efeitos de superfície que ocorrem entre seres do presente e do passado.

E nesse trajeto Benjamin me inspirou e vai continuar a inspirar minha vida, pois sinto sua essência em cada encontro, pois fez reverberar a importância da experiência entrelaçada em cada história contada, que ao se articularem se tornam uma e isso é mágico. Descobrir é viver e viver é descobrir!

Assim:

A reminiscência funda a cadeia da tradição, que transmite os acontecimentos de geração em geração. Ela tece a rede que em última instância todas as histórias se constituem entre si. Uma se articula na outra. (BENJAMIN 1994, p.211)

Quando o autor diz, a respeito do narrador, que “a memória é a mais épica de todas as faculdades”, ele buscou tal inspiração em um comentário de Georg Lukács sobre a luta do romance contra o poder do tempo. Um combate no qual “emergem as experiências temporais autenticamente épicas: a esperança e a reminiscência” (Benjamin, 1987: 210 e 212).

Os fragmentos relatados (entrevistas) recobertos por densas camadas do tempo e esquecimento formaram minha matéria-prima do tear e no desenvolver da tecitura desta pesquisa foi preciso estilhaçar alguns textos de Benjamin. O uso da fotografia foi uma das ferramentas que possibilitou de forma precisa a retirada dessas camadas.

Neste olhar temos Verger⁵⁶:

A fotografia permite ver aquilo que não se tem tempo de ver, porque ela fixa o instante. Eu diria ainda mais, ela memoriza, ela é a memória... (...) O milagre é que esta emoção que emana de uma fotografia-muda, testemunha um fato que foi fixado sobre um instantâneo e que vai ser sentido por outras pessoas, revelando assim um fundo comum de sensibilidade, freqüentemente não expressa, mas revelador de sentimentos profundos quase sempre ignorados (VERGER, 1999)

A relação da fotografia com a memória é sabidamente uma das mais fortes no que diz respeito em tornar perene o instante; cristalizar para sempre o momento fugidio; congelar o passado. Algumas das explicações sobre o que é a fotografia inevitavelmente remetem a esse atrelamento entre a imagem fotográfica e a memória. Em grande parte essa remissão quase que obrigatória da foto à memória, vem do suporte em que a imagem é fixada. O pedaço de papel com uma imagem durante muito tempo foi considerado como um traço do real

⁵⁶ Catálogo da exposição *Pierre Verger Fotografias*, no Museu de Arte de São Paulo - de 19 de maio a 11 de junho de 1999.

passado, parte da realidade física capturada durante o ato fotográfico (DUBOIS, 1993).

Voltamos a Walter Benjamin , quando trata a história como “imagem fugidia”, em que se articulam as dimensões do passado, do presente e do futuro, e quando se refere aos fatos que “voltam na lembrança” – traços na memória: “A verdadeira imagem do passado perpassa, veloz. O passado só se deixa fixar, como imagem que relampeja irreversivelmente, no momento em que é reconhecido.” E fala do “dom de despertar do passado as centelhas da esperança”.

No nosso caso, a memória e a esperança vêm de longe, da ressurgência das águas do Manguezal, reveladas a partir de suas velhas fotos – flash que iluminam e vencem o tempo.

Com as imagens pretendo proporcionar ao leitor a suspensão do tempo linear dando vez ao tempo subjetivo - o tempo da memória. Dessa maneira, a foto encerra duas qualidades do tempo: seu dado objetivo com relação ao real e sua capacidade de servir à imaginação. No trajeto da pesquisa vi que cada sujeito entrevistado estimula de maneira particular sua memória pelo papel fotográfico. No que diz respeito a esta galeria de memórias, se pretende que as fotos sejam concebidas como instrumento mediador entre o leitor, aquele que olha, e a realidade daqueles que a viveram.

As fotos aqui dispostas registram uma narrativa visual, diferente daquelas usadas nos demais capítulos com caráter de ilustração ⁵⁷. A narrativa visual, ao contrário, ao eleger um ponto arbitrário para começar a narrativa e ao interrompê-la num ponto de acabamento também arbitrário, lida com a mobilidade do horizonte interpretativo, cuja busca é deixada ao leitor. Abre-se, portanto, à sua interpretação.

⁵⁷ Particulariza do ponto de vista da narrativa pela imagem, o que de algum modo já está verbalmente explicitado na matéria. Há, pois, nesse caso, uma tendência ao fechamento do horizonte interpretativo.

De todos os Rememoradores

Foi a acolhida, com Afabilidade e Confiabilidade, por todos que participaram, confiando no propósito da pesquisa, cedendo seu tempo, suas fotos, relíquias que os liga ao passado que querem manter presente em suas vidas, pois em momento algum senti constrangimento nas falas e sim muita emoção e prazer em voltar o olhar sobre o prisma do tempo, que refletiu todas as nuances de cada sujeito que ‘lembrou’ aquela história construída juntos. A construção do bairro que surgiu em meio à lama e raízes do Manguezal, em total camaradagem. Foi uma experiência singular, um pesquisar ativo e pró-ativo o tempo todo.

PRIMEIRA ENTREVISTA NA CASA DE MARIA CLARA – MÊS DE MARÇO DE 2009

O LUGAR

Lugar, a cozinha e seus odores, magia dos temperos, normalmente na cozinha se forma as rodas de conversas e ali estava a pesquisadora toda implicada naquele movimento estabelecido. O movimento do mexer o angu, no qual o corpo de Maria Clara, parecia envolvido na ação, o circular da conversa.

Cozinhando e misturando lembranças, ela foi ao ano de 1988 e parando a colher de pau no ar começou dizendo: “A raiz do mangue” entrelace de riqueza de caranguejos ajudou a alimentar meus filhos e hoje não existe mais o peixe e a moréia que vinha reproduzir na lama.

Comenta com tom vívido a influência da Paulo Vinha na vida das pessoas na preservação da natureza, com encontros realizados na igreja católica, no centro comunitário ou na sua casa. As reuniões informavam que o “matinho” tem um cruze como o ser humano – ele é vivo, o ciclo da vida.

Ensinou sobre a cadeia alimentar, que os ciclos de vida se entrecruzam. Isso ficou guardado no coração e ficou como um catecismo. Ela traz isso no Movimento pela Moradia até hoje quando fala da natureza.

Entre um vai e vem do corpo e da fala, ela retoma o assunto sobre a área e diz: “Para a construção do porto, o estaleiro naval retirou areia que acabou com grande parte do Manguezal da região da Manteigueira. A perda da extensão do Manguezal afetou a abundância e a sobrevivência de várias famílias na região.

“Necessidade é uma coisa, a pressa é outra”. A pressa só dá naqueles que já tem. Os outros sabem esperar. Os apoios políticos favorecem os apressados. - “coração dos aflitos”

Na época do governo de Vasco Alves, a área das aroeiras e castanheiras, onde era o mangue, o lixo das fábricas da Glória era levado pra lá. Ele permitiu a invasão no pé do Morro da Manteigueira e criou o Rabo de lagarto ou também chamado de Pombal que existe até hoje. Nesse governo as invasões pelos corações apressados que devastaram a vegetação e a nascente que lá existiam e também a horta comunitária.

O Movimento ocupou a área com 200 famílias para evitar o avanço do aterro do porto. No governo de Jorge Anders ele desapropria em Ulisses Guimarães e assenta 192 famílias e 08 famílias ficam como esteio no local.

Agora sentada e com os olhos brilhando como se iluminasse o passado, retira das sombras as lembranças e com a voz em tom forte com o mesmo vigor dos que lutam, ela fala: “que o Movimento pela moradia lutava e luta até hoje por direito à moradia, mas com planejamento e projetos de urbanização aprovados pelos governos, para eles se tornarem legais”.

“Nós não somos invasores! A ocupação se deu por não haver áreas possíveis, ficou apenas a área livre do Manguezal... Somos ocupantes!”

Nesse momento, ela retorna ao movimento do fazer, o terminar de seu almoço, e comenta que naqueles dias havia muita tristeza, rezas e cantos, mas nunca pensaram em desistir.

Na despedida daquela manhã, após me impregnar de aromas e sabores, me impregno de algo que vai além das palavras usuais, o sentido de ser verdadeiramente humano.

SEGUNDA ENTREVISTA COM MARIA CLARA-MÊS DE JUNHO DE 2009

VISITA À ÁREA – MANGUEZAL ENTRE ARIBIRI E GLÓRIA

ANDANÇAS

Isso aqui nós começamos no primeiro mandato de Jorge Anders, em 1988 na época em que fui vereadora, momento que tinha toda uma atividade na questão do Movimento de Moradia, isso que você vê aqui já tinha virado uma restinga baixa, o mangue que hoje está numa altura de quase 6 m de altura já não existia mais. Porque a draga quando veio abrir o canal para o porto eles jogaram a areia toda aqui. Vamos andar pra você ver como era isso aqui, era um lixão na beirada do mangue que o pessoal jogava o lixo da comunidade. Essa casa já existia e as outras eram de barraco de tábuas e depois a família construiu essa casa grandona que a família aumentou. O que aconteceu? O mangue veio voltando na medida em que nós fomos também apertando o poder público pra fazer as 'coleteras' de lixo. Foi a época em que Jorge Anders era o prefeito e nós então começamos a fazer esse trabalho.

Onde nós estamos, tudo isso aqui era lixo e hoje o mangue voltou, a areia foi baixando e a água foi voltando, não tinha mais a restinga, era rasteirinha e olha hoje como está bonita, a vegetação, a altura que já tá das outras árvores, (ela aponta com satisfação e brilho nos olhos) que estão no meio: Guriri, aroeira, *leucena avicenia* (vegetação denominada pela pesquisadora). A gente passava em cima do areal e do lixo e hoje você tá vendo de um lado e do outro o mangue e a restinga e a água vem aqui. A água do mar sobe até aqui quando a maré enche e passa para o outro lado indo até perto do morro da Garoto.

Aqui temos os campinhos de futebol que é da pelada da comunidade e da Mocidade Unida da Glória-Mug (escola de samba). A draga jogou areia em cima do mangue. Foi debaixo daqueles pés de aroeira que nós ficamos

Aqui antes do aterro tinha moréia, caranguejo e mariscos pra gente comer. A paisagem do entorno é formada por 3 morros. A vegetação quando não se mexe ela vem toda. Para ocupação de preservação debaixo dessas

amendoeiras foi para Preservação do mangue. A gente não desmatava, apenas ocupava para os caminhões com o lixo não passarem.

Ela comentou que saiu uma reportagem na época, mas a imprensa nunca nos deu importância.

Houve a conscientização também por parte de Paulo César, as reuniões aconteciam no Centro Comunitário e nas Igrejas; ele fazia a conscientização da harmonia entre o homem e a natureza e essa cadeia de necessidades. Ele vinha na nossa reunião e ajudava a gente entender tudo sobre o mangue.

Debaixo dessas castanheiras tudo era barraco e aqui era um lixão do pólo industrial da Glória.

Jorge tinha feito uma horta e tinha uma nascente que ajudava as famílias, ele fez muita coisa errada mas fez coisas boas também.

Isso aqui era uma montanha de retalhos das fábricas de jeans, era um inferno não se via mais o mangue, aí a gente começou a brigar. Aqui ficavam as barracas para ocupação em toda área para proteção. Não tinha esse verde só restinga baixinha, (ela fala da paisagem e do clima fresco no local de hoje). Na época de Vasco, ele incentivou a invasão, não preservou nada, acabou com a horta e a nascente. Ele pertence aos “corações apressados”.

No decorrer do caminho e falas ela continua o relato e aponta: A terra foi tirada pra aterro de D. João Batista, aqui o povo brigando pra não deixar tirar a terra, as mulheres do bairro da Glória deitaram no meio do asfalto para não sair a terra da Manteigueira, aí foi que as duas comunidades resolveram fazer um acordo e a de D. João, entendeu que o material do aterro deveria vir de outro lugar.

A gente do Movimento entendeu que o que as mulheres queriam. era preservar a natureza. Aí nós apaixonamos com a mina de água e a construção da horta e aí houve a união das duas comunidades, Aribiri e Glória

Aqui o Vasco começou uma horta e nós brigamos porque era no pé do morro, houve um plantio. A gente criticou e brigou, mas não adiantou porque já tinha acontecido a invasão.

Paramos à sombra das castanheiras numa pausa, pois o sol queimava nossa pele e ao mesmo tempo trazia o calor daqueles dias revividos na fala de Maria Clara: “Vê hoje que coisa maravilhosa, que as pessoas possam aproveitar isso aqui, tão bonito e fresquinho. As pessoas não queimam mais as árvores do mangue”.

A conversa continua...

E no retorno de Jorge ele foi recuperando, parte da horta utilizada para ajudar a creche e as famílias dos funcionários da PMVV, enquanto o Vasco fez acabar com a nascente, a horta e a vegetação do morro da Manteigueira. O lugar tá muito bonito. Entre uma fala e outra ela cumprimenta as pessoas que passam.

Ela elogia o tempo toda a paisagem atual, vai apontando as novas construções.

Entrevista – Local – Rabo de Lagarto

Um morador encontra Maria Clara e se queixa do prefeito eleito e a dificuldade de arranjar emprego pra sua filha. E Maria Clara, diz mansamente: “não pode deixar de votar vai escolhendo até acertar”. A afabilidade dela durante a conversa, a mensagem de cidadania é passada. O morador comenta que ela deve voltar a política e ela diz com veemência: “Quero estar onde estou!”

E depois voltamos a nossa entrevista sobre a área Rabo de Lagarto e percebo sua decepção sobre a forma como as moradias foram construídas: “um troço sem planejamento não teve projeto, o que o Movimento quer é que a moradia das pessoas seja uma moradia digna, projetada, porque se os ricos têm direito de ter um projeto pra sua moradia ser bonita, digna, agradável e decente o povo que trabalha deve ter também. Essa é minha luta!

Além de ser uma moradia digna acabou com uma coisa que a gente tinha mais atenção que era a horta comunitária e a mina de água, perto de uma vegetação como você vê aqui e de uma preservação pra você conviver. Você tirava o alimento e vivia dessa natureza, mas isso custou muito caro para nós.

Precisamos vir pra cá enfrentar a Administração pra que a gente pudesse ter isso que você vê aqui hoje Salvo! E quem deu conta de fazer isso foi o Movimento de luta pela moradia.

Nós entendíamos que podíamos viver muito bem junto com a natureza, a gente aprendeu isso com nosso mestre e professor que Deus já levou, Paulo Vinha, mas isso ficou na nossa mente e na saudade. Quando a gente vê um mato como esse aqui a gente lembra dele. Eu vejo ele vivo aqui, a luta dele a presença e o amor à natureza, o respeito ao homem e à vida. Isso a gente foi adquirindo no dia-a-dia. Começou com uma luta pequenininha pela defesa da moradia e naquele momento ela podia vir pra gente de qualquer jeito, em cima das pinguelas, no roçar do mangue ou no pé da barranceiras, ou no lugar que a gente via que dava pra entrar. Foi o momento que a gente começou o Movimento, que a gente entendia que a moradia tinha que vir de qualquer forma, pois o povo tinha necessidade da moradia e depois a gente foi trabalhando isso e adquirindo as moradias, entendemos que a moradia só não ia satisfazer.

A nossa satisfação é de ter uma política integrada que é o transporte, a educação, o trabalho, salário digno e justo para todas as classes trabalhadoras e aí a gente foi entendendo isso e hoje nós estamos graças a Deus, construindo e participando em alguns momentos, onde deixam a gente participar. Tem isso também, eu não vou deixar de falar que está tudo completo que não está, falta muita coisa.

Falta muito pra caminhar, mas nós estamos aí enfrentando, mas graças a Deus as coisas estão acontecendo e devagar se modificando e hoje o passado é tão presente, tão vivo pelas palavras da entrevistada que ela recorda novamente Paulo Vinha; mas não falei ainda da quantidade de pessoas que vêm das

escolas técnicas, da universidade que estão pegando essa bagagem pra carregar tá formando lá na universidade com as professoras que têm uma visão mais ampla, sobre a mudança que nós sonhamos da sociedade. Elas pedem pra seus alunos que venham a ter contato com a comunidade, a colher dados, a conhecer a história pra levar pra universidade, é pra nós orgulho de quem pisa o barro e busca essa Travessia vindo de uma sociedade que deflorou e praticamente acabou com a vegetação. Pra nós é fantástico porque nós estamos entendendo que as pessoas tá enxergando, que é preciso reconstruir aquilo que foi destruído. Então, as nossas crianças de hoje os jovens já tão trabalhando, esperando por dias melhores para seus filhos e seus netos. Na minha cabeça tudo que já passei e vi e que já consegui e construí tem um pouco bastante da minha idéia porque criar um Movimento de Moradia que não existia no Brasil hoje nós temos. Poxa, isso é um sonho que está se realizando, aos pouco tá acontecendo, isso é gratificante. A gente não cansa de lutar e entender: viemos até aqui , mas isso ainda não basta, podemos ter mais, mas o mais que pode mudar então pra nós o Movimento é motivo de alegria muito grande. Nós agora no Fórum Mundial fomos num ônibus com 52 pessoas, vimos tudo que podíamos ver, tivemos contato com 5 presidentes de outros países da América.

Então, a gente viu os presidentes discutindo aquilo que nós estamos buscando, que é uma sociedade mais justa, com distribuição de renda. Pra fazer isso que nós criamos tem leis de sobra e para aplicar têm que todos assumir, toda a classe trabalhadora. “Quando falo da classe trabalhadora, falo do empresário, falo do micro, falo do poder público que também é uma empresa ela cuida da coisa pública, cuidar disso com seriedade tem que ter transparência então, minha filha, vejo essa coisa acontecendo assim pra mim é uma coisa assim eu perco até a fala de tão gostoso que é”.

Música: nosso direito vem!

Nosso direito vem nosso direito vem se não vem nosso direito o Brasil perde também.

Confiando em Cristo Rei que nasceu lá em Belém e morreu crucificado porque nos queria bem. Confiando em seu amor se reclama até doutor, mas nossos direitos vêm.

Nosso direito vem nosso direito vem se não vem nosso direito o Brasil perde também

Quem pensar que a terra é pouca é mentira meu irmão, pois tem terra pra chuchu, pra arroz e feijão, cenoura e batata e também pra Jamelão

Nosso direito vem nosso direito vem se não vem nosso direito o Brasil perde também.

DEPOIMENTOS DOS MORADORES DO BAIRRO D. JOÃO BATISTA –

Codinome Preservação

Avó dedicada e de uma timidez que lhe toma o corpo e o olhar, fica estampada em sua face toda uma vida de dificuldades e desesperança.

Minha mãe veio primeiro pra cá depois separei do marido e vim com a nenê , minha filha hoje tem 24 anos. Foi perguntado com que idade ela foi pra lá e não soube responder e disse: “Agora não lembro não quantos anos eu tinha”. Tenho 42 anos vim de Vila Velha mesmo, da Ilha dos Aires. Primeiro eu tava morando com um homem e depois que a finada mamãe veio pra cá, porque lá na Ilha dos Aires começou a encher muito, aí viemos morar aqui.

Eu tinha um barraco pequeno com um cômodo que com o tempo nós aumentamos, casei de novo e meu ex-marido fez isso aqui.

A entrevista precisou de motivação, foi perguntado sobre a relação da família, com o mangue e ela disse que eles não comiam nada que eles pegavam no manguezal, apenas o que os outros davam.

A pesquisadora faz uma pergunta sobre a paisagem e o que a moradora sentia ao ver todos os dias e por estar “habitando praticamente dentro dele” Ela responde que quando veio para o local não tinha tantas casas, aqui na beira e que hoje só tinha o barraco da Laís. Observa que as pessoas não cuidam do seu lixo, jogam tudo na maré, então se cada um fizesse sua parte, porque o caminhão do lixo passa. Dá muita tristeza porque aqui a gente tomava banho, hoje nós não pode tomar banho mais, não pode usar. Agora, Deus me livre, é só esgoto, até os peixes que eles oferecem pra gente é perigoso só que eles não pegam aqui, mas pra mim tá tudo contaminado, a pesquisadora aproveita e dá orientação sobre o cozimento do peixe, mas ela comenta: “*tempo atrás eu ganhei e dei pros outros*”.

Comparando o tempo atrás e o de hoje, como você vê o Manguezal? “Acho que até hoje as pessoas continuam aterrando, as pessoas não se contentam com o

terreno maior querem mais, são gananciosas. No meu caso, eu pra mim se pudesse tiraria a parte do banheiro que a água vem até ali na varanda que está dentro do mangue, mas não tenho marido e não posso fazer, pra pagar também é difícil. A população não preserva nada”

Quando você veio pra cá, o que passou pela sua cabeça? Eu achava que não ia chegar a esse ponto de aterro tão grande, aqui era lama pura, na época . Essa parte da casa aqui, meu marido antes de nós separar ele gastou muito pra aterrar. Não recebi a escritura do meu lote, pois na época do cadastro com a ação social, eu não tinha a identidade e agora dei entrada e estou com o protocolo para cadastrar e ter o documento do lote no meu nome.

A entrevistada escolheu o codinome de Preservação, pois fica incomodada por estar ocupando o espaço que considera ser do mangue. Ela por estar sozinha disse não precisar de tanto espaço. Está preocupada por sua casa estar com a estrutura comprometida, a parte que está dentro do mangue.

Neste dia também ocorreu a visita do prefeito e seus secretários para o início do Programa Habitar Brasil II. E a casa de Preservação, foi “olhada por todos” os gestores municipais e o representante da instituição federal de financiamento, a Caixa Econômica Federal.

Codiname Cafuringa

Senhor de gestos calmos, frases curtas e olhar que se perde no horizonte em busca de seus sonhos.

Eu vim pra aqui através da minha irmã que mora na Ilha dos Aires ela estava trabalhando na Prefeitura e fiquei sabendo por um colega que estavam doando um pedacinho de mangue aqui no bairro D. João Batista. Eu vim aqui e ganhei esse pedacinho através da comunidade e mudei pra aqui e não saí mais, isso foi em 1987. A pesquisadora perguntou se ele fez parte dos moradores que ficaram no quintal da igreja Ele e o Senhor Dó, responderam que não. A primeira etapa foi toda aterrada com terra da Manteigueira na época do Prefeito Vasco. O lote dele era na área de mangue, parte doada pela Vale do Rio Doce e depois a comunidade foi brigando para doar mais, da casa do Dó até a casa do Zé; aqui era tudo mangue. Eu tinha um barraco na Ilha do Aires e um filho de 14 dias de nascido. Eu vim e passei a morar aqui e como já pescava em Conceição da Barra, pois minha família toda praticava pescaria e meu tio morava na beira do rio/ mangue e eu ia pra casa dele ficava lá pescando com ele e depois ia embora.

E estou aqui até hoje e não tenho vontade de ir embora, não!

Desde que vim morar em Vitória eu já pescava, pegava sururu lá na Praia a da Costa, mas aqui ficava mais fácil, era só pegar o canal e sair e tirar lá na pedra. Me dediquei a tirar sururu e a pescar. Eu pesco mais lá fora, eu fico 30 dias no mar, pego sururu aqui perto na boca do valão, terceira ponte e nas pedras, onde tem pedra tem sururu nas estacas da própria natureza. A pesquisadora brinca sobre o local de apanha de sururu ser chamado de “fazendinha” e ele ri. É questão de prática, ele diz: “Gosto mais de pescar e pegar sururu só na Semana Santa e na Quaresma”. Como o Senhor vê, o manguezal quando veio pra cá e a capacidade de pesca de agora? “Era bem melhor, tinha muito sururu, a água era mais limpa. Hoje tá poluída e os peixes não entram aqui por causa do esgoto. O peroá sumiu. O peixe não gosta de água suja e até 1978 a 1980

onde passam os navios perto das 3 pontes, dava muito peroá ali e agora só vai dar lá por Aracruz e quase chegando ao Rio de Janeiro.

Desde pequeno o senhor tem uma forte relação com o manguezal e é conhecedor de manguezais em outros locais, como é essa paisagem para o Senhor e seu sentimento? *“Lá em Conceição tudo é melhor, o caranguejo é maior, o mangue é melhor de andar dentro dele, não sei por cause de quê lá é completamente diferente, aqui o fundo é mais mole, atola mais e é mais sujo. O manguezal de São Pedro é diferente daqui”* A pesquisadora faz uma observação comparando as atividades de pesca e cata de caranguejo na ilha das Caieiras com a de D. João Batista e pede a sugestão do Cafuringa, e ele responde: “O pessoal veio mais pra morar mesmo, tem muito pouco pescador aqui. No início tinha mais pescador, hoje deixaram a pesca, o peixe foi sumindo e a situação financeira tá devagar”.

Os pescadores que moravam nas palafitas e saíram pra morar no bairro Ewerton Montenegro – Cidade de Deus ficou mais difícil pra eles pescar. Pararam porque na época tiraram o morador da beira da maré e hoje moram nas casinhas perto do asfalto e conseguiram outros empregos ou biscates. Aqui tinham que sair às 5 horas da manhã pra pescar. Os barcos aqui ficaram sem proteção e acabaram as crianças pulando dentro e estragando alguns.

Na época de Vasco Alves, que entrou em contato com a Vale do Rio Doce, foi tudo aterrado com terra da Manteigueira e sabe como é o ser humano, é bicho do demônio, vai querendo e vai invadindo e a prefeitura dizia: vai invadindo lá e aí a Vale brigando e botando o pessoal na frente.” Isso pela descrição dele ocorreu na fase da 2ª etapa.

A rua do Cafuringa chama-se Paz e ele confirma que é muito calma e segura, sai de madrugada para pescar e nunca aconteceu nada de ruim com ele. Divaga um pouco olhando ao longe e fala de seu sonho de comprar um barco grande, com GPS. E comentamos sobre os pescadores que ficaram perdidos e por isso ele quer um barco moderno pra não ficar perdido, quer com todos os equipamentos e diz, lançando o olhar lá atrás no tempo e: “Eu já andei 7 horas

de motor a dentro pra chegar num outro barco pra pegar um remédio pro meu pé e depois voltar para pescar no meu ponto no mar”

Codiname Felicidade

Nascida em Águia Branca, município do Espírito Santo, mulher simples, de feições suaves e olhos que mantêm o brilho da juventude, que ao recordar ficam marejados e são banhados pelas lembranças daqueles dias de luta e penúria. E como diz ela: *“Não houve desistência e sim insistência, na luta por um pedaço de chão que pudesse construir sua casa seu abrigo”*

Moradora da 1ª etapa, com as fotos na mão, lança seu olhar para um tempo passado e diz: “A foto foi tirada 4 anos depois do assentamento”. Aponta para a foto e começa a relembrar falando de seus 3 filhos e de sua história ali no lugar.

“Muita luta, a gente sofreu muito carregando carrinho de terra mesmo, que aqui as máquinas vinham só até ali, até aquele morro. A gente tinha que pegar o carrinho e trazer pra cá. Eu só tinha o filho mais velho e estava grávida de minha filha e tinha que carregar a terra e a gente também não tinha comida pra comer e Maria Clara conseguia o pão com o Sr. Vanar na padaria, que mandava um saco de pão e a gente sentava e fazia Q suco com água quente e a gente tomava e ficava com a esperança de ter a nossa terrinha aqui.

A gente ia a pé daqui ao convento, ia a São Torquato pra ir de lancha atrás de Órgãos Públicos pra poder aterrar aqui, porque a família Vereza deu, mas não queria palafita, tinha que ser organizado e a gente corria atrás de Órgão que pudesse nos ajudar. O arcebispo D. João nos ajudou e todo dia a gente tava aqui marcando nosso pedacinho, foi muita luta. Aqui tinha mangue eu pescava, eu não tinha nada pra comer, morava num barraquinho - um barraco na Manoel Bandeira; às vezes eu falo pra pessoas que reclamam da vida eu nunca reclamei, só fui à luta! E o pessoal gosta só de pedir, você ajuda eles não reconhecem e só querem cesta básica e aquilo ali não vai resolver o problema, se acomodam.

Eu morava num barraco caindo, um dia cheguei em casa e tinha uma Ordem de Despejo debaixo de minha porta, pra desocupar em 24 horas e não tinha como pagar o aluguel de 4 meses e pagar como?. Eu estava grávida e fui a pé com sandálias havaianas uma de cada pé diferente que achei no lixo e lá em cima

da padaria Pão Gostoso, fui procurar o advogado. Ele quando me viu não sabia da minha situação e expliquei tudo o que se passava e ele me deixou ficar até construir meu barraquinho próprio. E assim foi carregando cada pedacinho de pau ali, outro aqui e também terra. Consegui fazer meu barraquinho com muita luta, eu gosto muito daqui, eu amo a vila e foi onde consegui conquistar minha casinha, pois não tinha onde morar. Eu pedi só 1 cômodo e hoje tenho 3 andares. (ela ficou muito emocionada ao rememorar).

E sempre trabalhando, nunca pedi uma cesta básica, ganhava uma cesta básica do Centro de Saúde. No dia que montei meu botequinho e consegui a minha primeira compra, eu fui lá e devolvi meu cartão para Nádía que era Assistente Social, graças a Deus hoje não preciso, dizendo: “Dê agora a quem precisa. E nunca mais precisei!”. Lágrimas nos olhos embaçavam aquelas lembranças, que vinham aflorando de uma época de muita dureza e fome e se refletem até os dias atuais no cristal da memória.

O mangue ali (e aponta para o centro da praça que fica em frente a sua casa-bar) eu pegava panela cheia de caranguejo e dava para meus filhos comer o caldo e a carne na falta do feijão, do arroz e do leite. Eles foram criados com isso, por isso são fortes. O mangue é muito importante, tem muita coisa que a gente esquece, um pouco das histórias e do sofrimento que já passei que enfrentei muita barra trabalhando dia e noite enfrentou muitas críticas depois que consegui e graças a Deus enfrentei todas elas e hoje fico triste quando vejo pessoas pedindo de tudo um pouco e também cestas básicas. Não querem nada com nada.

Em 1989 operei um aneurisma e quase morri, desmaiava, tinha dor de cabeça tão grande que quando caía, saía sangue preto de minha boca e o médico disse que isso me salvou, não coagulou. A Fidel me ajudou muito e me levava quase morta pro Pronto Socorro. Mesmo assim, tenho saudade daquela época, o pessoal tinha mais amor, era mais humano. Esta pesquisadora intervém citando: “união” e ela continua seu pensamento: “Aquele que não tinha a gente fazia um panelão de arroz puro sem gordura todo mundo comia e a gente trocava o que fazia em casa com o outro e hoje não. Fala de forma saudosa e

faz uma análise daquela forma de união na época , acredita que as pessoas se uniram por interesse depois que cada um conseguiu seu pedacinho, você não servia mais pra ele, mesmo aquelas pessoas que comeram dentro do seu prato, então não era amor. Pensando junto com a pesquisadora ela concorda que pode ter sido só pelo fato da Luta pelo pedaço de terra.

Comigo aconteceu de gente que vinha de fora querendo um pedacinho de terra, chorando, e quando conseguiu não deixavam mais os filhos freqüentarem meu botequinho, dizendo que ali tinha muito homem. E eu dizia: “como, se antes vocês deixavam? Têm muitas pessoas que acham que você tem algum poder pra resolver alguma coisa se aproximam de você eu não sou assim. Eu sou uma pessoa fácil e ao mesmo tempo difícil de lidar, sou muito sincera, se não gosto, não procuro a pessoa, não uso de falsidade, não tenho maldade. Mesmo aqui no bar, se não gosto da pessoa não sirvo e digo: só atendo quem ‘bate comigo’ assim não me aborreço, não quero me estressar (momento de pura descontração entre as duas, risos) vai arrumar um atrito, não preciso fazer caras, gosto de estar aqui.

Trabalho porque gosto. Foi aqui que obtive tudo, minha casinha, não tinha o que comer o que vestir nem onde morar e graças ao meu Pai do Céu eu quero estar é feliz mais do que quando eu comecei aqui. A tranqüilidade que a gente tem, mas todo lugar tem problemas com a droga, até na Praia da Costa. Eu aqui durmo de porta aberta, mas olha minha fechadura quebrada eu não tranco nada e nunca me roubaram, é tudo seguro. Aqui tem muita fama, mas onde não tem? Durmo aqui sozinha.

A entrevistadora fala sobre o comentário sobre acerca da cisão do bairro, comentado no depoimento do Zé do Toco, que mora na Avenida Beira Mar. Antes da resposta, sua mãe irrompe na varanda e deixa a depoente muito preocupada por ela ter descido as escadas sozinha, é feita uma breve parada na entrevista para falarmos de nossas mães e suas travessuras, trocas de relatos médicos e doenças degenerativas.

Voltamos ao assunto e ela diz que isso é coisa da cabeça dele, pois veja bem, a gente aqui tem o barzinho perto e não frequenta forró, quem gosta é quem vai, não tem discriminação. Tenho minha comadre que mora lá dentro e a sogra do meu filho. A gente não tem tempo de visitar os vizinhos todos os dias, meu filho mesmo quase não vejo e ele mora aqui em cima. Nesse momento, seu filho mais velho aparece na varanda e orgulhosa ela comenta: “meu filho conhece todos aqui do bairro mas nunca se envolveu com nada de errado”. Fala com orgulho de seus 3 filhos e que todos trabalham, o mais velho é marceneiro, a filha é secretária da igreja e o caçula trabalha numa estamperia e cada um tem o seu cantinho. Briguei muito, nunca tive medo de ninguém daqui, já até bebi com eles e sempre me trataram com respeito. Ela disse que já brigou com Zé do Toco por causa do vazamento de sua fossa quando o caminhão limpa-fossa foi fazer um serviço que ela solicitou à Prefeitura e o Sr. Zé (não tô falando mal dele, não) ia desviar para outro lugar. Acabei discutindo com ele e disse que não tinha nada haver com política, mas no fim tudo acabou bem, parece que ele ficou meio sem graça. No dia da entrega das escrituras fui dar os parabéns a ele, como presidente da comunidade e ele virou as costas pra mim. É um sem educação! *“Aqui dentro da comunidade temos que ser humanos, temos que fazer ela crescer”*.

Para escolher o codinome perguntei qual seria, com qual mais se identificava e pede minha colaboração, dei várias idéias e percebi que ela está muita ligada à questão do caranguejo, à felicidade na época e de como apanhava o animal. Disse que era feliz E fez uma comparação com a personagem da novela mexicana Maria do Bairro, que era feliz também na pobreza.

Foi explicado no final da entrevista sobre a assinatura do Termo de Consentimento a ser assinado pelos depoentes e que o texto transcrito só será utilizado após a leitura do mesmo e a respectiva aprovação.

Na conversa, fiquei sabendo que ela tinha o documento de doação do lote em 1982, no governo de Vasco Alves e também a escritura do mesmo, obtida após vários anos, emitida na gestão de Neucimar Fraga (2009)

Codiname Fidel

Paulista que veio para o Espírito Santo. Alta e altiva em seus gestos e voz que soa firme ao contar cada momento vivido com uma intensidade que possibilita a quem ouve se transportar no fluxo de suas memórias, até aqueles dias de luta, dor, fome e muita esperança.

Sempre viveu e trabalhou em casa de família desde pequena, pois sua mãe era doméstica. Descrevia-se na época como, casada apática (sem iniciativa, mas trabalhadeira). Apanhava do marido e sofria queimaduras de cigarro. Ao conhecer Maria Clara passou a se fortalecer com as palavras de conforto e tem por ela admiração e respeito.

Conta sobre sua necessidade de ocupar o espaço Manguezal. “Os primeiros aterros foram com lixo. Depois da derrubada dos barracos por ação judicial as 46 famílias ocupantes dos terrenos moraram durante 1 ano no quintal da igreja católica, em condições precárias, pois não tinham para onde ir.

Dom Silvestre intercedeu junto à família Vereza para efetuar a doação de parte do terreno para lotear, e o Senhor Francisco Vereza, então doou 37 000 m², mas exigiu a urbanização. Vasco Alves, o prefeito na ocasião, iniciou a urbanização com a abertura de uma vala e aterro dos lotes com lixo e terra do Morro da Manteigueira.

Depois do aterro não havia como construir os barracos e foi outra luta.

Alimentei meus filhos com os animais do mangue, era o que a gente tinha aqui.

Fidel também lembra com detalhes as partes que considera mais importantes, pois seleciona sua fala e vai relatando de como aos poucos sua ação foi se tornando mais efetiva no Movimento, e pensava muito naqueles que ainda não tinham conseguido seu lote e assim foi se envolvendo até se tornar a primeira Presidente do bairro em 1984. Foi reeleita consecutivamente por mais 2 anos e assim terminou o mandato em 1988. Retorna como Presidente do bairro Dom

João Batista em 1992 e novamente reeleita por mais 2 anos , terminando em 1996.

No decorrer da sua fala, aponta os momentos de embates entre os pares e aqueles que depois foram chegando e com propósitos voltados a negociar os lotes. E contra isso travou outra luta.

Ainda permanecem no bairro algumas das pessoas que deram inicio às lutas, outras já faleceram. O bairro Dom João Batista fez 27 anos. Comenta com alegria e junto com Maria Clara se regozizam e seus olhos úmidos comungam um fazer atemporal, pois ali estava todo um cenário rememorado em detalhes do que foi e é importante lembrar e registrar como história.

Após a entrevista, nos acompanha até o portão e ainda conversando sobre o tema, diz com veemência: *“Não preciso de Escritura, pois sou posseira de fato, lutei muito por este chão, que pertence de direito a mim e minha família”*. Mesmo assim Maria Clara fala carinhosamente com sua amiga de luta: *“Sabemos disso Fidel, mas não custa nada você oficializar, o que é seu, é só fazer o cadastro na Secretaria de Ação Social”*. Fidel sorri com ares de quem vai pensar.

E para minha surpresa, ela cede a foto do calendário, em que aparece junto com algumas companheiras de luta, tomada na padaria comunitária, na atividade de padeiras. A foto é uma relíquia de um tempo inesquecível que não quer deixar no esquecimento.

Codiname Zé do Toco

Homem de estatura mediana, alegre, receptivo e sempre motivado por causas ligadas à sua comunidade.

Nascido em Ecoporanga e criado no município de Mucurici, morava na roça. E sua cunhada o chamou para passar uns dias em Vila Velha. Chegou no momento das doações, da 3ª tapa de ocupação.”A Fidel cedeu um “pedaço de lama’ (mangue) quebramos alguns paus e fui fazendo o barraco de tábuas velhas das construções, com dois cômodos. Morei com minha esposa e dois filhos”.

Meu dia-a-dia era cuidando de ganhar um ‘troquinho’. Tirava os tocos com machadinho, nadando na maré cheia e vendia para a marcação de mais ‘pedaço de lama’ e os tocos também serviam para a base dos barracos que formavam as palafitas. Explica ele que os tocos não apodreciam e protegiam as casas. Fala do combate aos maruins que picavam a noite toda. Tudo era luta, até aos insetos. Minha mulher foi embora e me deixou com os 4 filhos, para ficar com outro. Todos me ajudaram a criar e venci mais essa luta!

Fui tomando conhecimento no meio da sociedade e fui trabalhar na Antártica, mas o salário era pequeno e completava com os biscates e assim fiquei morando, e orando até que arranjei uma mulher e gostei dela e tô até hoje. Faz 16 anos que estamos juntos.

Como o Senhor chegou a Presidente da Associação?

Sempre trabalhei pela comunidade e entrei na chapa, e procuro sempre resolver junto com o povo. Meu contato com a Prefeitura Municipal de Vila Velha é via Secretaria de Ação Social e também com o Dr Rogério, que passa todos os dados do Habitar Brasil.

A reivindicação das obras da capela mortuária, junto ao atual prefeito. A comunidade hoje não tem um lugar decente para velar seus mortos. Não tinha

pretensão de chegar aonde cheguei, não sou letrado, mas estou para atender a qualquer hora e faço qualquer serviço.

Fala dos seus filhos com muito orgulho e de seu bairro também, pode-se perceber o amor que o liga ao lugar, ao seu cotidiano que é todo no bairro.

A entrevista foi realizada na presença do Vice-Presidente da Associação, Sr. Jô Carli, que por várias vezes intercedeu nas falas do Zé do Toco, trazendo luz a alguns pontos daquele passado que habita nas sombras do esquecimento.

Codiname Esperança

Após várias tentativas de agendamento para a entrevista, além de muitas visitas ao bairro, já que foi ela que carinhosamente dispôs de seu tempo para me apresentar às outras pessoas, sujeitos dessa pesquisa, enfim aconteceu nosso encontro!

Ao rever as fotos antigas vai lembrando do que foi a luta no início e de repente se levanta e diz: “Vou buscar as fotos do hoje!”.

Ela vai procurar as fotos, pois insisti em retratar o ontem e o hoje. Volta animada com as fotos nas mãos e quer falar um pouquinho de cada tempo, diz ela. A pesquisadora deixa que se sinta à vontade.

Começa a narrativa ‘daquele’ passado que percebo ser muito importante para sua vida atual, como se funcionasse como um estímulo para que a vida continue.

“Quando a gente veio pro mangue, em 1982, a minha menina tinha 1 ano e o menino com estava com meses de nascido. Ficamos primeiro debaixo da lona, apenas com um colchão e um fogão. O marido conseguiu tábuas para o barraco ali em baixo na rua do Zé do Toco e depois fez uma troca de barraco E no dia que tiramos os poucos móveis, o barraco caiu. Diz ela:”a família segurava o barraco”. Quando passei pro outro barraco sobre palafitas e tinha tudo direitinho, veio a demolição pela polícia em 1982, quando por causa disso as 46 famílias ficaram no quintal da igreja católica. Ocuparam também o salão e o pátio. Era um cantinho miúdo que só dava pra dormir e não tinha nada dentro, a gente não tinha privacidade era todo mundo junto. Veio a luta! Com todas as pessoas, brigando para ter direito à moradia. O Cláudio Vereza se sensibilizou com a nossa situação e veio pra luta com a gente, ele se dispôs com a própria família e depois veio a doação.

A luta foi muito grande e quem tinha vontade de ver surgir o bairro, essa Rua do Fico que moro aqui, os homens ficavam vigiando a noite toda pra gente ter água de manhã e encher os tonéis, a gente emendava as mangueiras. Não tinha nem

rua pra morador passar, e hoje a gente pode dizer que está na riqueza. Hoje, tá tudo bonito, o que falta é o amor dos moradores pelo bairro para manter tudo limpo, temos que fazer um trabalho de humanidade e companheirismo, talvez com o diálogo, aconteça. O pior nós passamos é só conscientizar a população.

Tudo começou no que hoje chamamos a rua do 'FICO'. A primeira etapa da ocupação começou aqui onde estamos agora conversando. A luta de todos em ter as melhorias que conseguimos por esses 5 anos. *“Hoje podemos dizer que estamos na riqueza”*

Percebo que falta amor dos moradores mais novos pelo bairro. (em todas as falas dos entrevistados há essa observação). O bairro foi crescendo, veio a creche, a escola, a padaria comunitária, construída pela CVRD; sempre trabalhei para a comunidade e vendia chup-chup para manter minha família.

Nas construções dos barracos o povo se unia nos mutirões de comida e a gente recebia muita doação.

A gente foi amadurecendo e não usava mais nada do mangue, ela quis dizer que não pegavam mais espaço do manguezal e nem apanhavam tanto sururu, caranguejo e peixe como antes.

A entrevistada faz uma pausa e comenta sobre a visão do hoje (percebo que para ela é muito importante fazer essa observação, pois gosta de comparar momentos vividos e vívidos de sua participação na construção do bairro).

Fala com orgulho que por causa das lutas constantes, ela ficou conhecida não só dentro do bairro, mas na PMVV, Câmara e Assembléia e também quando trabalhou na maternidade, ajudando as famílias que chegavam no sufoco.

Na creche, as crianças merendavam e o pratinho ficava cheio de água da chuva, foi quando pedimos à Prefeitura aquela tapagem que tem hoje. Ela é uma pessoa que gosta de ser atuante nas causas solidárias e repete constantemente: *“Hoje estou participando de uma sociedade grande”*

Mostra com orgulho as fotos do seu bar, mas por diversos motivos teve problemas sérios de saúde e ficou muito doente e o médico disse que era emocional. “Saí do bairro em 2007, por motivos pessoais. Usei até fralda plástica, fui de médico em médico para saber o que tinha. Tenho que ir embora de volta para Dom João e aí a minha filha me deu uma casa linda, mas não fiquei. Até que um dia levantei e voltei pro trabalho e disse que queria ir embora. E no Dia Internacional das Mulheres, 08 de março de 2009, eu voltei pra Dom João.

Olhando as fotos em suas mãos, como se o tempo tivesse parado, ela vai descrevendo as festas e dando boas risadas ao rememorar cada detalhe e pessoas. Essa aqui (aponta com ênfase), eu desenvolvi anos atrás os eventos culturais e social com os jovens. Muitos jovens daqui se perderam (mortes) e minha preocupação continua, quero retomar a parte cultural no bairro.

Sinto falta das apresentações dos jovens nas festas culturais. *“Joguei tudo no fundo do baú quando fui morar na terra estranha, logo depois adoeci minha vida é e será sempre aqui”* e sorri, mostrando as fotos. Têm muitos jovens envolvidos comigo que hoje são pais e os seus filhos estão também envolvidos comigo. *“Meus filhos da comunidade, eu fazia muitos eventos para envolver os jovens e as crianças da comunidade”*.

Brincando, me pede para descobri-la numa foto transvestida de menino na festa junina e saudosamente ela quer reviver isso. E reafirma: “A parte cultural está parada hoje!”

Fui candidata à vereadora em 2004, nunca pensei, estava despreparada, mas como sou guerreira, fui. Preciso me preparar para a próxima candidatura-”*pela vontade do Pai, estou na Luta. Não vou desistir assim não”*

Ao falar dos dias atuais, vai discorrendo sobre a moradora que reclama do esgoto vazando na rua, violência, drogas e ressalta: “como em qualquer outro lugar no Brasil”, eximindo assim o seu bairro como se fosse o único a ter esses problemas. Eu ajudo encaminhando as demandas para Prefeitura, usando meus

conhecimentos também na Câmara de Vereadores e até na Assembléia, tudo por conta das lutas.

Hoje participo de uma sociedade grande, sou conhecida em toda a região pelo meu trabalho, ajudei muitas famílias. Em um de nossos encontros, me apresentou sua sobrinha de 12 anos, dizendo com muito orgulho que estava preparando a menina para entrar logo cedo na sociedade grande, ainda mais que ela estava estudando e a jovem parecia estimulada pela fala e exemplos da tia, realmente seguir o mesmo caminho, o da Luta por Direitos de Cidadania.

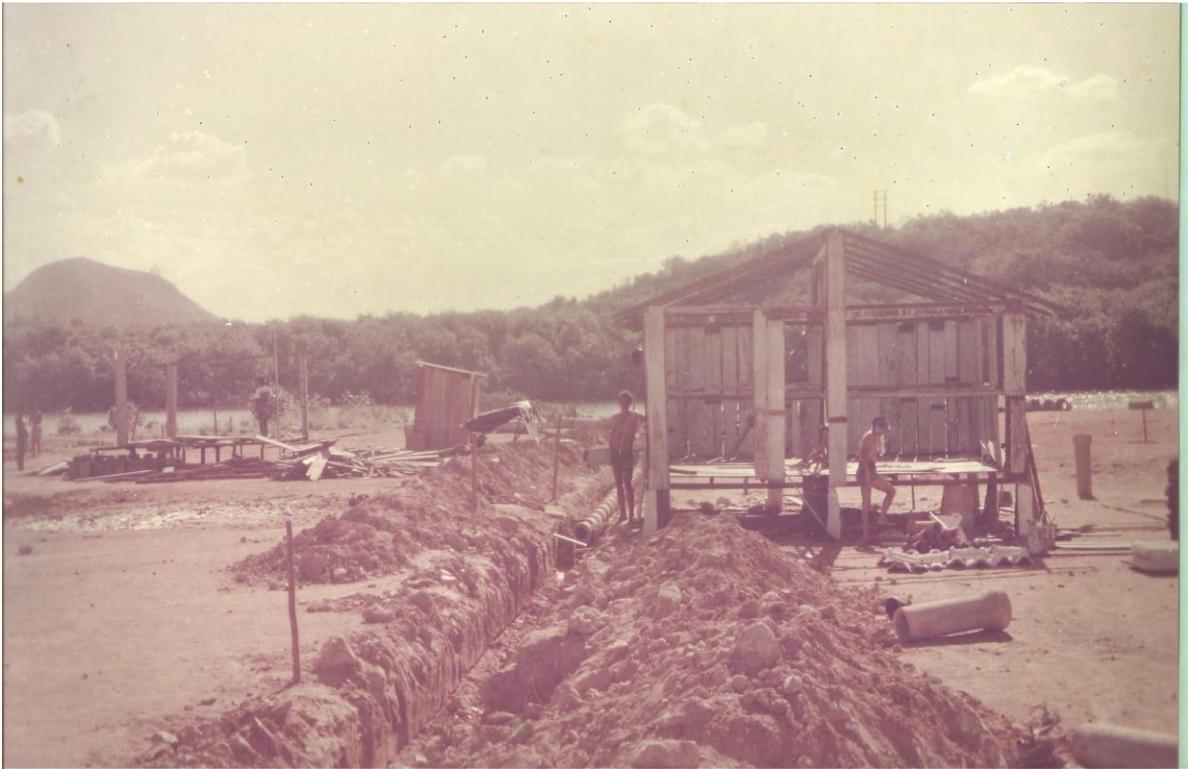
APÊNDICE B- Galeria de fotos – O olhar na história



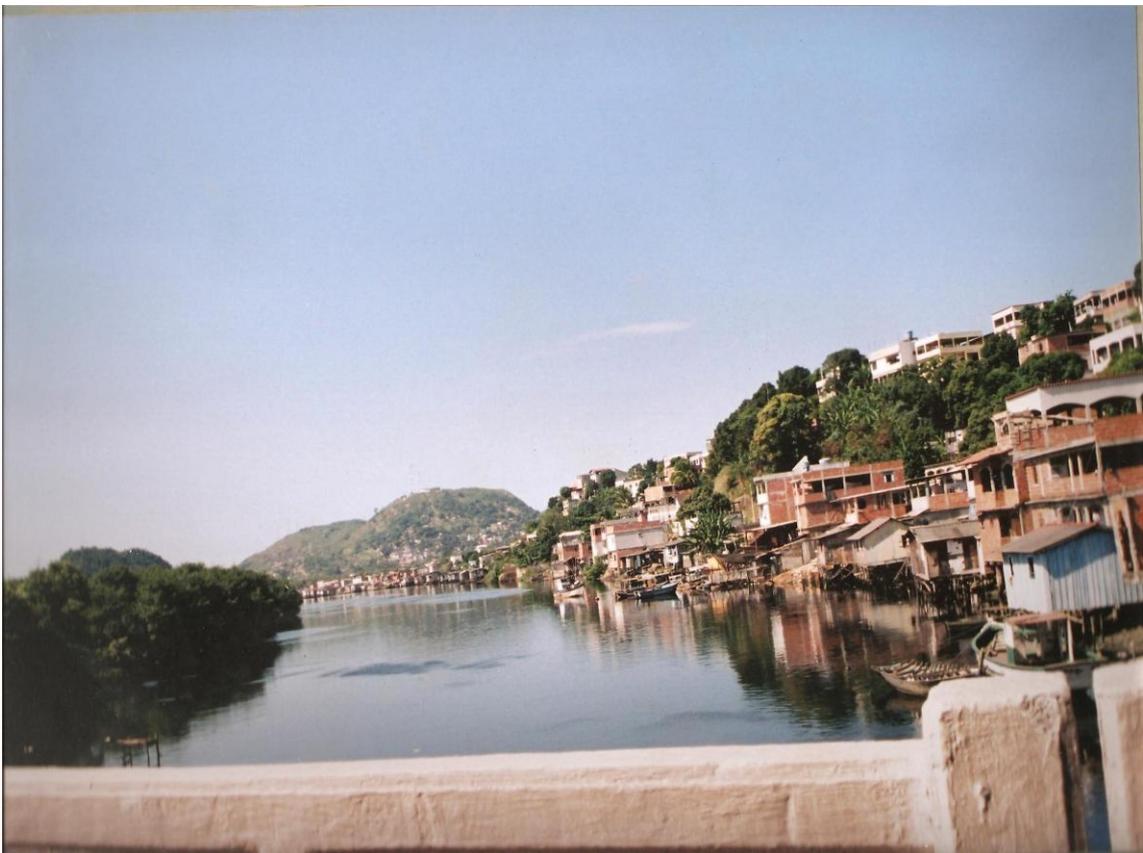
















9. ANEXOS

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

O presente termo refere-se a um convite para participar, como voluntário (a), da pesquisa de Mestrado intitulada, “OCUPAR, RESISTIR, CONSTRUIR E MORAR”: manguezal berçário de memórias, que utilizou fotos (imagens) cedidas pelos entrevistados (antigos moradores do bairro Dom João Batista – Vila Velha /ES) para acompanhar os depoimentos relatados nos encontros. A pesquisa de campo, realizada durante o ano de 2009, visou levantar as lembranças coletivas que constituíram o lugar – o bairro Dom João Batista, por meio de entrevistas, momento em que há fala e/ou diálogo, gravados e/ou anotados. A produção de dados foi realizada pela pesquisadora Mally Teixeira Freire, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo, orientada pela Prof.^a Dr.^a Lilian Rose Margotto.

Esclarecimentos quanto à participação:

- A identificação dos participantes não é prioridade para pesquisa. No entanto, os nomes dos participantes aparecerão assim como as imagens, mas não visam a identificação;
- Não haverá riscos para a sua saúde;
- Não haverá nenhuma forma de pagamento;
- É permitido desistir, a qualquer momento, da participação;
- Os benefícios da participação serão indiretos;
- É possível obter todas as informações e esclarecimentos que julgar necessários diretamente com a pesquisadora;
- Ao término da pesquisa será realizada uma reunião devolutiva com todos os participantes da pesquisa;

- Os resultados da pesquisa serão apresentados em artigos e eventos científicos.

Assim, se o (a) Sr. (a) aceitar o convite para participar da pesquisa e autorizar o uso gratuito de seu nome, imagem e voz em DVD (“digital video disc”) e internet, para fins de divulgação desta pesquisa, por favor, preencha os espaços abaixo:

Eu,

_____, RG _____, fui devidamente esclarecido (a) do projeto de Pesquisa acima citado e aceito o convite para participar, assim como autorizo o uso gratuito de meu nome, imagem e voz em DVD (“digital video disc”) e internet ou em outra mídia para fins de divulgação desta pesquisa.

Vitória, _____ de _____ de 2010.

Mally Teixeira Freire (pesquisadora)

Para qualquer esclarecimento consulte a pesquisadora: 9223.4063/ 3349.9298

ANEXO B - Informativos da Prefeitura Municipal de Vila Velha e Jornais A Gazeta e a Tribuna

O BAIRRO DOM JOÃO BATISTA É NOTÍCIA DE JORNAL

Regularização fundiária no bairro Dom João Batista em Vila Velha/ ES é concluído com entrega de títulos pela Prefeitura Municipal

Fonte: Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano (SEMDU) Equipe HBB/Regularização Fundiária- PMVV/ES.

Matéria de Vivia Fernandes - 01/10/2008 (acesso em 9 de abril de 2010)

O prefeito Max Filho passou a manhã desse domingo (28/10) debruçado em cima de um calhamaço de documentos com um único objetivo: assinar, uma por uma, as 260 escrituras dos terrenos pertencentes às famílias de Dom João Batista, atendidas pelo programa de moradia popular Habitar Brasil I.

A cerimônia de regularização fundiária dos terrenos foi realizada na quadra da Unidade Municipal de Ensino Fundamental (Umef) Cecília Marchesi Pavesi.

No local, de forma organizada, os moradores participaram do ato de assinatura e da conferência de toda a documentação. Max Filho comemorou a conquista com os moradores. “Vocês são vitoriosos porque conquistaram um sonho. Compartilho com cada um de vocês dessa alegria, de terem reconhecidos seus direitos como cidadãos”, ressaltou. Com as escrituras assinadas, o próximo passo, agora, é providenciar o registro dos lotes no cartório de Registro de Imóveis, que será feito pela própria prefeitura. A previsão é de que o documento final seja liberado em 45 dias.

O Secretário Municipal de Desenvolvimento Urbano, Magno Pires, também ressaltou a importância da iniciativa. “É um sonho antigo de todos vocês, mas sonho que se sonha junto vira realidade”, disse, lembrando, em seguida, que várias outras obras e ações do Habitar Brasil contemplaram o bairro. “Foram 39 ruas pavimentadas, mais de quatro mil metros de rede coletora de esgoto, mais de três mil metros de rede de drenagem pluvial, 219 ligações domiciliares de

água, além de 228 casas entregues”, contabilizou. Os investimentos, segundo ele, totalizam mais de R\$ 10,8 milhões entre recursos federais e municipais.

Lar perfeito

A aposentada Maria José Anacleto de Abreu foi a primeira a ver a escritura do seu imóvel assinada pelo prefeito. Em nome das famílias que tiveram suas casas construídas, a aposentada recebeu, de forma simbólica, a chave do seu imóvel. “Minha casa é perfeita. Ganhei uma moradia do jeitinho que pedi a Deus e só tenho que agradecer”, confessou emocionada, arrancando aplausos do público presente. Moradora do bairro há 19 anos, a aposentada lembrou que vivia num barracão de madeira, que se transformou em uma casa de alvenaria com dois quartos, sala, cozinha e banheiro. “Já botei cerâmica em tudo. Até o Natal, espero ter construído duas varandas em estilo colonial”, planeja.

Residindo no mesmo bairro, o aposentado Hélio dos Santos também viu o barraco de madeira da família se transformar em um lar seguro e confortável. “Estou satisfeito porque agora posso dar uma moradia mais digna ao meu filho”, revela. O filho de Hélio, o ajudante de cozinha Jonata Souza, 21 anos, também agradece o novo lar. “Quando vim pra cá, tinha 14 dias de nascido. Morávamos em um barraco de madeira, que tinha uma única viga. Meu pai foi atendido pelo projeto e, desde então, só temos melhorado o nosso lar”, lembrou.

Fonte: Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano (SEMDU) Equipe HBB/Regularização Fundiária- PMVV/ES.

19/07/2009 (acesso em 09 de abril de 2010)

Neste sábado (20), os moradores de Dom João Batista, em Vila Velha, vão receber das mãos do prefeito Neucimar Fraga os documentos de posse definitiva de suas casas. Serão 135 escrituras entregues em cerimônia que vai acontecer na UMEF Cecília Marchesi Pavesi, que fica no bairro, a partir das 15 horas.

De acordo com o secretário Municipal de Desenvolvimento Urbano, Ricardo Chiabai, a entrega dos documentos representa um marco na política de desenvolvimento urbano e de regularização fundiária de Vila Velha.

“Temos como meta a regularização de diversas áreas na cidade. Em parceria com o Ministério Público vamos buscar meios de trazer para a legalidade todos os bairros, loteamentos e empreendimentos que estejam em desacordo com a lei”, destaca Chiabai.

O bairro Dom João Batista se formou a partir de uma invasão em antiga área de marinha. A regularização das moradias foi possível devido ao Programa Prioritário de Investimentos /Programa de Aceleração do Crescimento do Governo Federal - denominado PPI/PAC Dom João Batista

Conforme o Coordenador de Políticas Habitacionais de Vila Velha, Luiz Cláudio Campista, as etapas de regularização do bairro contemplaram a reurbanização do local, o saneamento, a regularização fundiária e a legalização dos imóveis.

“A entrega das escrituras é uma grande vitória para esses moradores que aguardaram muito tempo por esse dia. As pessoas se sentem cidadãos efetivamente, donas de suas casas, concretizando um sonho”, falou Luiz Cláudio Campista. Em 2010 será executada a segunda etapa do PPI/PAC Dom João Batista, quando serão entregues cerca de novas 500 escrituras.

ANEXO C Vista aérea do Manguezal – Região do Aribiri (Glória e Dom João Batista).

2007



2005



1998



1978



1970

